



Universidades Lusíada

Carvalho, Catherine Sophia Jesus

A influência do espaço nas experiências multissensoriais : os géneros e a Arquitetura : perspectivas de inclusão

<http://hdl.handle.net/11067/7631>

Metadados

Data de Publicação

2023

Resumo

A presente dissertação destaca a crescente relevância da componente emocional na arquitetura, um tema que tem vindo a ser tornar cada vez mais crucial à medida que a nossa compreensão da relação entre o ser humano e o ambiente construído evolui. A mudança de paradigma, da visão cartesiana da separação entre mente e corpo para a visão integrada de Damásio, é particularmente significativa neste contexto. Ao reconhecer que as emoções e os sentimentos desempenham um papel vital na experiência arqui...

This dissertation highlights the growing relevance of the emotional component in architecture, a topic that has become increasingly crucial as our understanding of the relationship between humans and the built environment. The paradigm shifts from the cartesian view of the separation between mind and body to Damasio's integrated perspective is particularly significant in this context. By recognizing that emotions and feelings play a vital role in the architectural experience, the need to consid...

Palavras Chave

Arquitetura, Teoria da arquitectura, Arquitectura sensorial, Fenomenologia

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULP-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-20T09:07:57Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADES LUSÍADA DO PORTO

**A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO NAS EXPERIÊNCIAS
MULTISSENSÓRIAS**

Os Géneros e a Arquitetura: Perspetivas de Inclusão

Catherine Sophia Jesus Carvalho

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Porto, 2023



UNIVERSIDADES LUSÍADA DO PORTO

**A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO NAS EXPERIÊNCIAS
MULTISSENSORIAIS**

Os Géneros e a Arquitetura: Perspetivas de Inclusão

Catherine Sophia Jesus Carvalho

Orientador **Professora Doutora Carla Carvalho**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Porto, 2023

Agradecimentos

À minha mãe, Cidália, por todo o apoio.

Ao meu avô, António (em memória), pela força, motivação e pelas histórias que me levaram a seguir este caminho.

À professora doutora, Carla Carvalho, pela orientação, paciência e sabedoria.

À comunidade académica, pelo ambiente de aprendizagem e crescimento intelectual.

A todos vocês, o meu muito obrigada.

Índice	
Resumo	viii
Abstract	iv
Palavras-chave	x
Introdução	1
Capítulo I - Relação Homem – Arquitetura: Processo de formação de emoções	
1.1 Cérebro e corpo como máquina única	4
1.2 Pensamento visual	8
1.3 Imaginação	12
1.4 Emoções e Sentimentos	15
Capítulo II - Gerar Arquitetura, Gerar Emoções. Da intenção à prática	
2.1 Espaço	20
2.1.1. Espaço	20
2.1.2. Lugar	21
2.1.3. Pensamento arquitetônico	24
2.1.4. Fenomenologia	26
2.2 Movimento e o Espaço	29
2.2.1. Tempo	32
2.2.2. Memória	35
2.2.3. Bagagem cultural	37
2.2.4. Identidade	39
2.3 Material e Imaterial	41
2.3.1. Estímulos	43
2.3.2. Luz e Sombra	46
2.3.3. Cor e Ausência da mesma	51

2.3.4. Textura	57
2.3.5. Materialidade	59
Capítulo III - O Espaço do Género	
3.1. Género e Arquitetura	62
3.1.1. O Corpo na Arquitetura, numa perspetiva de género	63
3.2. Género na Vivência do Espaço	70
3.2.1. O Espaço Privado	70
3.2.2. O Espaço Público	74
3.3. “O” Cidade – ponderação sobre o género da cidade	77
3.4. Género na conceção arquitetónica	78
3.4.1. A contribuição	78
3.5. Conclusões	79
Capítulo IV	
4.1. Casos de Estudo	81
4.1.1. Vanna Venturi House, Robert Venturi	82
4.1.2. Eames House, Charles e Ray Eames	85
4.1.3. Casa Stahl, Pierre Koenig	87
4.1.4. Women’s Memorial and Education Center, M. Weiss e M. Manfred	89
4.2. Conclusão da Análise	92
Conclusão	95
Bibliografia	99
Lista de Figuras	101

Resumo

A presente dissertação destaca a crescente relevância da componente emocional na arquitetura, um tema que tem vindo a ser tornar cada vez mais crucial à medida que a nossa compreensão da relação entre o ser humano e o ambiente construído evolui. A mudança de paradigma, da visão cartesiana da separação entre mente e corpo para a visão integrada de Damásio, é particularmente significativa neste contexto.

Ao reconhecer que as emoções e os sentimentos desempenham um papel vital na experiência arquitetónica, ressalta-se a necessidade de considerar o homem como um ser completo, onde mente e corpo estão interligados. Esta compreensão mais profunda da natureza humana tem implicações significativas na conceção arquitetónica. Os espaços que criamos não são apenas objetos físicos, mas também influenciam o nosso estado emocional, pensamentos e comportamentos. Ao entender como diferentes ambientes afetam as nossas emoções, podemos projetar espaços que promovam o bem-estar mental e emocional.

Pretende-se não só analisar as teorias, mas também oferecer uma aplicação prática destes conceitos na arquitetura. Isto é crucial, pois incentiva a considerarmos não só a funcionalidade e estética, mas também o impacto emocional dos espaços que criamos. Este enfoque sensível e centrado no ser humano é essencial para o futuro da arquitetura, pois promove o enriquecimento dos espaços traduzindo-se no campo emocional de quem os vai utilizar.

Abstract

This dissertation highlights the growing relevance of the emotional component in architecture, a topic that has become increasingly crucial as our understanding of the relationship between humans and the built environment. The paradigm shifts from the cartesian view of the separation between mind and body to Damasio's integrated perspective is particularly significant in this context.

By recognizing that emotions and feelings play a vital role in the architectural experience, the need to consider humans as complete beings, where mind and body are interconnected, is emphasized. This deeper understanding of human nature has significant implications in architectural design. The spaces we create are not just physical objects; they also influence our emotional state, thoughts, and behaviors. By understanding how different environments affect our emotions, we can design spaces that promote mental and emotional well-being.

The aim is not only to analyze theories but also to provide a practical application of these concepts in architecture. This is crucial as it encourages us to consider not only functionality and aesthetics but also the emotional impact of the spaces we create. This sensitive, human-centered approach is essential for the future of architecture as it promotes the enrichment of spaces, translating into the emotional realm of those who will use them.

Palavras-chave

Arquitetura Sensorial | Emoções | Espaço | Fenomenologia | Projeto

Introdução

Ao longo de toda a nossa jornada, desde os primeiros anos de vida até ao período em que nos encontramos atualmente, imersos na nossa educação formal, somos confrontados com uma miríade de questões complexas e multifacetadas. Nestes momentos cruciais de desenvolvimento e aprendizagem, torna-se evidente que as emoções frequentemente são colocadas em segundo plano em prol de considerações práticas e objetivas. Apesar de possuímos uma compreensão intuitiva da sua importância, raramente discutimos abertamente sobre emoções, o que resulta no seu esquecimento gradual e silencioso.

Para combater esse esquecimento e promover uma maior consciencialização sobre a importância das emoções, esta dissertação empreende uma investigação aprofundada sobre como as emoções são processadas nas interações humanas com o ambiente circundante. O objetivo central é examinar minuciosamente como essas interações subtis podem moldar o processo criativo na arquitetura, visando proporcionar experiências mais profundas, significativas e enriquecedoras aos utilizadores dos espaços arquitetónicos.

Numa primeira abordagem, no primeiro capítulo, realizaremos uma análise metódica do processo que se desencadeia quando um indivíduo se depara com o vasto mundo que o rodeia, baseando-nos nas abordagens de Muga.

Constantemente, somos expostos a uma gama diversificada de estímulos e respondemos principalmente através de uma complexa teia de sentimentos e emoções. Investigaremos como o ser humano, enquanto ser sensível e emocional, lida com esses estímulos, mergulhando nas profundezas das suas reações emocionais, com o apoio das obras de António Damásio. De seguida, exploraremos de forma detalhada como essas informações sensoriais não são apenas recebidas, mas também processadas pelo nosso ser interior, gerando impacto no nosso comportamento e perceção do ambiente que nos rodeia.

No segundo capítulo, falaremos de como as emoções exercem uma influência profunda no processo de conceção arquitetónica. Destacaremos a importância transformadora de uma arquitetura concebida para invocar respostas emocionais autênticas e intensas nos utilizadores, para isto apoiamo-nos nos estudos e obras de Bachelard, Peter Zumthor, Norberg-Schulz e Juhani Pallasmaa. Começamos por identificar as necessidades humanas fundamentais, como um foco agudo na rica e complexa esfera emocional. A arquitetura, ao atender a essas necessidades, emprega uma linguagem composta por elementos arquitetónicos que conferem forma e substância aos espaços. Se esses elementos

forem manipulados de forma consciente e intencional, podem refletir as complexidades da experiência humana, criando-se assim a tão desejada fusão entre o Homem e a Arquitetura, entre conceitos teóricos e experiências reais e tangíveis.

Com o aparecimento e reconhecimento de novas identidades de género, surge uma questão crucial de até que ponto a arquitetura deve acomodar todas essas identidades. Embora a criação de espaços inclusivos e acolhedores seja uma meta admirável, é imperativo considerar o impacto potencial dessa inclusão nas identidades de género já estabelecidas. A arquitetura deve abordar essas mudanças de forma sensível, inovadora e ética, mas sem comprometer ou causar desconforto às identidades que sempre fizeram parte do tecido social, porém de que forma podemos conseguir isso? Para nos ser possível respondermos a estas questões, procuramos apoiar-nos nos estudos e pensamentos teóricos de Jorge Figueira, Virgínia Ferreira, Ana Margarida Esteves, entre outros.

A proposta de criar espaços inclusivos que atendam a todas as identidades de género, sem provocar desconforto, constitui um desafio significativo, neste sentido é fundamental que a arquitetura considere aspetos de privacidade, segurança e acessibilidade para todas as pessoas, mas também respeite e preserve as normas e convenções que já estão em vigor.

A qualidade da arquitetura é, portanto, meticulosamente determinada pela forma como esses elementos são combinados e integrados, assegurando que a inclusão de novas identidades não exclua às identidades já estabelecidas. Exemplos inspiradores de arquitetura devem demonstrar como é possível acomodar a diversidade de género sem perturbar a harmonia dos espaços previamente concebidos. A abordagem arquitetónica deve ser cuidadosa e ponderada, equilibrando a inovação e preservação das tradições e confortos aos quais estamos habituados.

Neste contexto, a presente dissertação procura explorar as práticas arquitetónicas que promovem a inclusão de diversas identidades de género, discutindo os desafios e limites inerentes a esse processo. A investigação visa não só analisar os princípios teóricos subjacentes à criação de espaços inclusivos, mas também apresentar casos de estudo que exemplifiquem como essas teorias podem ser implementadas de forma equilibrada e eficaz.

Desta forma, esta dissertação pretende contribuir significativamente para o campo da arquitetura, com um guia prático e teórico para a criação de espaços que sejam inclusivos, mas que também respeitem e preservem as identidades de género já estabelecidas.

Em última análise, espera-se que esta dissertação inspire arquitetos a adotar abordagens mais equilibradas e ponderadas, promovendo uma sociedade mais justa e igualitária sem comprometer o conforto e segurança de ninguém. A procura por um equilíbrio entre inovação e tradição é fundamental para assegurar que todos os indivíduos se sintam valorizados e respeitados nos espaços construídos. É essencial que a arquitetura, enquanto disciplina e prática, reconheça a complexidade e a diversidade das experiências humanas, mas sem desestabilizar as estruturas sociais.

Assim, a inclusão arquitetônica deve ser vista como um processo de integração harmoniosa, onde a novidade não se sobrepõe de forma disruptiva ao que já existe, mas, contrariamente, incorpora de forma a enriquecer e expandir o espectro de experiências e identidades atendidas. Como discutido por Giddens (2000), esse equilíbrio delicado exige uma abordagem reflexiva e ética, garantindo que a arquitetura cumpra o seu papel social de promover bem-estar e inclusão.

Capítulo I

Relação Homem – Ambiente Construído: Processo de formação de emoções

1.1 Cérebro e corpo como máquina única

Neste capítulo, a nossa meta é aprofundar a nossa compreensão sobre a origem das emoções, uma vez que elas representam uma das partes essenciais no desenvolvimento dos sentimentos e, conseqüentemente, no comportamento humano. É fundamental reconhecer que as emoções desempenham um papel crucial no processo de desenvolvimento arquitetônico. Contudo, essa relevância somente se concretiza quando essas emoções influenciam os usuários, ou seja, as pessoas que de facto vivenciarão e interagirão com o ambiente arquitetônico em questão.

Assim sendo, a nossa investigação inicia-se num contexto mais amplo: o campo da psicologia. Ao analisarmos o comportamento humano, é imperativo que nos apoiemos na ciência que o estuda de maneira holística, considerando todas as suas facetas e nuances.

Durante a nossa exploração sobre o tema, é evidente que existem diversas correntes de pensamento que evoluíram ao longo do tempo. Muga (2055:13) destaca essas correntes ao mencionar os quatro modelos propostos por Altman e Rogoff: os modelos dos traços, interacionista, organismo-sistêmico e transacional.

Do último modelo mencionado, o transacional, emerge uma nova corrente de pensamento denominada por psicologia ambiental. Esta abordagem concentra-se na relação recíproca entre o comportamento humano e o ambiente físico ou natural que o cerca, englobando, portanto, a arquitetura. Explorar esta dinâmica complexa e interligada entre emoções, comportamento humano e ambiente arquitetônico é fundamental para o nosso estudo, pois permite-nos compreender de maneira mais profunda as nuances que moldam as interações entre indivíduos e os seus espaços físicos.

Focando-nos agora no conceito de psicologia ambiental, existe claramente uma interação multifacetada entre este conceito e a arquitetura, que revela uma relação complexa entre o meio físico e o bem-estar psicológico dos indivíduos que nele habitam. Enquanto a psicologia ambiental dedica-se de forma especializada ao estudo das influências do ambiente

sobre o comportamento humano, a arquitetura assume o papel primordial de conceber e configurar estes espaços de forma contemplar as necessidades e exigências dos utilizadores.

A combinação destas duas disciplinas oferece uma diversidade de perspectivas e *insights* valiosos para a criação de ambiente, que não apenas, promovam o conforto e a produtividade, mas também melhorem a saúde mental, questão que atualmente levanta cada vez mais preocupações. Na sua essência, parte do pressuposto fundamental de que o ambiente físico não é mero pano de fundo estático, mas sim um agente ativo que exerce influencia direta sobre o comportamento humano. A arquitetura assume a responsabilidade de traduzir os princípios da psicologia ambiental em forma tangíveis e estruturas concretas, não considerando apenas os aspetos funcionais e estéticos na conceção de um edifício, mas também se dedicam a compreender e incorporar o impacto que terá nos utilizadores ao nível da psique.

Abordando esta temática de forma mais prática, existe uma preocupação com a seleção de materiais a utilizar, meticoloso estudo dos espaços interiores, ou seja, cada detalhe deve ser cuidadosamente ponderado, pois arquitetos não pretendem apenas criar espaços, mas também gerar emoções. Um exemplo desta interseção importante entre a psicologia e a arquitetura pode ser observado no contexto de projetos de espaços de saúde, como hospitais ou clínicas, pesquisas elaboradas têm vindo a demonstrar de forma consistente que ambientes hospitalares que incorporam elementos como luz natural, cores suaves e elementos vegetais, podem desempenhar um papel crucial na redução de stress dos pacientes, contribuindo de maneira ativa na recuperação de forma mais rápida e eficaz.

Além disso, esta combinação não só se aplica em contexto de espaço interior, como também na conceção de espaços públicos. Ao considerarmos as necessidades de diversos grupos de utilizadores, como idosos, crianças e pessoas com mobilidade reduzida ou alguma incapacidade, temos a possibilidade de criar ambientes que são acolhedores e que são funcionalmente adaptados a todos os seus utilizadores, promovendo assim, maior inclusão e coesão social.

Não inteiramente contrária à ideia de Muga, surge António Damásio (2005:104) que no seu entendimento, a mente emerge de uma conexão intrínseca entre o cérebro e o corpo. Ao examinarmos as ideias de Muga (*ibidem*, 27), percebemos que os processos fundamentais pelos quais os seres humanos interagem com o ambiente – memória, percepção e pensamento - são interdependentes e operam em simultâneo. No entanto, Muga opta por

analisá-los de maneira separada, simplificando a explicação e a compreensão desses processos intrincados.

Do nosso ponto de vista, é a lógica que Muga apresenta que parece perder a essência do processo de formação das emoções. Ele inicia ao descrever os estímulos como o ponto de partida de ativação do sistema sensorial humano, um resultado direto da interação com o ambiente circundante.

Em seguida, a informação obtida é processada pelo cérebro e pelos fenômenos de percepção. Esses dados são caracterizados e armazenados na memória, para mais tarde serem completados por processos de pensamento que permitem ações e resoluções de problemas. Damásio também introduz o conceito de afetividade, que permeia todos esses processos de emoção e sentimento, e que ele denomina como a terceira dimensão humana, em paralelo com as dimensões física e intelectual. Contudo, acreditamos que essa abordagem linear não captura totalmente a complexidade e a riqueza do processo emocional humano, que é intrinsecamente interligado e multifacetado na sua natureza. Em vez de uma sequência linear, vemos estes processos como uma rede intrincada de interações dinâmicas, onde a emoção, o pensamento e a percepção se entrelaçam como que numa dança complexa, moldando assim a experiência humana de maneiras profundas e variadas.

Estamos profundamente entrelaçados com a interpretação de António Damásio. No entanto, já conseguimos discernir uma distinção fundamental entre as duas perspectivas, apesar de ambas concordarem sobre a centralidade da interação sensorial e ambiental. Damásio é incisivo ao vincular o corpo e o cérebro como uma entidade indivisível, intrincada e precisa, destacando a conexão intrínseca entre corpo, mente e cérebro. Isso contrasta com a visão anterior que considerava o corpo apenas como um recetor passivo de estímulos, tornando essa abordagem inicialmente complexa e paradoxal.

Contudo, ao explorarmos fenômenos como percepção, memória e afetividade, conforme mencionado por Muga, a profundidade da interconexão proposta por Damásio torna-se evidente. Na nossa análise, a sua explicação não apenas esclarece, mas também aborda questões que nos inquietam há algum tempo.

Guiados pela premissa estabelecida por Damásio, decidimos empreender uma investigação aprofundada dos processos fundamentais de interação entre o ser humano e o ambiente que o rodeia. A fusão desses processos – envolvendo estímulos e sistema sensorial, percepção e pensamento, imaginação, memória e cultura, emoções e sentimentos – numa

intricada e continua independência constitui o comportamento humano. Este apresenta-se como o ponto de partida crucial para a nossa dissertação, enquanto procuramos incansavelmente coerência nas perguntas que nos inquietam profundamente. Uma compreensão mais aprofundada desses mecanismos, sem dúvida, nos proporcionará insights sobre o porquê de experiencarmos arrepios diante de determinadas criações, cenários ou circunstâncias. Assim, começamos a nossa investigação, analisando minuciosamente o intrincado sistema que surge do mundo dos estímulos e dos sentidos, analisando cuidadosamente como o ser humano interage com o meio físico e os diversos processos preceptivos e cognitivos que emergem desse contexto.

Ao adentrarmos no universo do pensamento de Husserl e na sua fenomenologia de investigação, deparamo-nos com Edmund Husserl, conhecido por ser o pai da fenomenologia, que sentiu que a premente necessidade de estabelecer um método de análise mais minucioso para explorar a interação entre o sujeito e o mundo, bem como os fenômenos que o envolvem. Ele desafiou as crenças predominantes da sua época, que dividiam de forma dicotômica o sensível do intelectual, concebendo a consciência como uma entidade isolada. Para Husserl, os fenômenos devem ser apreendidos exatamente como se apresentam, por meio de uma análise profunda e reflexiva, enquanto a consciência é percebida como um movimento, um gesto em direção ao conhecimento. Conforme a sua visão, a consciência está sempre direcionada para algo e não existe de forma independente do objeto que se apresenta, um conceito que o mesmo denominou de intencionalidade. Por sua vez, Merleau-Ponty, apropriou-se dessas concepções de Husserl, expandindo-as ao acrescentar a dimensão corporal. Ele reconheceu o corpo como portador da consciência, operando como uma entidade unificada, à qual ele se referiu como corpo vivido. Identificando o ser humano como o foco central de sua investigação.

De forma resumida, Damásio evidencia que o cérebro e o corpo estão intrinsecamente conectados por intrincados circuitos neurológicos e bioquímicos, estabelecendo uma comunicação recíproca. Essa comunicação manifesta-se de forma mais clara através dos nervos motores e sensoriais periféricos, que enviam sinais ao cérebro por meio da medula espinhal. No sentido oposto, o cérebro influencia o corpo por meio de nervos, sob a regulação do sistema nervoso autônomo e do sistema nervoso músculo-esquelético, além de substâncias químicas libertadas na corrente sanguínea.

O ambiente por sua vez também exerce influencia sobre o organismo, à medida que os sentidos e as suas terminações nervosas emitem sinais ao cérebro. Esses sentidos (olfativos, visuais, tato, etc.) são conhecidos como córtices iniciais. Damásio explica que, embora seja tentador unir todos esses sinais sensoriais diversos para criar uma representação completa do todo percebido, a natureza não opera dessa maneira. Esses setores permanecem separados de forma autónoma e não conseguem se comunicar diretamente entre si. A comunicação tem início nos portos sensoriais iniciais, que se conectam com as regiões intermediárias, as quais, por sua vez, estabelecem vínculos com áreas ainda mais remotas, formando uma intrincada rede de comunicação neurológica. A informação é então transferida por projeções diretas, que convergem para áreas específicas do processamento neurológico gerando uma diversidade de padrões e conexões. Esta atividade, combinada aos processos dos setores de entrada e saída, é responsável pela formação das imagens momentâneas na nossa mente, revelando a insondável complexidade do funcionamento cerebral humano.

1.2 Pensamento Visual

Diante dessas imagens efêmeras, lançamo-nos numa viagem interpretativa dos sinais que nos são apresentados, cuidadosamente organizando-os em conceitos e atribuindo-lhes uma classificação meticulosa. A partir desse ponto, a nossa capacidade de raciocínio entra em ação, orientando-nos na seleção das respostas adequadas para cada situação, dentro do vasto espectro disponível.

Se explorarmos os intrincados sistemas entre os principais setores sensoriais de entrada e saída do cérebro, deparamo-nos com uma teia complexa que engloba os córtices de associação, os gânglios basais, o tálamo, os córtices do sistema límbico e os núcleos límbicos, além do tronco cerebral e do cerebelo. Coletivamente, esses sistemas reagem e concentram informações e conhecimentos inatos e adquiridos sobre o corpo, o mundo exterior e a interação do cérebro com o corpo e o ambiente. Esse conhecimento é fundamental para a seleção de respostas motoras e sinais mentais de saída, os quais, por sua vez, moldam as imagens que compõe os nossos pensamentos. É comum imaginar, uma única estrutura cerebral que interage os diferentes processos sensoriais da mesma forma que são apresentados à mente. O que está integrado na mente também está integrado no cérebro.

No entanto, Damásio (ibidem: 110), menciona Daniel Dennett, um académico que estudou extensivamente o conceito, conhecido “teatro cartesiano”, apesar de intrigante, no

campo da neurociência, esta ideia é considerada inviável, o principal argumento contra esta visão reside na falta de evidências provenientes dos estudos realizados sobre a existência de um único local de integração que processe as diferentes modalidades sensoriais com precisão e num espaço de tempo perfeito. Apesar de desafiante e dos problemas apresentados, parece sensato, sendo também apoiada por vários pesquisadores e respaldada pela própria natureza, que dotou cada sistema sensorial com mecanismos poderosos de atenção e memória de trabalho, essenciais para estabelecer essa integração.

Portanto, torna-se crucial caracterizar a natureza dessas imagens mentais. Damásio faz uma distinção entre imagens preceptivas e imagens evocadas. As preceptivas, são formadas por diversas modalidades sensoriais, como o cheiro a café pela manhã, ouvir as ondas do mar, tocar na areia, etc. Por outro lado, as imagens evocadas referem-se ao pensamento sobre qualquer outra coisa, incluindo essas sensações. Por outras palavras, lembrar o rosto de uma pessoa de quem gostamos bastante, também nos é apresentado na forma de imagens. Essas imagens surgem independentemente das características que as compõem, como cores, sons, palavras, entre outros. Além disso, é possível evocar memórias do passado e projetá-las para o futuro, basicamente utilizar uma memória para planejar algo que não aconteceu ainda, criando assim um cenário mental para uma determinada situação. Estas imagens, sejam elas quais forem, revelam a complexidade e a riqueza do funcionamento da mente humana.

A profundidade do nosso entendimento sobre o funcionamento intrincado do cérebro humano revela-se nas complexas criações mentais que o mesmo é capaz de produzir.

Seja nas imagens preceptivas que experienciamos ao observar o mundo ao nosso redor, nas imagens evocadas do passado que surgem na nossa mente ou nas projeções da imaginação do futuro, todas essas imagens são originárias do nosso cérebro, uma parte fundamental do nosso organismo. Quando se trata do ambiente, incluindo texturas, sons, formas, cores e espaço, destaca-se a capacidade intrínseca do cérebro de criar representações mentais que são reais para nós. Contudo, até que ponto é que essas imagens correspondem à realidade absoluta fora da nossa mente? É uma questão complexa e até filosófica, que nos leva a refletir sobre a natureza da percepção e da experiência humana. Embora essas imagens sejam incontestavelmente reais para nós, não passam de interpretações passadas e processos cognitivos. Assim sendo, mais uma vez somos testemunhas da capacidade genial de criação

da mente humana, que não envolve apenas a percepção, mas também o raciocínio e a memória.

Damásio, lança luz sobre a complexidade dessa atividade neurológica, destaca que a atividade, intimamente associada a essas imagens ocorre nos córtices sensoriais iniciais do cérebro, embora seja influenciada e controlada por processos complexos em outras áreas cerebrais, portanto podemos constatar que é o processo multidimensional que vai além dos córtices iniciais. Assim sendo, é essencial compreender que essas imagens, independentemente da sua origem.

Porém as imagens, não são apenas produtos da percepção, vão além de simples representações visuais ou auditivas, incluem experiências táteis, olfativas, gustativas e emocionais. Além disso, as imagens mentais não são meramente reproduções estáticas do mundo exterior, são dinâmicas, moldadas pela nossa memória, emoções e pensamentos. Ao lembrar ou imaginar, o nosso cérebro tece narrativas vividas que se desdobram diante dos nossos olhos mentais.

O facto de não termos clara certeza se podemos ou não confiar nestas imagens, fazem que elas sejam únicas, não são simples reproduções fotográficas do mundo, são a nossa interpretação do mundo, em conjunto com as nossas emoções e experiências pessoais. Isto permite-nos criar, inovar e imaginar além dos limites da realidade. As imagens mentais não são meros espelhos do mundo, mas sim janelas para o nosso mundo interior, oferecendo aos outros e a nós próprios, profundo conhecimento sobre a nossa psique e a nossa humanidade.

Portanto, ao contemplarmos a complexidade das imagens mentais, devemos reconhecer não apenas a sua imprecisão, mas também a sua profundidade e significado. Em última análise, as imagens mentais são uma parte essencial da experiência humana, enriquecendo a nossa compreensão do mundo e de nós próprios, a nossa capacidade de criar e habitar esses universos mentais é verdadeiramente uma das maravilhas da mente humana.

“Quando penso na arquitetura, ocorrem-me imagens. Muitas dessas imagens estão relacionadas com a minha formação e com o meu trabalho como arquiteto. Contêm o conhecimento profissional da arquitetura que pude ganhar no decorrer do tempo. Outras imagens têm a ver com a minha infância. Lembro-me desse tempo em que vivia a arquitetura sem pensar sobre isso.” (Zumthor, 2009: 7)

A arquitetura transcende a mera construção de edifícios, é um reflexo da cultura, história e identidade de uma sociedade. Ao contemplarmos a arquitetura como guiados por um mundo de imagens mentais intrigantes. Podemos até caracterizar estas imagens como portais para a criatividade humana, que revelam a interseção entre o funcional e o estético, entre o sonho e a realidade. Ao fecharmos os olhos e imaginarmos arquitetura, podemos imergir numa cidade futurista, onde arranha-céus e pontes que se estendem como braços entre edifícios, formando uma paisagem urbana inimaginável. Ou talvez, visualizamos um castelo antigo, com as suas torres e pontes levadiças, trazendo-nos nostalgia e encanto em simultâneo. Podemos também, numa quarta-feira aleatória, percorrer os corredores de uma catedral gótica, maravilhando-nos com os vitrais coloridos que filtram a luz do sol, ou então estamos num jardim japonês sereno, onde a arquitetura se integra com a natureza.

Além disso, estas imagens podem-nos levar a explorar ideias futuras no que diz respeito ao pensar arquitetura, como cidades sustentáveis com coberturas verdes e edifícios inteligentes que se adaptam ao ambiente e às necessidades dos habitantes, por exemplo.

Em suma, estas imagens mentais relacionadas à arquitetura constituem um convite à imaginação, elas inspiram-nos a sonhar, a criar e a apreciar a beleza que pode surgir da mente humana. Estas imagens não são meras representações visuais, mas também emoções, memórias e aspirações entrelaçadas, conectando-nos profundamente com o mundo que nos rodeia e com o ilimitado potencial da criatividade humana.

Seja nas imagens perceptivas que experienciamos ao observar o mundo que nos rodeia, nas imagens evocadas do passado, que surgem na nossa mente ou nas projeções na imaginação do futuro, não podemos encará-las apenas como imagens, mas sim como experiências táteis, olfativas, gustativas e emocionais. São dinâmicas, moldadas pela nossa memória, emoções e pensamentos, e a sua interpretação reflete a nossa perspetiva única e pessoal do mundo. Devemos reconhecer, perante a complexidade das imagens mentais, não só a sua imprecisão, como mencionado anteriormente, mas também o seu significado, são uma parte essencial da experiência humana, enriquecendo a nossa vida e a nossa compreensão do mundo, e é aqui que a arquitetura pode e deve vir buscar informações para melhor expressar as suas intenções, pois a arquitetura não se baseia apenas na mera construção de edifícios; ela reflete a cultura, a história e a identidade da sociedade,

Como sabemos, o desenvolvimento de projetos de arquitetura, requerem uma combinação complexa de processos, sendo um deles o recurso a imagens mentais, a

visualização criativa é uma das formas a que o arquiteto recorre a imagens mentais, desde o primeiro momento de concepção de projeto, que somos instigados a imaginar mentalmente como será o objeto final, precisamos de conceber a disposição dos espaços, a interação entre os volumes, a incidência de luz natural, entre outros. Esta visualização criativa, não é só benéfica para desenvolver o conceito inicial do projeto, mas também estabelece uma direção clara para os seus desenvolvimentos.

Outro aspeto importante das imagens mentais é a análise do contexto, os arquitetos consideram cuidadosamente o contexto físico e cultural da envolvente do local onde irão implantar o seu projeto, apoiando-se muitas vezes em imagens mentais para visualizar como o nosso objeto interagirá com o ambiente que o envolve. Esta análise contextual detalhada, auxilia-nos a tomar decisões informadas e fundamentadas para garantir que o novo objeto integre harmoniosamente a malha existente. As imagens mentais, também são uteis para avaliar proporções e escalas, imaginamos como é que as pessoas vão interagir com o espaço, como a luz natural se infiltra, como é que ela se projeta nas diferentes superfícies, esta avaliação ajuda-nos a criar espaços que são funcionais e confortáveis para os utilizadores, promovendo assim uma experiência espacial agradável e intuitiva.

Assim sendo, percebemos que as imagens mentais desempenham um papel crucial no processo de concepção arquitetónica, fornecendo-nos uma ferramenta poderosa para conceber, comunicar e refinar ideias. Ao utilizarmos estas imagens de forma eficaz, somos capazes de criar espaços que sejam não só funcionais e esteticamente agradáveis, mas também culturalmente significativos e contextualmente relevantes, enriquecendo assim a experiência humana e o ambiente construído.

1.3 Imaginação

A exploração do tema da imaginação através dos pensamentos de filósofos como Aristóteles e Kant, deixa-nos perplexos devido às divergências de opinião e à natureza geralmente inconclusiva dos seus modelos. Contudo, há um consenso notável quanto à importância da relação imaginação e sensação, e o papel crucial desta relação no que diz respeito ao conhecimento humano. As discordâncias começam a surgir quando se questiona se a imaginação é uma faculdade independente ou se é intrínseca ao próprio pensamento, e especialmente quando se discute a origem das imagens.

Em termos simplificados, podemos observar que Aristóteles e Kant consideravam a dependência do conteúdo do pensamento em relação à imaginação como inegável. Essa

dependência encontra a sua base na sensação, que é o dado bruto, inacessível ao pensamento devido à sua abstração, a menos que seja moldado pela imaginação. A imaginação, então produz e evoca imagens que integram o conteúdo sensorial, tornando-se parte do pensamento discursivo.

Por outro lado, Hume, concebe a produção de imagens como uma atividade mental compartilhada entre memória e imaginação. Para ele, a mente é naturalmente imagética. Esse entendimento diverge das concepções anteriores ao considerar que a imaginação não é apenas uma tradutora passiva, mas uma participante ativa na formação das imagens mentais. A mente, para Hume, é composta por imagens que não apenas representam o mundo, mas também auxiliam e são essenciais para o pensamento lógico discursivo.

Estas perspectivas divergentes sobre a imaginação são cruciais para uma compreensão mais profunda do papel desse processo mental. Aristóteles e Kant ressaltam a função sintetizadora e relacional da imaginação, enquanto Hume destaca a sua atividade dinâmica e colaborativa na construção do pensamento, no entanto, apesar das diferenças convergem na importância da imaginação como uma mediadora entre a sensação e o pensamento. Damásio oferece uma visão distinta sobre o fluxo imagético mental. Argumenta que a própria imagem constitui o fluxo da consciência, que serve de base fundamental da mente. A sua visão transcende as perspectivas anteriores ao entender a imaginação como um fenómeno transversal que permeia todos os aspetos do pensamento humano. A imaginação, para Damásio, não é apenas uma faculdade ou uma dependência do pensamento: é um elemento interconectado que incorpora síntese, relação e esquematismo, tanto em instâncias físicas quanto não físicas.

Apesar dos avanços filosóficos e científicos, a compreensão da imaginação permanece desafiadora, as limitações inerentes à nossa própria cognição impedem-nos de definir completamente esse fenómeno complexo e misterioso. A visão de Bachelard enfatiza a criatividade e a audácia da imaginação, permitindo não só a formação de imagens da realidade, mas também a sua superação, desencadeando a criação de novos mundos, neste contexto a imaginação não é apenas um mecanismo reprodutor; é uma força libertadora e inovadora que expande os limites da mente humana para além da compreensão racional e científica.

Bachelard explora de maneira aprofundada a distinção fundamental entre dois modos de imaginação: a formal, que se apoia predominantemente na visão e, por conseguinte, assume uma postura passiva ao absorver o mundo numa atitude contemplativa; e a

material, que se envolve ativamente com o mundo tangível, enfrentando a resistência concreta das coisas. Atribui grande valor à imaginação material, reconhecendo-a como um convite à exploração meticulosa e à transformação dinâmica do mundo que nos rodeia. Crítica, por outro lado, a filosofia ocidental que favorece a visão em detrimento dos outros sentidos, menosprezando assim a relevância da matéria e subestimando a conexão corporal intrínseca com o mundo.

Ou seja, para Bachelard, a imaginação é um processo criativo e dinâmico, capaz de confrontar um mundo que oferece resistência.

Podemos assim concluir, que a capacidade imaginativa é uma força dinâmica que impulsiona a criatividade humana nas mais diversas disciplinas, onde a arquitetura também faz parte. Na interseção entre o concreto e o abstrato, a arquitetura materializa-se como uma expressão tangível dos sonhos e das visões. É por meio desta imaginação que os espaços são transformados em experiências profundas e significativas. No campo da arquitetura, a imaginação vai para além da simples concepção de um objeto visualmente atrativo, explora a forma como as pessoas interagem com o ambiente que o rodeia, observando cada detalhe, como pontos de entrada de luz natural, o movimento das pessoas, as texturas das superfícies e a atmosfera de forma geral. Essa capacidade de conceber um espaço mesmo antes de ele existir permite-nos criar ambientes que não são apenas locais para atividades humanas, mas também que elevam o espírito e inspiram a mente.

Assim sendo, aliamos-nos da imaginação para conceber projetos inovadores e criativos, através da visualização criativa, isto permite-nos visualizar espaços e estruturas, mesmo antes de as começarmos a desenhar, mas também nos permite explorar diferentes possibilidades, pois na imaginação o céu deixa de ser um limite, deixamos de parte as soluções que outrora consideramos convencionais, e ampliamos a nossa piscina de ideias e soluções. Ao imaginar e experimentar diferentes materiais, formas, estilos, etc., expandimos não só os nossos horizontes criativos, assim como encontramos soluções inovadoras que atendam às necessidades e expectativas dos clientes. Ao combinarmos elementos tradicionais com novas tecnologias ou abordagens, podemos criar espaços únicos e distintos que cativam e inspiram aqueles que os experienciam.

No que diz respeito à comunicação de ideias, a imaginação também é uma ferramenta extremamente útil, pois permite-nos transmitir as nossas visões e conceitos de forma clara, mas inovadora.

Em suma, a imaginação é uma ferramenta essencial no processo de concepção de projeto, que permite transformar conceitos abstratos em realidade construída. Ao empregar a imaginação, permitimo-nos a criar espaços que não são apenas motores de inspiração e encantadores, mas que também funcionam de forma eficaz e satisfazem as necessidades das pessoas para o qual foram desenhados.

1.4 Emoções e Sentimentos

Tudo o que foi falado até então foi fundamental para proporcionar uma compreensão mais profunda do tema que vamos abordar: as emoções. Parece que a própria natureza equipou os organismos vivos com mecanismos inatos de sobrevivência. Os seres vivos nascem com dispositivos que, sem qualquer raciocínio ou aprendizado, resolvem problemas básicos da vida. São reações simples que garantem a sobrevivência e que ao longo do tempo, deram origem às complexas experiências emocionais. A procura pelo equilíbrio é uma característica comum a todos os seres vivos, e as emoções desempenham um papel crucial na realização desse equilíbrio. Elas são componentes intrínsecas desses mecanismos básicos de regulação vital.

A natureza não se limita a equipar os organismos com esses dispositivos de regulação; ela também os encarrega de ir além do simples estado neutro, procurando o que chamamos de bem-estar. Ao detetar essas mudanças, o organismo reage de maneira a criar a situação mais favorável para a sua autopreservação. Uma das características mais profundas e definidoras da nossa existência é essa incessante procura por um estado de vida que consideramos equilibrado.

Conforme mencionado anteriormente, as emoções, juntamente com os sentimentos, estão ligadas aos processos de regulação. No entanto, durante muito tempo, as emoções foram vistas como algo frágil e carnal, pertencentes às estruturas cerebrais mais primitivas e antigas localizadas no subcórtex, responsáveis apenas pela regulação biológica básica. Enquanto isso, a razão e a decisão foram atribuídas ao neocórtex, uma parte mais recente do cérebro. No entanto, essa visão está longe de ser precisa, como nos revelou William James, com as suas afirmações vanguardistas sobre a natureza das emoções e dos sentimentos.

Podemos classificar as emoções em três categorias distintas: emoções de fundo, emoções primárias (associadas à infância) e as emoções secundárias (associadas à vida adulta). Embora as emoções de fundo não sejam as mais evidentes, desempenham um papel crucial na nossa vida emocional. São criadas através da ativação de diversas combinações

de reações regulatórias simples. O desencadeamento simultâneo de vários processos regulatórios do nosso organismo, incluindo ajustes de metabolismo e respostas contínuas a estímulos externos, resulta em emoções de fundo imprevisíveis. A nossa disposição, é uma consequência dessas interações regulatórias complexas, até ao momento não existem dados científicos que consigam determinar quais dessas ações contribuem mais ou menos para estados emocionais específicos ou emoções de fundo, sendo ainda um campo de estudo ativo e contínuo.

Portanto, concentramo-nos nas emoções que foram mais amplamente investigadas e que possuem evidências científicas sólidas, tanto em seres humanos de diversas culturas quanto noutras espécies. As emoções primárias, também conhecidas como inatas, são consistentes em diferentes culturas e espécies, e incluem emoções como medo, raiva, nojo, surpresa, tristeza e felicidade (Damásio, 2012: 59). Essas emoções dependem da rede de circuitos do sistema límbico, com o cíngulo e a amígdala que desempenham papéis-chave.

Por um lado, as emoções primárias manifestam-se como movimentos e ações, desdobram-se no teatro do corpo, e mesmo por vezes sendo menos evidentes, como por exemplo alterações no ritmo cardíaco, podem ser quantificados. Por outro lado, as emoções secundárias (como simpatia, compaixão, vergonha, etc.) são compostas por várias reações regulatórias e elementos das emoções primárias. É importante ressaltar que as reações não são fixas, podem sempre se alterar, especialmente quando controlamos os estímulos que as desencadeiam, começam a desenvolver-se à medida que começamos a ter sentimentos e estabelecemos conexões sistemáticas entre várias categorias de objetos e situações. Este processo é único e completamente individual.

Após a reação emocional, ocorre a sensação emocional em relação ao objeto que desencadeou essa reação, assim como a percepção da relação entre o objeto e o estado emocional do corpo. A vantagem de a consciência entrar nesta equação é que nos permite ter uma estratégia de proteção mais ampla, oferecendo uma resposta mais flexível com base na história específica das nossas interações com o ambiente.

As emoções, podem ser compreendidas como uma combinação de avaliação mental, tanto simples como complexa, com respostas direcionadas principalmente ao corpo, mas também ao cérebro. Isto resulta num estado emocional corporal e em alterações mentais. Uma emoção é uma perturbação do corpo que afeta até mesmo as estruturas cerebrais responsáveis pela criação de imagens mentais. Esse fluxo de conteúdos mentais provoca uma

resposta emocional no corpo e nos mapas cerebrais, o que eventualmente levará a sentimentos.

Tendo como base a evolução biológica, torna-se evidente que os sentimentos surgem após as emoções, e desempenham um papel fundamental. É crucial salientar que nem todos os sentimentos têm as suas raízes nas emoções, embora cada emoção seja precursora de sentimentos. Os sentimentos de fundo, englobam todos os estados corporais que surgem entre as emoções, estes estados estão presentes de uma forma bastante persistente ao longo da nossa vida e permeiam na nossa existência diária. Conseguimos constatar que é praticamente impossível encontrar objetos ou situações no nosso mundo desprovido de carga emocional, independentemente de ser uma emoção negativa ou positiva, intensa ou leve. Dessa forma, o sentimento pode ser entendido como contínuos, pois envolvem uma constante representação mental do estado do corpo, ou por uma ou mais emoções específicas, que evoluem ao longo do tempo, originando assim a complexidade da nossa experiência emocional e cognitiva.

Como falado anteriormente, as emoções desdobram-se no teatro interno do corpo, sendo uma resposta direta a estímulos e eventos externos. Por outro lado, os sentimentos desenvolvem-se no palco interno da mente, tornando o processo mais intrincado e multifacetado. Eles, desempenham um papel crucial nos mecanismos complexos reguladores da vida, operando a um nível bem mais sofisticado. Os sentimentos, podem ser entendidos como percepções intrincadas dos mapas cerebrais do corpo, não se limitando apenas à sensação física, mas também trazem para a equação pensamentos específicos e padrões específicos de pensamento. Isto leva-nos a concluir, que os objetos ou situações que provocam os sentimentos, estão enraizados dentro do corpo. Aqui claramente conseguimos aperceber-nos da diferença clara entre sentimentos e emoções, enquanto os sentimentos estão enraizados no nosso corpo, as emoções já ocorrem como uma resposta imediata e estímulos externos.

Os sentimentos são moldados pela interação entre a fisiologia, a cognição e a experiência pessoal, criando assim uma rica teia de respostas emocionais que são não só individuais, mas também universalmente humanas. Esta interioridade dos sentimentos acrescenta uma camada mais profunda à nossa compreensão das complexidades da mente e do corpo, onde se consegue destacar uma intrincada dança entre o físico e o mental na experiência humana.

No que diz respeito à arquitetura, sabemos que a mesma vai além das formas físicas, sendo considerada uma forma de arte que desperta uma gama imensa de emoções e sentimentos. Seja diante de uma cidade moderna ou das pirâmides antigas e enigmáticas do Egito, a arquitetura tem o poder de nos fazer sentir. Ao nos depararmos com uma igreja majestosa, podemos experimentar uma sensação de reverência e admiração, as abobadas, os ornamentos e todo o espaço criam uma aura de espiritualidade e transcendência, que evoca uma profunda paz interior. Da mesma forma, um edifício moderno em vidro e aço, pode nos maravilhar da mesma forma, mas não pelos mesmos motivos, neste caso já seria pela inovação e criatividade. A transparência das fachadas, criam uma sensação de leveza e de conexão com o exterior.

A arquitetura pode também evocar sentimentos de nostalgia e saudade. Ruínas de uma antiga civilização, transporta-nos para épocas passadas, despertando um sentimento de mistério e fascínio pelo desconhecido, uma ligação com a história. Por outro lado, podem-se criar sensações de pertencimento e identidade cultural, por exemplo, um bairro com uma arquitetura vernacular, faz-nos sentir parte de uma comunidade rica em cultura, histórias e tradições. As cores, formas e padrões dos edifícios frequentemente refletem a cultura e os valores de uma determinada sociedade, proporcionando uma sensação de familiaridade e pertencimento. Mas, nem sempre conseguimos transpor sentimentos positivos através da arquitetura, o contrário também pode acontecer, projetos arquitetônicos que dividem opiniões, provocando sentimentos de indignação, o que depende como é lógico de pessoa para pessoa, como foi explicado anteriormente. Essas discussões que podem existir por causa de um edifício, destacam a importância da arquitetura como uma forma de expressão social e política, capaz de provocar reações profundas e duradouras nas pessoas.

Assim sendo, podemos concluir que a arquitetura é uma linguagem visual que fala diretamente com os nossos sentimentos e emoções. Cada objeto arquitetônico conta uma história, invoca sentimentos e convida-nos a explorar o que nos rodeia de maneiras profundas e significativas. São estas experiências emocionais e sentimentais que tornam a arquitetura uma parte intrínseca da nossa vida, moldando memórias e que influencia a nossa compreensão do mundo.

A integração das emoções e sentimentos no processo de concepção, não só enriquece a experiência do utilizador, mas também promove o ambiente construído, para isso ser possível, visto ser uma temática extremamente abrangente recorre-se a diferentes

parâmetros, como por exemplo, a pesquisa e observação que está presente desde o primeiro minuto de um projeto de arquitetura, porém é fundamental para compreender como é que os utilizadores interagem e se sentem no espaço. Esta observação, pode ser realizada por diversas técnicas, como entrevistas, pesquisas e observações diretas, este tipo de investigação fornece-nos *insights* valiosos sobre as perceções e necessidades emocionais dos destinatários do projeto. De seguida é importante realizarmos um mapeamento emocional do espaço, este processo envolve a identificação das áreas que despoletam diferentes sentimentos, por exemplo, determinadas áreas podem ser percebidas como acolhedoras e convidativas enquanto outras intimidantes ou desconfortáveis.

Kahn (1973) sugeriu que a arquitetura deve ser uma expressão dos sentimentos humanos, refletindo a essência da vida nas formas construídas.

A empatia e a relação que criamos com o público-alvo da nossa intervenção é também um aspeto crucial no desenvolvimento de uma arquitetura apoiada e sensível às emoções, colocarmo-nos no lugar dos utilizadores, permite-nos compreender melhor as suas necessidades emocionais e projetar espaços que as respeitem e atendam as suas necessidades por mais variadas que sejam.

Uma arquitetura sensível às emoções, emprega elementos como a luz, cor, textura, forma e espaço para influenciar positivamente as emoções das pessoas. Por exemplo, a utilização de cores quentes, como o vermelho, amarelo e laranja em conjunto com iluminação suave podem proporcionar uma atmosfera acolhedora e reconfortante, enquanto formas e texturas orgânicas combinadas com cores frias, como azuis e verdes, provocam sensações de calma e relaxamento. A flexibilidade e adaptabilidade, são igualmente importantes, pois nem todas as pessoas sentem o mesmo quando expostas a situações iguais, assim sendo, é importante criar espaços multifuncionais ou com a incorporação de elementos móveis que possibilitem a metamorfose da configuração espacial para ir de acordo com as necessidades e gostos de cada um.

Porém, apesar de tudo o que foi mencionado anteriormente, é necessário existir um acompanhamento pós-ocupação, com avaliações por exemplo, assim permite-nos perceber como é que os utilizadores se sentem no espaço e identificar áreas de melhoria para aplicar no futuro.

Capítulo II

Gerar Arquitetura, Gerando Emoções: Da intenção à prática

2.1. Espaço

2.1.1. Conceitos de espaço

O conceito de “espaço” é multifacetado, que varia de definição conforme o contexto em que é utilizado.

Espaço, em geral, prevê uma extensão tridimensional que serve como cenário para a manifestação de objetos e eventos, proporcionando um contexto em que tudo pode existir e evoluir.

Já o Espaço Arquitetônico, é delineado pelo arranjo dinâmico e interação ente formas, materiais, luz e sombra, que dão origem a um ambiente tridimensional. Nesta esfera, estão incluídos tanto o interior quanto o exterior do objeto construído, sendo ele meticulosamente projetado para cumprir funções específicas e influenciar sensorialmente os seus ocupantes. Pode-se caracterizar espaço arquitetônico, como o palco onde a vida cotidiana se desenrola, onde as experiências humanas se entrelaçam com o ambiente construído. É a materialização dos conceitos, a fusão entre a forma e a função, onde cada linha, cada curva e cada detalhe são meticulosamente concebidos para criar uma experiência sensorial única.

Neste campo, que é a arquitetura, os espaços não são meramente estruturas físicas, mas sim manifestações tangíveis de ideias, valores e culturas. São telas em branco onde os arquitetos traçam narrativas que podem ser visualizadas, sentidas e tocadas, criando objetos que não só abrigam atividades humanas, mas também as inspiram e as transformam.

Devemos encarar o espaço arquitetônico, como uma sinfonia de formas, luzes e materiais, cada elemento cuidadosamente selecionado e posicionado, com a finalidade de contribuir para uma atmosfera única. A luz que dança pelas paredes, que revela as texturas ocultadas pela sombra. As linhas e proporções que guiam os nossos olhos, conduzindo-os através do espaço de forma intuitiva.

Porém o verdadeiro poder do espaço arquitetônico, reside na sua capacidade de influenciar as nossas emoções e comportamentos. Um espaço bem projetado pode trazer à superfície sensações de calma e serenidade, estimular a criatividade ou promover a interação

social. É um reflexo da sociedade e da época na qual foi idealizado e construído, e vai carregar consigo as marcas do passado e as expectativas do futuro.

Portanto, os arquitetos assumem o papel de narradores que contam uma história através de formas e de espaço. São artesãos da experiência humana, moldando o mundo ao nosso redor e criando objetos que vão além da sua função e que se tornam verdadeiras obras de arte.

Por fim, o Espaço Construído, que abarca todos os ambientes criados pela intervenção humana, desde pequenas estruturas até a vastas cidades. Compreende não só edifícios e construções, mas também vias, praças, parques e outros espaços públicos. O espaço construído emerge da interação humana com o ambiente natural e desempenha um papel fundamental na organização e na vida do ser humano. É uma expressão complexa da cultura, valores e necessidades da sociedade que o moldam, e sem dúvida é uma parte fundamental da influência do bem-estar, na qualidade de vida, das interações sociais e até mesmo a saúde física e mental das pessoas que nele irão permanecer.

A criação e desenvolvimento do espaço construído representam uma tarefa multidisciplinar que requer o envolvimento de várias outras disciplinas para além da arquitetura, como o urbanismo, engenharia civil, geografia, sociologia e economia. Esta colaboração é necessária para que os ambientes sejam funcionais, esteticamente agradáveis, sustentáveis e inclusivos, capazes de suprir as necessidades de uma sociedade mutável.

Apesar de serem definições distintas, entrelaçam-se quando o tema abordado é o da arquitetura, onde o espaço é meticulosamente moldado e manipulado, para conceber ambientes que reflitam as necessidades dos utilizadores, mas que não discorrem as restantes problemáticas de uma sociedade moderna.

2.1.2. Lugar

“Arquitetura deve falar de seu tempo e lugar, porém anseia por ser atemporal.”

Frank Gehry

O conceito de “lugar” vai mais além da mera delimitação de um espaço físico, engloba uma complexa integração entre a materialidade do ambiente e as várias interpretações, experiências e significados atribuídos pelos seus habitantes e visitantes. Cada

localidade, é constituída por um reservatório de narrativas e relatos entrelaçados que lhe conferem uma identidade singular e distinta no contexto global.

As características que conferem singularidade aos lugares, podem ser tanto tangíveis como intangíveis.

No âmbito do tangível, podemos considerar elementos como topografia, clima, arquitetura e infraestrutura física, por exemplo, uma cidade situada entre montanhas inevitavelmente adquire uma atmosfera peculiar, com as vias sinuosas e vistas panorâmicas contrastantes com a geometria rígida de uma cidade que foi concebida numa planície.

Por outro lado, as características intangíveis, que embora sejam mais subtis, são igualmente influentes, estas englobam valores culturais, tradições e relações sociais.

Portanto quando abordamos a temática de “lugar” é mais do que válido falarmos de “Genius Loci”, que emerge como uma ferramenta conceitual, que nos lança para o aspeto único e da identidade intrínseca de cada lugar. Apresenta-nos uma abordagem em que os lugares possuem uma essência ou “espírito” próprio, uma qualidade indescritível que molda a percepção, interação e conexão das pessoas com o ambiente. Esta essência pode-se manifestar através de diferentes aspetos, como a atmosfera embebida no local, a ressonância emocional que invoca e o senso de pertencimento que inspira naqueles que o experimentam.

Na prática, o reconhecimento do Genius Loci assume relevância no processo de planeamento e conceção de espaços, ao considerarmos e respeitarmos as peculiaridades intrínsecas a um lugar, arquitetos, estão capacitados para conceber objetos autênticos, significativos e que incorporem de forma orgânica a história e cultura locais. Desta forma, é possível fomentar um senso de identidade na comunidade, preservar a riqueza das tradições locais e nutrir uma conexão emocional mais profunda.

Pode-se assim afirmar que o Genius Loci, desempenha um papel fundamental na prática contemporânea da arquitetura, que inspira uma abordagem contextualizada e sensível ao projeto. Ao conhecer e responder aos aspetos culturais, ambientais e sensoriais distintos de cada lugar, podem-se criar espaços que são não só funcionais, mas que também nutrem uma conexão profunda de pertencimento.

Algumas obras desenvolvidas ao longo da história são exemplos claros do conceito de Genius Loci associado ao objeto arquitetônico, como é o caso da Sagrada Família, de Antoni Gaudí (Figura 1) , é uma expressão eminente da relação simbiótica entre cultura local, contexto geográfico e identidade arquitetônica. Gaudí profundamente imerso na atmosfera cultural da Catalunha, extraiu inspiração dos elementos naturais e culturais de Barcelona, de forma a integrá-los na sua obra. As torres orgânicas, remetem-nos para as formas da natureza, e os detalhes ornamentais que encontramos nas fachadas, ricos em simbolismo cultural catalão, tornam clara a fusão entre o local e o global na arquitetura.



Figura 1 - Fachada (detalhe), Antoni Gaudí, Basílica da Sagrada Família, 1882, Barcelona, Espanha

Da mesma forma, a Casa da Cascata, de Frank Lloyd Wright, ilustra mais uma vez de como o Genius Loci pode ser interpretado de forma aprofundada na arquitetura. A abordagem orgânica de Wright é evidente na integração harmoniosa da habitação com a paisagem em que se insere, onde elementos naturais como rochas e a cascata pré-existentes são incorporadas no projeto de arquitetura. A forte horizontalidade, em sintonia com a topografia local, e o uso cuidadoso de materiais naturais, a separação de interior-exterior quase que imperceptível, reflete a sensibilidade do arquiteto à essência única do lugar.



Figura 2 - Fachada, Frank Lloyd Wright, Casa da Cascata, 1939, Mill Run, Pennsylvania, Estados Unidos da América

“Nenhuma casa deve estar em uma colina ou em qualquer coisa. Deve ser parte da colina. Pertencente a ela. Colina e casa devem viver juntas, cada uma mais feliz pela outra.”

Frank Lloyd Wright

2.1.3. Pensamento Arquitetónico

Na antiguidade, templos e locais sagrados eram projetados com características arquitetônicas específicas para invocar emoções religiosas e espirituais, como por exemplo, a grandiosidade e simetria das colunas e a disposição dos espaços dentro do templo eram projetados para inspirar um sentimento de reverência e conexão ao divino. Para além disso, a utilização da luz natural e a orientação dos edifícios em relação ao sol também desempenham um papel importante na conceção de atmosferas sagradas.

Durante o Renascimento, artistas e arquitetos desenvolveram técnicas avançadas de perspectiva para criar ilusões visuais que promoviam diferentes emoções nos espectadores. A utilização da perspectiva linear permitia a criação de espaços tridimensionais que pareciam se estender para além do plano da tela, criando uma sensação de profundidade e imersão. Esta técnica de ilusão foi utilizada para transmitir uma variedade de emoções, desde a grandiosidade, até a intimidade e contemplação.



Figura 3 - Escola de Atenas, fresco, 500 cm × 770 cm, 1509–1511, Rafael, Palácio Apostólico, Vaticano

Com o aparecimento do Romantismo, viu-se uma mudança de foco do racionalismo para a expressão emocional, arquitetos românticos procuravam invocar emoções como

admiração, nostalgia e até mesmo medo, através da utilização de elementos naturais, elementos orgânicos e materiais rústicos, bem como algumas referências históricas e folclóricas.

No século XIX, a arquitetura gótica, mais presente em edifícios religiosos e institucionais, opta por linhas mais verticais e ornamentadas, com o objetivo de transmitir a sensação de espiritualidade e reverência. A utilização de vitrais coloridos e a altura impressionante das naves das igrejas também contribuía para criar uma atmosfera sacra e transcendental.

No século XX, arquitetos como Frank Lloyd Wright exploram a relação entre espaço arquitetônico e emoções humanas. Wright acreditava na integração harmoniosa entre arquitetura e a natureza, concebendo projetos que se fundiam com a envolvente. Com a sua abordagem, o arquiteto procurou criar espaços que promovessem uma sensação de paz, harmonia e conexão com o mundo natural.

Em 1919, a Escola de Bauhaus, foi fundada, e tornou-se o centro de experiências no que diz respeito à arquitetura e ao design. Os princípios da Bauhaus eram os da fusão entre arte e tecnologia, bem como a simplificação e funcionalidade dos projetos. Os arquitetos procuravam uma sensação de modernidade, simplicidade e ordem através do uso de linhas limpas, formas geométricas e materiais industriais. E posto isto, surge mais um grande movimento, o Brutalismo, como reação ao modernismo, onde se destacam o uso de betão bruto e formas angulares. Os arquitetos brutalistas procuravam transmitir poder e autoridade através da monumentalidade e solidez dos seus edifícios. No entanto, essa estética também transmite a sensação de isolamento e desilusão devido à sua aparência austera e impessoal.

Surge assim, a arquitetura pós-moderna, que desafiou as convenções do modernismo, incorporou uma vasta gama de estilos e referências históricas. Os arquitetos do pós-modernismo, queriam presente nas suas obras uma variedade de emoções obtida através de uma estética eclética e muitas vezes irónica, exploraram temas como nostalgia, ambiguidade e contradição, originando espaços que eram simultaneamente familiares e estranhos.

No século XXI, com os avanços na tecnologia e construção permitiram uma maior manipulação emocional na arquitetura. Agora é possível criar objetos arquitetónicos que

despoletem um número elevado de emoções, como a sensação de segurança, conforto, admiração e pertencimento.

2.1.4. Fenomenologia

Campo filosófico que floresceu no início do século XX baseado nos trabalhos e estudos de Edmund Husserl, tem exercido uma influência marcante na prática arquitetônica ao longo do tempo. Este paradigma centraliza a sua atenção na análise da experiência consciente, onde investiga de forma minuciosa as formas pelas quais os seres humanos percebem e interpretam o mundo que os rodeia. A sua aplicação nos domínios da arquitetura provocou uma alteração significativa na forma como pensamos e praticamos a profissão, expandindo as considerações convencionais sobre os espaços construídos para abarcar não só funcionalidade e estética, mas também as experiências subjetivas e a percepção dos utilizadores.

O cruzar entre fenomenologia e a manipulação deliberada do pensamento arquitetónico, com a finalidade de despoletar determinadas respostas emocionais, pode ser discernida em diversas esferas. Em primeiro lugar, a fenomenologia enfatiza a primazia das sensações, percepções e emoções do ser humano ao interagir com um ambiente construído. Isso implica que os arquitetos, não se devem restringir não só à componente meramente formal de um espaço, mas, de forma mais intensa e profunda, contemplar como este é sensorialmente experienciado e como a experiência afeta o estado emocional dos utilizadores. Por outro lado, a fenomenologia ressalta a natureza subjetiva da experiência, reconhecendo que a percepção do espaço pode variar de indivíduo para indivíduo. Tal reconhecimento, obriga-nos a conceber espaços que sejam capazes de invocar um amplo espectro de emoções, tendo em consideração as perspetivas e experiência distintas de cada ser humano.

A sensibilidade sensorial emerge como outra área de interesse para os arquitetos, estes procuram criar espaços que estimulem os sentidos de forma deliberada e sensível, recorrendo a elementos como luz, som, textura e por vezes até mesmo aromas, com a finalidade de gerar uma atmosfera emocionalmente rica e envolvente. Além disso, a fenomenologia encoraja-nos a considerar de forma atenta o contexto cultural, histórico e social no qual o espaço está inserido, pois implica na conceção de objetos arquitetónicos que

respondam às necessidades e valores específicos da comunidade na qual estão inseridos, tendo em consideração as experiências e perspectivas particulares dos utilizadores locais.

Assim sendo, a fenomenologia proporciona uma abordagem holística à prática arquitetónica, destacando a importância da experiência humana e da manipulação consciente dos espaços para evocar específicas nos seus utilizadores, e nestes últimos anos, o conceito de fenomenologia tem estado cada vez mais presente no momento de pensamento arquitetónico, e é cada vez mais utilizada por inúmeros arquitetos e em diversas obras, como por exemplo:

Simmons Hall, MIT, Estados Unidos da América, Steven Holl

Simmons Hall, representa um exemplar paradigmático no âmbito arquitetónico, especialmente no que diz respeito à relação com o conceito de fenomenologia.

A fenomenologia dá prioridade à influência da luz na perceção dos espaços, e nesta obra, Holl engendra uma meticulosa integração de aberturas, claraboias e janelas, proporcionando uma entrada de luz variada de iluminação natural ao longo do dia, assim como ao longo das diferentes estações do ano. Esta interação com a luz não só lhe confere uma experiência sensorial única aos moradores e visitantes, mas também altera as suas perceções no que diz respeito ao conceito de espaço-tempo.

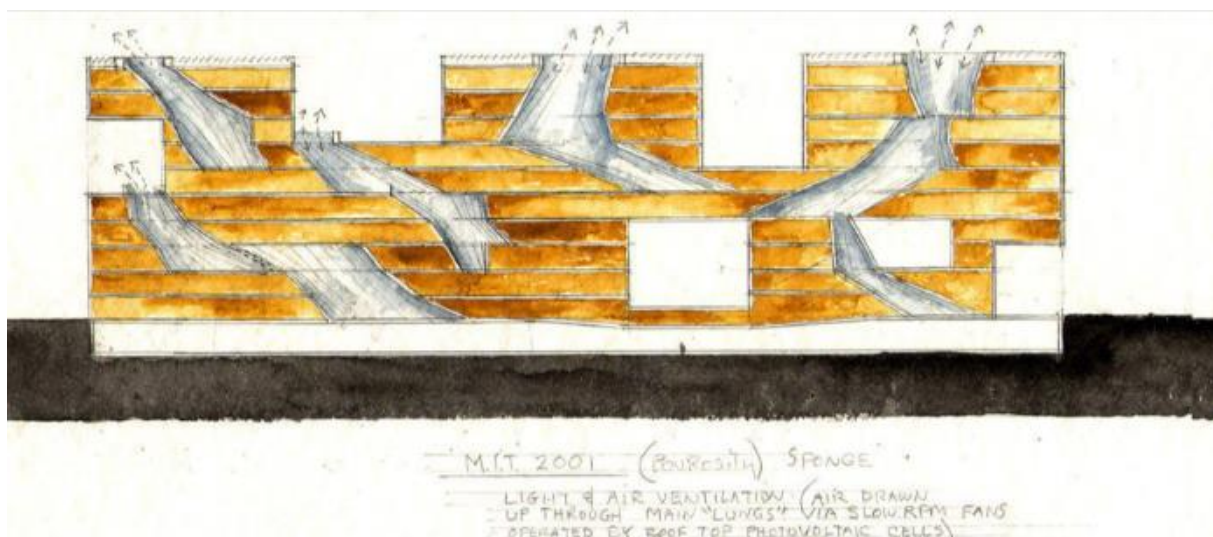


Figura 4 - Secção horizontal de estudo de fenestração, Steven Holl, Simmons Hall MIT, 2002, Cambridge, Estados Unidos da América

A materialidade e a textura desempenham um papel crucial na temática da fenomenologia, a mistura entre betão, vidro e ferro habilmente orquestrados, confere-lhe uma riqueza tátil e estética. Esta combinação de materiais não só estabelece contrastes se harmonias, mas também enriquece a profundidade e a complexidade de experiência espacial.



Figura 5 - Vista interior, Steven Holl, Simmons Hall MIT, 2002, Cambridge, Estados Unidos da América

A organização espacial é fluída, articulando uma sucessão de espaços interligados e sem interrupções entre si. Tal abordagem incentiva os utilizadores a explorarem ativamente o ambiente, estimulando a sensação de continuidade.

Existiu também uma sensibilidade em relação ao contexto, pois foi tida em consideração não só as características físicas do terreno, assim como as necessidades e aspirações dos utilizadores do espaço. Além disso, Holl fez questão de incorporar elementos que remetem para a história e a cultura locais.

Em síntese, esta obra emerge como um testemunho eloquente da aplicação bem-sucedida dos princípios fenomenológicos na arquitetura contemporânea. Ao estimular os sentidos, desafiar as perceções convencionais e celebrar a experiência humana no espaço, o edifício vai mais além da sua função utilitária.

2.2. Movimento e Espaço

O estudo do movimento dos corpos no espaço revela uma intrincada rede de interações que são origem a múltiplas perspectivas imaginárias, um fenômeno conceituado por Holl (2006) como “paralaxe”. Este termo descreve a transformação nas configurações das superfícies que definem o espaço, ocorrendo quando o observador altera a sua posição, abandonando o movimento horizontal em favor do movimento vertical ou oblíquo. Essa mudança de perspectiva permite-nos multiplicar as experiências vivenciada no espaço.

Dentro do cenário arquitetônico, surge uma dinâmica peculiar: enquanto o arquiteto concebe o espaço do edifício, são as pessoas que o esculpem com experiências, gerando movimento intencional entre os ocupantes e o ambiente que o rodeia. A experiência arquitetônica é fundamentalmente mediada pela corporalidade, pelo corpo vivido.

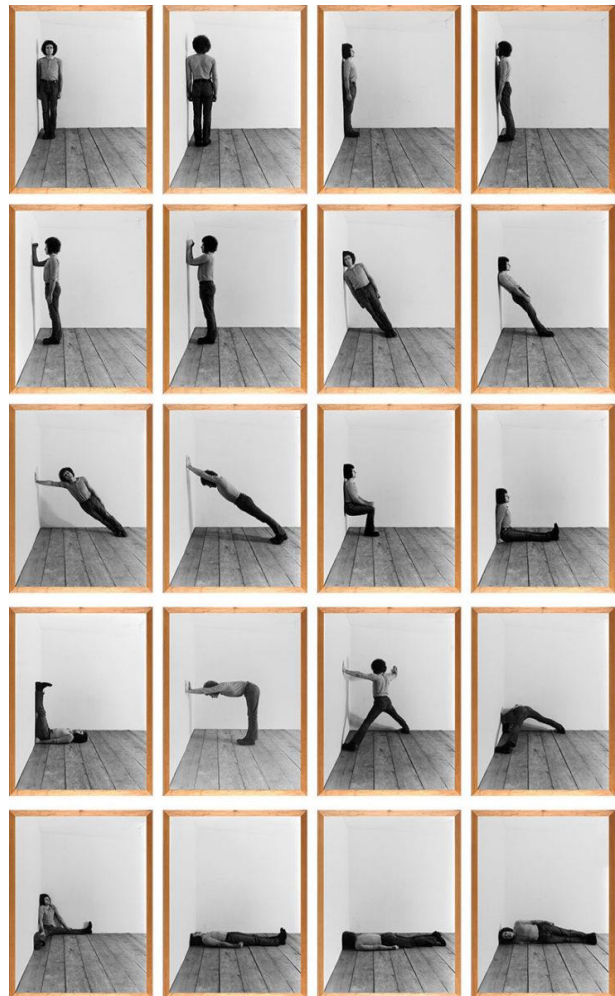


Figura 6 - Klaus Rinke, Boden, Wand, Ecke, Raum, 1970

Para o arquiteto, a tarefa é transmitir uma mensagem através da arquitetura, uma comunicação que se desenvolve de dentro para fora, priorizando a criação de espaços meticulosamente concebidos para estimular o toque e proporcionar uma experiência rica. Durante este processo, a arquitetura transforma-se num convite tangível ao contacto humano, uma expressão tátil e sensorial da relação entre o espaço e os seus utilizadores. É importante destacar a fusão entre o ser humano e o espaço construído, onde os limites entre o observador e o objeto tornam-se fluidos, pois nesta circunstância o corpo torna-se um sistema sensorial, que integra de forma profunda o espaço arquitetónico. Cada sensação, cada textura e cada detalhe contribuem para essa experiência sensorial única.

Para alcançar esta riqueza sensorial, é essencial desconectarmo-nos intencionalmente da frenética realidade do mundo contemporâneo e romper com, mas suposições comuns que muitas vezes nos cegam para as complexidades subtis do espaço. Este desligar, dá-nos a oportunidade valiosa para aceder às “essências existenciais” das experiências espaciais quotidianas, permitindo que as pessoas mergulhem profundamente nas qualidades sensoriais do ambiente que as cerca (Holl, 2006; Pallasma, 2013).

Assim sendo, é importante desafiarmo-nos a pensar não só o espaço físico, mas também as experiências sensoriais e emocionais associadas a esse espaço. O conceito de arquitetos como exploradores de fenómenos quotidianos, que não criam apenas espaços físicos, mas também narrativas profundas, é o caminho por onde devemos enveredar.

Indubitavelmente, inúmeras abordagens podem ser utilizadas para enriquecer a compreensão da relevância intrínseca do movimento e do espaço. No que diz respeito à experiência do utilizador, é imperativo destacar que o desenho do objeto arquitetónico não se limita meramente a influenciar a dinâmica das deslocações no interior de um espaço, além disso, o referido desenho configura-se como veículo primordial para a criação de experiências sensoriais mais profundas e holísticas. Neste sentido, a análise minuciosa e a integração harmoniosa de elementos texturados, cromáticos e materiais, são componentes essenciais com o objetivo de gerar e estimular os sentimentos humanos e promover uma conexão visceral e imersiva com o espaço, seja ele edificado ou não.

No que diz respeito à funcionalidade, durante o processo de conceção e execução, devemos exercitar uma visão prospetiva, abarcando não só as exigências imediatas dos utilizadores, mas também as eventuais evoluções e transformações dessas mesmas exigências iniciais, assim sendo, surge a clara necessidade de conferir ao espaço uma

flexibilidade intrínseca, capaz de acomodar uma diversidade de usos e atividades, bem como adaptar-se de forma ágil e eficaz às mutações incessantes das condições socioeconômicas, culturais e tecnológicas.

No âmbito estético, é importante ressaltar que a arquitetura não é apenas um objeto que procura oferecer uma experiência visual agradável, na sua plenitude, o objeto vai mais além dessa função, tornando-se uma poderosa ferramenta para a transmissão e expressão de significados simbólicos, culturais e identitários. É neste contexto que a escolha criteriosa de determinados movimentos, a manipulação sensível de elementos ornamentais e a incorporação ou não de iconografias, assumem uma relevância incontestável, na medida em que são capazes de refletir a identidade coletiva de uma comunidade, bem como de enfatizar e exaltar determinados valores e princípios da sua cultura e história.

O movimento e o espaço, são assim, mecanismos privilegiados para a tradução e materialização de conceitos abstratos em formas palpáveis. Esta prerrogativa, por sua vez, enseja a exploração criativa e inventiva de diferentes abordagens e estratégias projetais, com o intuito de conceber espaços que não apenas respondam a necessidades práticas e funcionais, mas que também inspirem, desafiem e estimulem intelectualmente e emocionalmente. Neste sentido, a concepção e implementação de espaços destinados à interação social, à reflexão contemplativa e à experimentação criativa assumem um papel preponderante, no sentido em que contribuem para a promoção de experiências transformadoras.

No campo emocional, é importante não nos restringirmos apenas à dimensão física e material do espaço, mas também estendermo-nos à esfera emocional e psicológica, assim sendo, devemos pautar os espaços de funcionalidade e eficiência, mas também da capacidade de gerar emoções, sensações e sentimentos, assim sendo o espaço deve ter a capacidade de inspirar, acolher, confortar, desafiar e sobretudo humanizar o Homem, conferindo-lhes sensações de pertencimento, identidade e conexão.

Como podemos concluir, a interseção entre movimento e espaço é de natureza complexa e multifacetada, exigindo uma compreensão profunda e abrangente por parte dos arquitetos, obrigando ao conhecimento de múltiplas dimensões e inter-relações.

2.2.1. Tempo

“Arquitetura deve falar de seu tempo e lugar, porém anseia por ser atemporal.”

Frank Gehry

O conceito de tempo na arquitetura transcende a mera catalogação de eventos cronológicos ou a sua dimensão puramente física. O tempo representa uma esfera intrincada e densa de significados, influências e interações que deixam a sua marca na experiência do ser humano. Esta dimensão temporal pode ser investigada e compreendida em múltiplas escalas e dimensões, desde a efemeridade do momento até à longevidade que se estende ao durante séculos.

Na esfera imediata, encontra-se o presente efêmero, onde o jogo de luz e sombra, as oscilações sazonais e a transição do dia para a noite exercem uma influência direta na percepção dos espaços. Arquitetos usam estes elementos temporais para moldar as experiências sensoriais, tornando-as envolventes e dinâmicas, onde os utilizadores são imersos numa interação contínua entre o ambiente construído e o fluxo temporal incessante.

A manipulação cuidada da iluminação natural, por exemplo, pode resultar na criação de padrões de sombras em constante mutação, deixando-nos com uma sensação de movimento e metamorfose dentro do espaço. Para além disso, eventos temporários, como exposições de arte, festivais ou concertos, podem ser conjugados ao desenho arquitetónico, proporcionando oportunidades para uma interação efêmera e enriquecedora entre os utilizadores e o espaço.

No que diz respeito ao planeamento urbano e à conceção de objetos construídos, deve-se contemplar igualmente a dimensão temporal da durabilidade, isto é, a seleção criteriosa de materiais e técnicas construtivas que resistam ao teste do tempo, combatendo os efeitos do desgaste e da degradação. Além disso, a adaptabilidade emerge como uma premissa essencial: os edifícios devem ser concebidos de modo a se ajustarem às transformações, mudanças de necessidades e usos ao longo do tempo. A incorporação de espaços flexíveis e a utilização de técnicas construtivas sustentáveis, podem assegurar que a construção se mantenha funcional e relevante, mesmo diante das adversidades sociais, económicas e ambientais.

Não poderíamos falar de tempo sem mencionar a história e a memória, sendo este abordado em mais detalhe posteriormente. Edifícios antigos frequentemente carregam consigo uma carga emocional e histórica, estabelecendo pontes entre as gerações passadas e os presentes, o que lhes confere uma sensação de continuidade e pertencimento ao espaço. A salvaguarda de edifícios históricos e a integração de elementos que nos remetam ao passado em novos objetos podem enriquecer a experiência do ser humano quando utiliza o espaço, quando o vive, dando-lhe a possibilidade de tecer uma narrativa visual e sensorial que ecoa o passado enquanto se projeta o que ainda está por vir.

Em última instância, a consideração do tempo na arquitetura é imperativa para a concepção de espaços significativos e perduráveis. Uma compreensão aprofundada de como o tempo permeia e influencia a experiência humana, assim como a forma como os espaços foram vividos ao longo das décadas, culmina na concepção de projetos que transcendem a mera funcionalidade, incorporando uma estética sublime e uma carga cultural que é sem dúvida significativa.

Podemos facilmente encontrar obras arquitetônicas que sem dúvida nenhuma demonstram este conceito de tempo colocado em prática, sendo uma delas a Basílica da Sagrada Família, em Barcelona, Espanha de Antoni Gaudí. Destaca-se como sendo um paradigma exímio da integração do tempo na concepção arquitetônica. Desde o início da sua construção em 1882 (Figura 7) até aos dias de hoje (Figura 8), a Sagrada Família encarna uma jornada de mais de um século. Esta longa duração, não reflete apenas a perseverança do ser humano, mas também gera uma atmosfera de expectativa e admiração nos visitantes, que testemunham a interação entre o antigo e o novo, entre o já erguido e a especulação do que estará por vir. Esta relação simbiótica entre passado, presente e futuro confere-lhe uma aura singular que inspira e faz-nos contemplar.

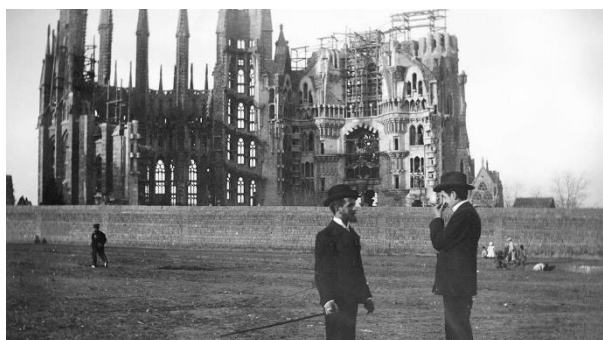


Figura 7 - Fase inicial da construção da Basílica da Sagrada Família, Antoni Gaudí, 1883, Barcelona, Espanha

Gaudí utilizou uma abordagem única, repleta de elementos orgânicos e surrealistas, as torres que se elevam como pedras preciosas esculpidas pela natureza, que parece que nascem do solo, cativam a imaginação e despertam a sensação de admiração e reverência. Os detalhes das fachadas, parecem entrelaçar-se como que numa dança celestial, que convida o visitante a explorar cada centímetro da estrutura, revelando sempre um novo detalhe a cada olhar. No seu interior, a iluminação é filtrada por vitrais coloridos, que fazem a luz dançar pelas paredes, criando uma tapeçaria de cores e padrões que nos transmite a sensação de transcendência e contemplação. A acústica do espaço amplifica os sons dos cânticos e orações, criando uma atmosfera de serenidade e acolhimento espiritual. Cada elemento e cada detalhe, foi cuidadosamente projetado com a finalidade de proporcionar uma experiência única.

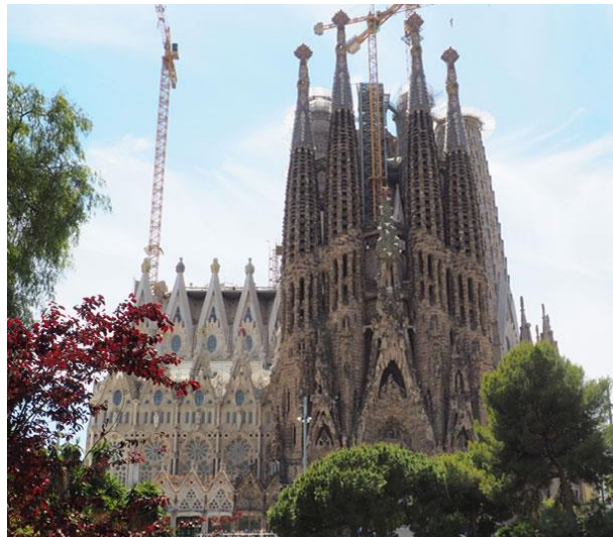


Figura 8 - Basílica da Sagrada Família atualmente, Antoni Gaudí, 2023, Barcelona, Espanha

Outro exemplo de obra arquitetônica que demonstra a ligação entre arquitetura-tempo é o Memorial do 11 de Setembro, em Nova York, Estados Unidos da América, desenvolvido por Michael Arad e Peter Walker. Neste caso, para além da temática tempo, também está fortemente presente o conceito de memória. Situado no local dos ataques ao World Trade Center em 2001, este memorial consiste em dois vastos espelhos d'água que ocupam o lugar das antigas torres gêmeas. Os nomes das vítimas estão gravados ao redor das paredes dos espelhos d'água, que criam um ambiente de solenidade e reflexão. A presença constante da água que flui ininterruptamente para os abismos que vemos no chão,

simboliza a passagem do tempo e a continuidade da vida, enquanto honra os eventos que ali ocorreram.



Figura 9 - Fotografia do Memorial do 11 de Setembro de 2001, David E. Starke, Nova Iorque, Estados Unidos da América

2.2.2. Memória

A memória na arquitetura é um conceito complexo e abrangente, que vai além da simples construção física dos espaços, integrando elementos históricos, culturais, sensoriais e funcionais que desempenham um papel crucial na percepção e experiência dos utilizadores.

Uma análise mais aprofundada de cada uma das dimensões da memória, irá permitir que compreendamos a sua importância. Quando falamos de memória histórica e cultural na arquitetura, estamos a referir-nos à preservação e incorporação de elementos do passado em construções contemporâneas. Isso inclui desde manutenção de edifícios históricos até à reutilização adaptativa de estruturas existentes, bem como a integração de materiais e estilos arquitetónicos tradicionais. Esta prática não só homenageia a história e identidade de uma comunidade, mas também enriquece a experiência dos utilizadores pois estabelece uma ligação com a herança cultural local.

Além disso, os edifícios e espaços tornam-se frequentemente símbolos representativos da identidade cultural de uma comunidade, ao preservar estes marcos, não só mantemos viva a memória coletiva, mas também fortalecemos a conexão dos habitantes ao ambiente.

Como já se tem vindo a falar ao longo desta dissertação, o espaço tem a capacidade de invocar sensações, mais propriamente as memórias sensoriais.

Estas memórias sensoriais e até mesmo emocionais, podem vir ao de cima através de elementos como a luz, forma, textura, etc., o que já acontece com outros conceitos que já foram previamente abordados por nós. Estas características não só influenciam o humor e o bem-estar dos utilizadores como também contribuem para a criação de experiências memoráveis e significativas.

Outro aspeto importante é a memória funcional e prática, que está ligada à eficiência do espaço em facilitar a compreensão e navegação dos utilizadores. A memória espacial desempenha um papel fundamental na usabilidade de um ambiente construído, pois influencia a relação que os utilizadores vão ter com o espaço que os envolve. Se tivermos em consideração as circulações e acessibilidades de um edifício, por exemplo, podemos criar espaços e percursos intuitivos e eficientes, e em que grande parte das vezes é dispensável a utilização de qualquer tipo de sinalética.

Por fim, a inovação e continuidade na arquitetura, são fundamentais para garantir a evolução e relevância dos espaços ao longo dos anos. Projetos inovadores, são construídos muitas vezes sob a memória existente, reinterpretando elementos tradicionais de forma mais atual e que se vai tornar memória cultural futura.

O Museu Judaico em Berlim, de Daniel Libeskind, é um ótimo exemplo da memória associada à arquitetura. Através das suas formas angulares e desconstruídas, o edifício representa visualmente a complexidade da história judaica, mas também funciona como um testemunho vivo. Os espaços internos e de exposições meticulosamente elaborados não contam apenas uma história, mas também envolvem que se certa forma os visitantes na rica narrativa da comunidade na Alemanha.



Figura 10 - Fachada do Museu Judaico de Berlim, Daniel Libeskind, 2001, Berlim, Alemanha

Assim sendo, a importância da memória na arquitetura reside na sua capacidade de conectar as pessoas ao ambiente construído de forma mais profunda e significativa. Ao incorporarmos e respeitarmos a memória histórica, cultural, sensorial e funcional, podemos criar espaços relevantes, emocionalmente envolventes e sustentáveis.

2.2.3. Bagagem Cultural

A bagagem cultural exerce uma influência multifacetada que vai além da mera estética dos espaços, em vez disso, a integração cuidadosa dos elementos culturais na concepção de arquitetura não só acrescenta profundidade conceptual, mas também molda a percepção e experiência dos utilizadores do espaço.

As inspirações e referências que derivam da história, cultura e tradições locais servem como fonte inestimável, ao incorporar formas, materiais e técnicas construtivas tradicionais, não apenas prestamos homenagem à herança cultural da comunidade em que o espaço se insere, mas também estabelecemos uma ligação palpável com o contexto histórico e cultural em que o edifício está inserido. A identidade e pertencimento são aspeto intrinsecamente entrelaçados com a arquitetura, e através da incorporação de elementos familiares aos utilizadores, é nos conferida a capacidade de criar espaços que transcendem a sua função puramente utilitária, conferindo-lhe a possibilidade de criação de memórias partilhadas e promovendo uma sensação de continuidade cultural, estes espaços, portanto, não são meramente locais de habitação ou trabalho, mas também se tornam pontos de referência simbólicos e emocionais para os habitantes.

Tendo como base o tema da sustentabilidade, que nestes últimos anos tem sido muito abordado, também é possível elencarmos essa temática à cultura, chamando-a de sustentabilidade cultural, isto é a preservação de elementos culturais na arquitetura de forma que promovam a sustentabilidade a longo prazo, garantindo que o património de uma comunidade seja transmitido para as gerações futuras e não seja esquecido.

Assim sendo, reconhecer e valorizar a diversidade cultural, assumindo-a como uma bagagem que carregamos para todo o lado, não só promove a inclusão, mas também enriquece a experiência do Homem. Criar espaços que celebram e honram elementos de uma cultura cria ambientes que promovem o fortalecimento de laços sociais e culturais.

Na Biblioteca de Alexandria, no Egito, de Snøhetta podemos encontrar colocados em prática conceitos que foram abordados neste subcapítulo. Pois estamos perante uma homenagem contemporânea que foi idealizada com o objetivo de representar o prestígio da biblioteca mais antiga do mundo. A sua configuração atual remete-nos à arquitetura egípcia antiga, e remete-nos para um disco solar que emerge do solo e que na sua zona mais alta, na fachada exterior podemos encontrar baixos-relevos que nos remetem para elementos que seriam encontrados no interior de pirâmides, para além disso, a inclusão de espaços abertos e jardins reflete a profunda conexão com a natureza que faz grande parte da cultura egípcia.



Figura 11 - Fachada da Biblioteca de Alexandria, Snøhetta, 2001, Alexandria, Egito

O Taipei 101, em Taiwan de C.Y. Lee, é um ótimo exemplo também de bagagem cultural, pois integra elementos da cultura chinesa de forma harmoniosa com a arquitetura contemporânea. O arranha-céus é inspirado na forma da cana de bambo, pois na cultura chinesa remete para força, flexibilidade e crescimento.



Figura 12 - Edifício Taipei 101, Lisanto, Taipei, Taiwan

Estes exemplos ilustram de forma eloquente como é que o conceito de bagagem cultural pode ser abordado quando associado à arquitetura contemporânea.

2.2.4. Identidade

O conceito e aplicação da identidade na arquitetura constituem uma temática multifacetada, interligada com cultura, história, funcionalidade e estética. Na sua essência, a identidade arquitetónica remete para a necessidade de uma edificação ou espaço refletir e comunicar elementos fundamentais, como a sua localização geográfica, propósito funcional e contexto sociocultural / socioeconómico. A contextualização cultural e histórica são como que uma baliza para a formalização da identidade.

A inovação e evolução representam desafios constantes, pois é necessário conciliar tradição e modernismo nas criações, pois não devemos perder a identidade, mas também não queremos nem devemos ficar presos ao passado e aos seus costumes. Assim sendo, existe uma procura incessante de conceber espaços que sejam simultaneamente relevantes a nível cultural e sensível as exigências de uma sociedade que evolui a cada segundo que passa.

Jørn Utzon, na Opera House de Sydney, procurou desenvolver uma estrutura singular que fosse reconhecida a nível mundial, conferindo à cidade de Sydney um marco para a identificação da identidade local. Para além disso, a inspiração para esta forma foram as velas de uma embarcação e as conchas, que representam a sua proximidade com o porto, ponto de grande importância na cidade. A opção da cor branca para o edifício, retrata a cor das conchas e da espuma das ondas que se fazem notar por todo o litoral australiano, assume

também características topográficas muito próprias do local para obter aquele volume que conhecemos como a Opera House.



Figura 13 - Fotografia da Opera de Sidney, Jimmy Harris, Sidney, Austrália

À semelhança da Opera House, o Museu de Guggenheim em Bilbao, de Frank Gehry, é mais um exemplo de um edifício que facilmente passou a ser conhecido mundialmente e que assim se tornou parte da identidade local da cidade. Sua forma escultural e fluída contrasta de forma marcante com o contexto industrial e histórico de Bilbao, gerando um impacto visual e simbólico extremamente expressivo.

Gehry instrumentalizou materiais vanguardistas, como titânio e vidro, para conceber uma estrutura singular que trata a luz de uma forma dinâmica. Sem dúvida é um edifício que traz a Bilbao milhares de turistas anualmente e que conferiu a Bilbao uma visibilidade muito mais alargada. Ao entrar no museu, os visitantes são recebidos por um espaço de luz e sombra, onde a luz é filtrada pelas janelas e claraboias, que criam uma atmosfera efêmera. A escala monumental do museu, combina com a materialidade.

Os espaços interiores fluidos e dinâmicos criam a sensação de descoberta e aventura, enquanto a luz e sombra jogam como que um jogo com os espaços, criando assim uma experiência emocionalmente rica e memorável para aqueles que visitam o edifício.

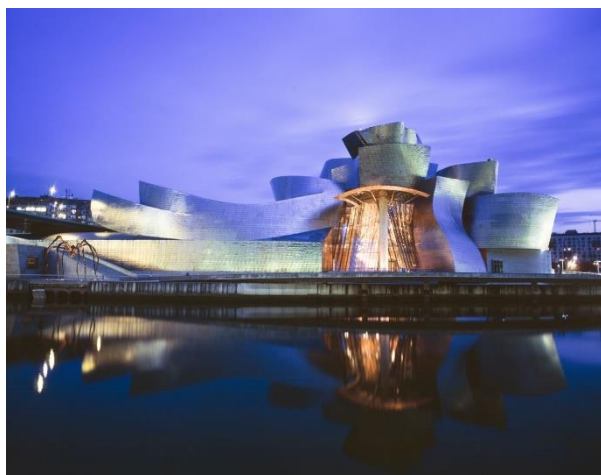


Figura 14 - Fotografia do Guggenheim de Bilbao, Frank Gehry, 1997, Bilbao, Espanha

2.3. Material e Imaterial

O arquiteto é mais do que um simples criador de objetos: tornamo-nos maestros que lideramos uma orquestra complexa de combinações, tendo em consideração não só a componente estética, mas também a materialidade, textura e sensação tátil dos espaços. O objeto construído deve transcender a mera funcionalidade, procurando ativamente estimular os sentidos humanos e facilitar interações profundas e significativas entre as pessoas e o que as rodeia. Cada projeto de arquitetura, transforma-se, assim, numa oportunidade única de aprimorar a experiência humana e enriquecer a vida quotidiana das pessoas, onde devemos destacar a sua capacidade poderosa de transformar e humanizar.

Essa fusão harmoniosa de elementos tangíveis e intangíveis servem para definir e delimitar, mas também para diferenciar e transformar os espaços e ambientes. Materiais naturais, como madeira e pedra combinadas com variáveis climáticas dinâmicas, como a chuva, têm o poder de invocar narrativas sensoriais profundas. A interação complexa entre a entrada de luz natural, as dimensões de vãos, assim como o controlo do fluxo visual, interior-exterior, além de trocas entre calor e humidade, criam dinâmicas visuais envolventes e transformadoras. As escolhas, entre iluminação direta ou indireta, geram efeitos, moldando sombras, que realçam texturas, alteram tonalidade e cores dos espaços de forma surpreendente. A magia do crepúsculo, onde presenciamos os tons avermelhados no céu, um dia nublado com a iluminação baça, a luz do sol direta, que intensifica as formas, dando-lhes dimensão e criando ambientes.

A morfologia específica dos materiais adaptada às exigências dos espaços e as dinâmicas dos movimentos humanos, podem tanto amplificar como suavizar os sons ao nosso redor. Além disso, a arquitetura, exerce uma função transcendente ao enquadrar paisagens naturais, capturando pontos estratégicos, em perfeita sintonia com os ritmos naturais diários e sazonais, específicos para cada local.

Assim sendo, cada decisão arquitetônica não é apenas um exercício de construção de espaços físicos, mas uma oportunidade artística e sensorial para criar experiências profundas e variadas, cada espaço, concebido com sensibilidade, captura a riqueza e complexidade do ambiente circundante, integrando-o na vida das pessoas de uma forma harmoniosa, porém transformadora, é aqui que a arquitetura transcende a sua função prática e transforma-se numa sinfonia multissensorial. Se aprofundarmos a nossa pesquisa sobre materialidade e da expressão no contexto da construção, a tectônica emerge como conceito crucial. Aqui está incluído, não só a técnica de construção, mas também os materiais utilizados e a estrutura que resulta de toda essa combinação, formando assim uma síntese. Essa síntese por sua vez, não se limita apenas à composição física, ela tem o poder de orientar o movimento humano no espaço. Aqui os sentidos, desempenham um papel central, atuando como recetores primários na conceção de atmosferas e experiências sensoriais que transcendem o simples domínio da construção.

Assim sendo a tectônica, não é apenas uma técnica ou forma como se constrói; é um elo dinâmico entre a visão cultural, a compreensão científica e a expressão artística. Cada projeto, quando concebido sob a base da tectônica, além de resultar uma construção física, resulta também um testemunho tangível da interação entre mente, corpo e espaço. Cada detalhe, cada material, torna-se parte de uma narrativa sensorial que envolve aqueles que experienciam o ambiente construído, transformando espaços em cenários repletos de experiências humanas profundas e de autenticidade criativa.

A relevância dos materiais na arquitetura é intrincada estando diretamente enraizada na funcionalidade e na estética dos edifícios. Os materiais desempenham um papel primordial na funcionalidade das construções, influenciando diretamente a sua durabilidade, resistência e estabilidade.

No contexto contemporâneo, a sustentabilidade emergiu como uma consideração primordial na conceção arquitetônica. A utilização de materiais sustentáveis e energeticamente eficientes desempenham um papel crucial na mitigação do impacto

ambiental que a construção civil tem, contribuindo para a preservação dos recursos naturais e a redução de emissões de carbono. Materiais como madeiras, betão com baixa emissão de carbono, isolamentos térmicos reciclados, estão cada vez mais em destaque, pois têm como objetivos minimizar os consumos de recursos e promovem a sustentabilidade ambiental na arquitetura.

Para além dos aspetos materiais, elementos imateriais também desempenham um papel significativo na arquitetura, conferindo-lhe profundidade e significado cultural. A arquitetura transcende a mera construção, e assume o papel de narradora de histórias e guardiã de uma cultura da qual agora passou a fazer parte também. Elementos imateriais, como simbolismos culturais e referências históricas, são frequentemente utilizadas para estabelecer conexões com o passado e com a identidade do lugar, enriquecendo a experiência dos utilizadores e promovendo a apropriação por parte dos indivíduos.

O contexto social, político e cultural em que o objeto se insere exerce uma influência significativa na sua dimensão imaterial, pois molda a sua interpretação e significado de quem o observa. Um edifício pode tornar-se um símbolo de identidade local, de progresso, resistência ou opressão, dependendo do contexto histórico e cultural em que está inserido, isto remete-nos para a importância, já falada anteriormente, da conexão Homem-Ambiente, ou neste caso Homem-Arquitetura.

2.3.1. Estímulos

A arquitetura, como disciplina intrinsecamente multifacetada, transcende o papel utilitário primário de fornecer abrigo físico, consolidando-se como uma forma de expressão artística e científica que como temos vindo a analisar até então exerce profunda influência sobre a experiência humana.

Recentemente, tem-se notado um aumento do reconhecimento no que diz respeito à importância dos estímulos sensoriais na conceção arquitetónica. Assim sendo, o que se propõe neste subcapítulo é a análise mais aprofundada sobre a relevância desses estímulos na arquitetura, analisando minuciosamente a sua influência não só na perceção, mas também no bem-estar e comportamento dos utilizadores dos objetos arquitetónicos.

A arquitetura manifesta-se como uma forma de comunicação não verbal, e faz uso de um leque de estímulos sensoriais com a finalidade de comunicar o que pretende aos utilizadores do espaço. Para além de elementos visuais, como forma, cor e luz, a arquitetura

também se foca em aspetos táteis, sonoros e olfativos do ambiente. A sinergia entre estes estímulos propicia uma experiência holística que incide diretamente na forma como percebemos e interagimos com o ambiente. Por exemplo, as seleções de materiais com textura não só influenciam o lado estético, mas também afetam diretamente a sensação tátil, pois o utilizador terá a curiosidade de tocar, de sentir e assim viverá e sentirá o espaço em si mesmo.

Da mesma forma, a iluminação também pode criar diferentes atmosferas, variando entre a sensação de serenidade e até mesmo uma estimulação mais vigorosa, o que influencia diretamente o humor e bem-estar do ser humano que experiencia aquele espaço, por exemplo, uma ambiente em que a iluminação natural entre de forma controlada, cria um ambiente de paz e tranquilidade, em contrapartida se esse mesmo ambiente estiver exposto a luz solar direta sem qualquer tipo de filtros, entrará descontroladamente, tornando o espaço inutilizado durante algumas horas do dia, pois o utilizador sentirá desconforto na sua utilização.

A consideração dos estímulos sensoriais, desde o primeiro minuto no que diz respeito à elaboração de um projeto de arquitetura, exerce um impacto significativo no produto final, na obtenção do bem-estar e na qualidade de vida do utilizador. Estudos revelam que ambientes enriquecidos sensorialmente podem mitigar os níveis de stress, potencializar a produtividade e fomentar uma sensação global de bem-estar, e tendo isto como base, estamos cada vez mais conscientes da necessidade de criar estes espaços, pois vivemos uma vida de correria constante, em que saímos de casa, vamos para um escritório, do escritório vamos a um supermercado, sempre com os minutos e os segundos contados, e para combater o cansaço, o desgaste e o stress que este estilo de vida traz consigo é importante encontrar formas de o combater, começando pela arquitetura, pois está presente em todo o lado, e se nos sentirmos bem em casa, no escritório, numa loja ou num supermercado, automaticamente diminuímos a possibilidade de nos sentirmos desgastados.

Percebemos então um crescente enfoque na incorporação de estímulos sensoriais na arquitetura, tecnologias emergentes, como sistemas de iluminação inteligente, estão a ser exploradas para conceber experiências imersivas e cativantes. Montaner (2008) descreve como os sistemas arquitetónicos contemporâneos podem ser utilizados para intensificar as emoções dos utilizadores através do desenho espacial.

Adicionalmente, observa-se uma tendência crescente no que respeita a sustentabilidade na arquitetura, que procura integrar elementos naturais, fomentar uma conexão mais profunda com o meio ambiente e promover a utilização de formas de construir e habitar não tão danosas para o planeta terra, mas sem descorar a experiência sensorial significativa para o ser humano.

O Templo do Lótus, em Nova Deli, Índia de Fariborz Sahba, conhecido pela sua forma em flor de lótus, é considerado um oásis de tranquilidade no centro da cidade agitada. O templo é um exemplo inspirador de como a arquitetura pode estimular os sentimentos, a forma elegante e simbólica do templo, combinada com os espaços interiores amplos e luminosos, cria uma atmosfera de serenidade e contemplação. A iluminação natural que penetra pelas aberturas no telhado forma padrões de sombra em constante mudança nos espaços internos, o que gera a sensação de movimento e mudança, convidando assim os visitantes a conectarem-se a si mesmos e com o divino. A simplicidade e pureza do design do templo inspiram uma sensação de calma e paz interior, proporcionando um refúgio da agitação do mundo exterior e convida os visitantes a refletir sobre o significado mais profundo da vida e da espiritualidade.

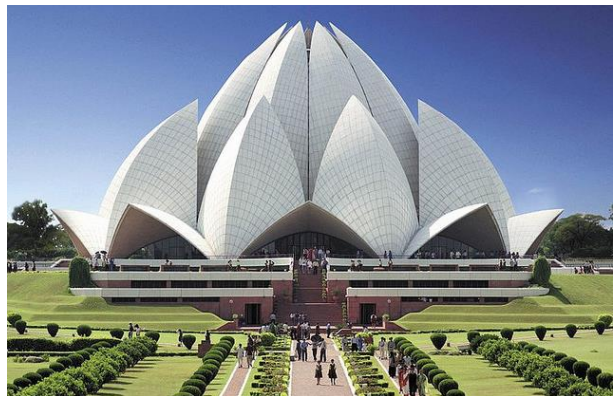


Figura 15 - Fachada frontal do Templo de Lótus, Fariborz Sahba, 1986, Nova Deli, Índia



Figura 16 - Interior do Templo de Lótus, Fariborz Sahba, 1986, Nova Deli, India

2.3.2. Luz e Sombra

"A arquitetura é a arte de moldar a luz; a sombra é a consequência inevitável."

Louis Kahn

A luz é um elemento fundamental que influencia a nossa percepção do mundo que nos rodeia. Na física, a luz ajuda a medir a velocidade e a explicar como vemos e registamos imagens, tanto com os nossos olhos como com câmaras. Na arte, luz e sombra foram essenciais para diferentes movimentos, criando atmosferas únicas em pinturas e outros. Na arquitetura, a luz é um recurso vital para modelar espaços, estabelecendo ambientes e atmosferas específicas.

O contraste entre luz e sombra cria efeitos que realçam elementos arquitetónicos, a luz pode destacar texturas e formas ou suavizá-las com uma iluminação uniforme. Como

observado por Luigi Ghiri, a incidência de luz num edifício ao longo do dia pode transformá-lo, o que resulta em atmosferas distintas. Na arquitetura, a luz é usada para revelar diferentes aspectos de um edifício conforme as condições se alteram, tanto pela iluminação natural quanto pela movimentação das pessoas no espaço. Usa-se também a luz para destacar elementos arquitetônicos específicos, por exemplo, a loja Selo, projeto dos MNMA Studio, onde podemos encontrar interiores que utilizam luz difusa para ressaltar recortes geométricos, enquanto Miguel Angel Aragonés na residência Rombo IV utiliza luzes coloridas para alterar o clima do ambiente, proporcionando transições entre cenários mais sóbrios e vibrantes.



Figura 17 - Interior da loja Selo, MNMA Studio, 2019, São Paulo, Brasil



Figura 18 - Interior da residência Rombo IV, Joe Fletcher (fotógrafo), 2019, Cidade do México, México

A geometria arquitetônica pode ser planeada para que a luz crie padrões no espaço, alpendres, pérgolas, sheds, muxarabis controlam a entrada de luz natural, proporcionando privacidade, ventilação e criando padrões de sombra de grande interesse. O Arquivo

Histórico de Oaxaca, faz uso destas estruturas para manter a entrada de luz natural e permitir a ventilação cruzada.



Figura 19 - Arquivo Histórico de Oaxaca, Mendaro Arquitectos, 2016, Santa Lucía del Camino, México

O movimento do sol pode também criar uma conexão entre a arquitetura e o tempo, a instalação “Caminho do Sol, Rajab to Shawwal 1444”, desenvolvido no âmbito da Islamic Arts Biennale 2023, utiliza um dossel perfurado para marcar o tempo. Assim, a luz não só cria ambientes dinâmicos e sensações variadas, mas também estabelece uma ligação entre arquitetura e temporalidade.



Figura 21 - Pormenor de dossel, "Caminho do Sol, Rajab to Shawwal 1444", Civil Architecture, 2023, Yidda, Arábia Saudita

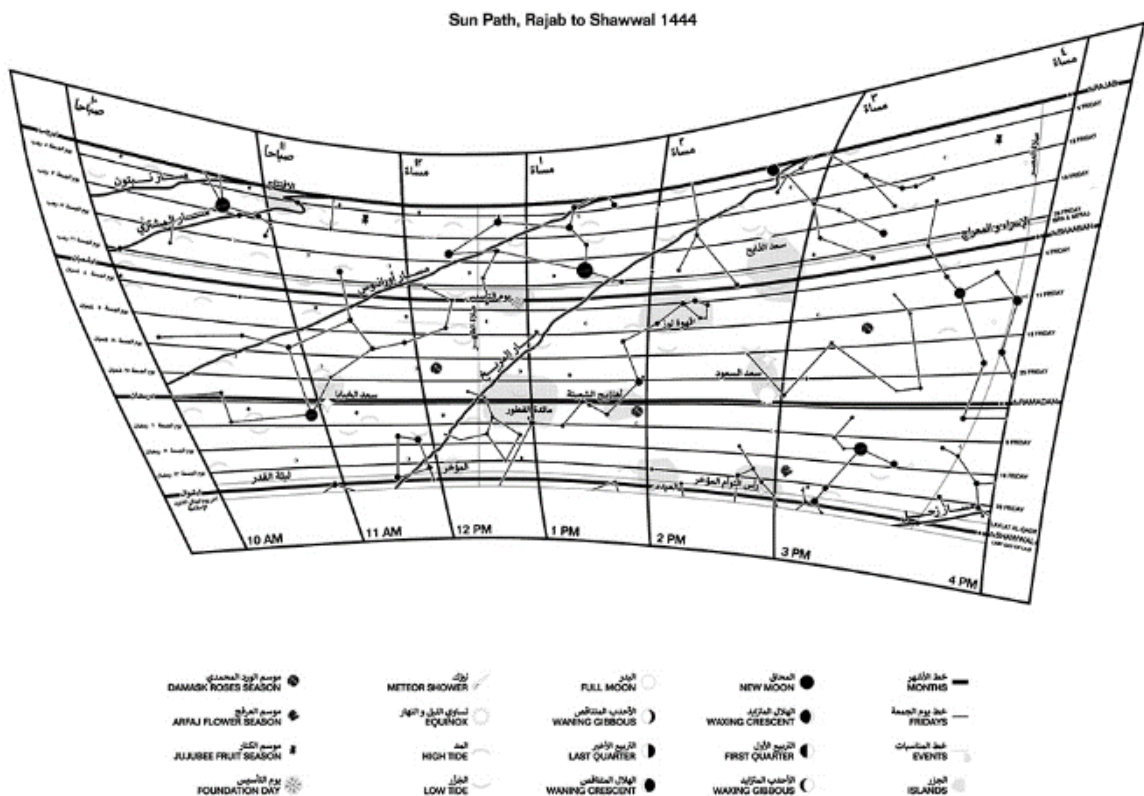


Figura 20 - Esquema de percurso na luz solar " Caminho do Sol, Rajab to Shawwal 1444", Civil Architecture, 2023, Yidda, Arábia Saudita

Em resumo, a luz na arquitetura é uma ferramenta versátil, capaz de criar uma ampla gama de efeitos que vão desde a suavidade de uma iluminação uniforme até aos contrastes

mais marcantes entre luz e sombra. O seu papel na arquitetura é fundamental para criar atmosferas únicas, valorizar elementos e estabelecer uma ligação entre os espaços construídos e o tempo, tornando a experiência arquitetónica mais rica e significativa.

As obras selecionadas, cada uma delas representam um marco no cenário da arquitetura mundial, e evidenciam a utilização da luz e sombra como elementos fundamentais na conceção dos espaços construídos.

Começamos com a Capela de Notre-Dame du Haut (Capela de Ronchamp), de Le Corbusier, que se destaca pela abordagem sensível à manipulação da luz para criar uma experiência sensorialmente enriquecedora. Corbusier concebeu a capela com aberturas estrategicamente posicionadas, permitindo a entrada da iluminação natural em diferentes momentos do dia. Essa estratégia resulta num jogo dinâmico de luz e sombra no interior do espaço, potencializando a sensação de ambiente sacro e de contemplação. As características distintivas, como as paredes curvas e os elementos arquitetónicos angulares, contribuem ainda mais para a difusão da luz, criando uma atmosfera que invoca a transcendência espiritual.



Figura 22 - Interior da Capela de Ronchamp, Le Corbusier, 1955, Ronchamp, Haute-Saone, França

A Igreja da Luz, Osaka, Japão, de Tadao Ando, exemplifica a maestria do arquiteto na utilização da luz como elemento central do projeto. A parede em betão em forma de cruz, com uma abertura no topo, que permite a penetração da luz solar no espaço de forma controlada, filtrada por uma fina camada de água que flui sobre a superfície do betão. Esse fenómeno resulta na criação de padrões de luz e sombra delicados e evocativos nas paredes internas da igreja, reforçando a experiência espiritual dos fiéis que visitam a igreja.



Figura 23 - Interior da Igreja da Luz, Tadao Ando, 1999, Osaka, Japão

Por fim, a Casa da Música, no Porto, Portugal, de Rem Koolhaas exemplifica a exploração contemporânea das possibilidades da luz e sombra na arquitetura. A fachada de vidro ondulado filtra a luz natural de forma dinâmica, criando em simultâneos padrões de sombra que estão em constante mudança no interior do edifício. Além disso, as fenestrações estrategicamente posicionadas permitem a entrada da iluminação natural em diferentes áreas do espaço, criando assim uma atmosfera vibrante e acolhedora.



Figura 24 - Pormenor da fachada de vidro ondulada da Casa da Música, Rem Koolhaas, 2005, Porto, Portugal

Cada uma destas obras demonstram a importância da integração da luz e consequentemente da sombra, na criação de arquitetura memorável e significativa, enriquecendo a experiência dos utilizadores e aumentando o potencial artístico e emocional dos espaços.

2.3.3. Cor e ausência da mesma

"A escolha da cor é uma decisão importante na arquitetura, pois pode afetar a forma como as pessoas se sentem no espaço."

Le Corbusier

A percepção da cor é um fenômeno físico e neurobiológico diretamente ligado ao espectro da luz solar, com a sua origem no comprimento de onda da luz e a sua percepção através da retina. A luz é composta por um conjunto de comprimentos de onda, que ao atingir a retina, é convertida em sinais elétricos que são interpretados pelo cérebro humano. A retina possui três tipos principais de cones, os recetores sensíveis à luz colorida, que são responsáveis por detetar as três cores primárias: amarelo, magenta e ciano, das quais derivam todas as restantes cores que conhecemos.

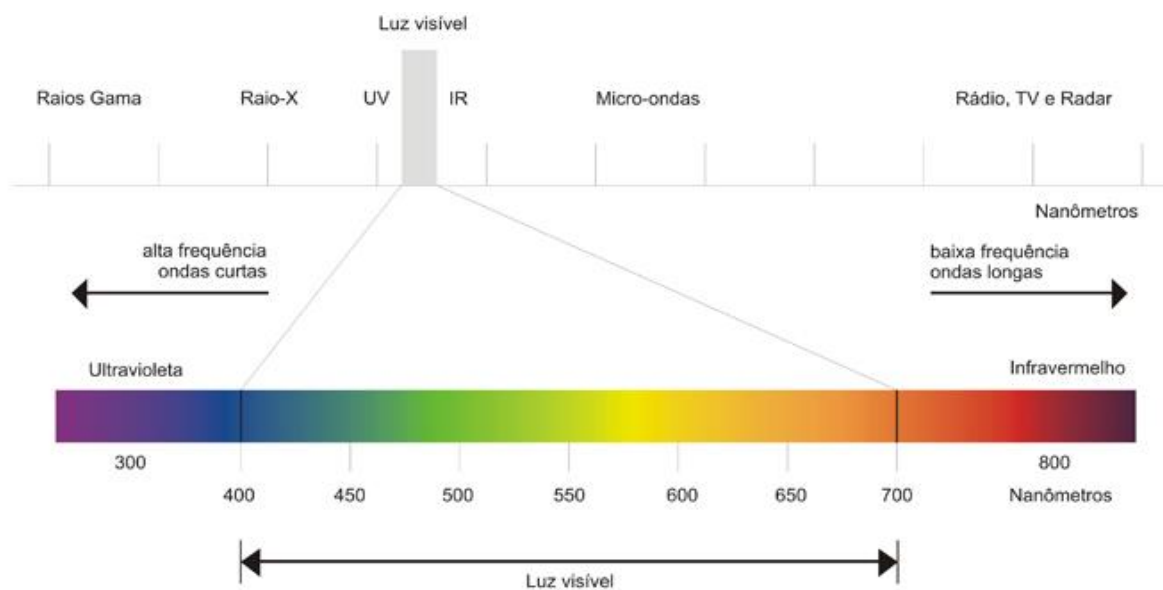


Figura 25 - Esquema de espectro eletromagnético

A percepção das cores é também afetada pelo volume de fótons, que varia conforme as condições de iluminação. Em ambientes mais iluminados, como um dia ensolarado, a intensidade do estímulo visual é maior, que resulta em percepções mais vibrantes. Ao contrário, durante a noite ou em condições de baixa luminosidade, a quantidade de fótons é

significativamente reduzida, ativando os bastonetes, células sensíveis à presença ou ausência de luz, responsáveis pela visão a preto e branco.

O processamento cerebral das cores é individualizado, onde cada cor está associada a um padrão específico de atividade cerebral. A cor pode ser um indicativo visual para diversas condições e contextos: por exemplo, a cor apresentada numa fruta pode sugerir se está madura e pronta para consumo ou não, enquanto a cor de um rosto pode indicar emoções como raiva ou vergonha. A percepção visual é, assim, um indicador fundamental de interação com o ambiente, fornecendo informações sem ser necessária uma proximidade física.

Além disso, a cor desempenha um papel importante na percepção estética do mundo, elementos visuais e coloridos tendem a chamar mais a atenção, influenciando a forma como percebemos o ambiente e interagimos com ele. A visão, sendo responsável por uma parcela significativa dos estímulos sensoriais que recebemos, orienta a nossa atenção para aquilo que nos é visualmente atrativo, facilitando a navegação e a compreensão do ambiente.

A influencia da cor nas emoções humanas é um tópico amplamente estudado na psicologia. A teoria da psicologia das cores, defende que diferentes cores possuem a capacidade de dar respostas emocionais e fisiológicas distintas no ser humano. Tal fenómeno é de extrema importância, quando falamos de arquitetura, pois as escolhas cromáticas que são feitas desempenham um papel fundamental na criação de espaços que não só sejam esteticamente agradáveis, mas que também são capazes de influenciar positivamente o estado emocional e o bem-estar dos seus utilizadores. O azul, por exemplo, é normalmente associado à tranquilidade, paz, harmonia e equilíbrio, por essa razão é muitas vezes utilizado em contextos que promovem o relaxamento e repouso, como quartos e ambientes de meditação, além disso é a cor que nos remete ao céu e ao oceano, contribuindo para uma sensação de imensidão e calma.

Por outro lado, o vermelho suscita emoções mais intensas e é frequentemente relacionado com o amor, paixão e desejo, no entanto, também pode remeter-nos para sentimentos como raiva, agressão e poder. É uma cor associada ao perigo e à coragem, sendo utilizada para chamar a atenção ou transmitir senso de urgência.

O laranja, já é associado à energia, vitalidade e alegria, é usada para estimular a socialização e a comunicação, assim como para criar uma atmosfera descontraída e alegre, o que gera a que seja utilizada em locais de atividades lúdicas e recreativas.

O verde, por sua vez, é uma cor ligada à natureza, juventude, perseverança e fertilidade. É amplamente associada à esperança e ao crescimento, transmitindo uma sensação de renovação e equilíbrio. Dada a sua conexão com o ambiente natural, é comumente utilizada para gerar calma e rejuvenescimento.

O impacto das emoções humanas na percepção das cores também é notável, pesquisas indicam que o estado emocional de uma pessoa pode influenciar a forma como ela percebe e interpreta as cores. Por exemplo, pessoas em estados de tristeza tendem a ter maior dificuldade a identificar certas tonalidades, enquanto indivíduos felizes percebem as cores como mais vivas e agradáveis. Por outro lado, situações de stress e ansiedade podem distorcer a percepção das cores, tornando-as menos nítidas ou alterando as suas características.

Questões como saturação e brilho, também desempenham um papel determinante na percepção das cores, quando são altamente saturadas tendem a ser mais estimulantes, enquanto cores menos saturadas podem criar uma atmosfera mais suave e serena. Da mesma forma, que cores com alto contraste tem o poder de gerar a sensação de dinamismo e vitalidade, já as de baixo contraste podem transmitir a sensação de equilíbrio e harmonia.

É importante salientar que as respostas emocionais às cores são influenciadas por uma imensidão de fatores, incluindo experiências pessoais, contexto cultural e social. Assim sendo, ao selecionar as cores que pretendemos utilizar, é essencial considerar o público-alvo e a função do espaço.

A cor, assim sendo, desempenha um papel crucial na concepção dos espaços e auxilia-nos a despoletar as sensações que pretendemos aos utilizadores dos espaços que desenhamos. Através de uma compreensão profunda dos princípios subjacentes à psicologia das cores, temos a capacidade de criar ambientes que não só sejam visualmente atraentes, mas também proporcionem experiências sensoriais enriquecedoras.

No livro “A Psicologia das Cores”, Eva Heller, examina como as cores não são apenas elementos visuais, mas também possuem significados culturais e emocionais profundamente enraizados na nossa linguagem e pensamento. A obra destaca a forma como as cores podem impactar o nosso humor e influenciar as nossas emoções, um fenómeno que ocorre em contextos diversos, desde projetos de arquitetura até ambientes de trabalho. Heller explora a universalidade das cores em diferentes culturas, e mostra-nos como certas associações são comuns em várias partes do mundo. No contexto arquitetónico, a cor tem

influência na percepção do espaço e podem afetar o estado de espírito das pessoas que o habitam, o uso estratégico de cores, pode, portanto, criar ambientes que promovam sensações desejadas, como calma, alegria ou até mesmo produtividade.

Existem também inúmeras obras onde a cor foi utilizada como ferramenta de gerar emoções, como por exemplo, a Casa Batlló em Barcelona, Espanha, de Antoni Gaudí. O arquiteto destaca-se, pois, utiliza uma vasta gama de cores vibrantes e formas orgânicas, que resultam numa obra que exala energia e criatividade. A fachada ondulada, adornada com detalhes coloridos como cerâmicas multicoloridas e azulejos, dá-nos a sensação de exuberância e fantasia. A utilização ousada da cor, vai além da mera estética, transformando a casa numa experiência que estimula os sentidos.



Figura 26 - Fachada da Casa Batlló, Antoni Gaudí, 1877, Barcelona, Espanha

A Catedral de Notre-Dame, em Paris, França, é um ícone da arquitetura gótica na Europa. Apesar dos materiais predominantes serem a pedra, a catedral utiliza a ausência da cor de forma perspicaz para criar uma atmosfera de serenidade e reverência. A luz natural, filtrada pelas rosáceas e pelos vitrais coloridos dá ao interior a conotação de divino, estimulando a sensação de contemplação e espiritualidade.



Figura 27 - Fachada da Catedral de Notre-Dame, 1345, Paris, França

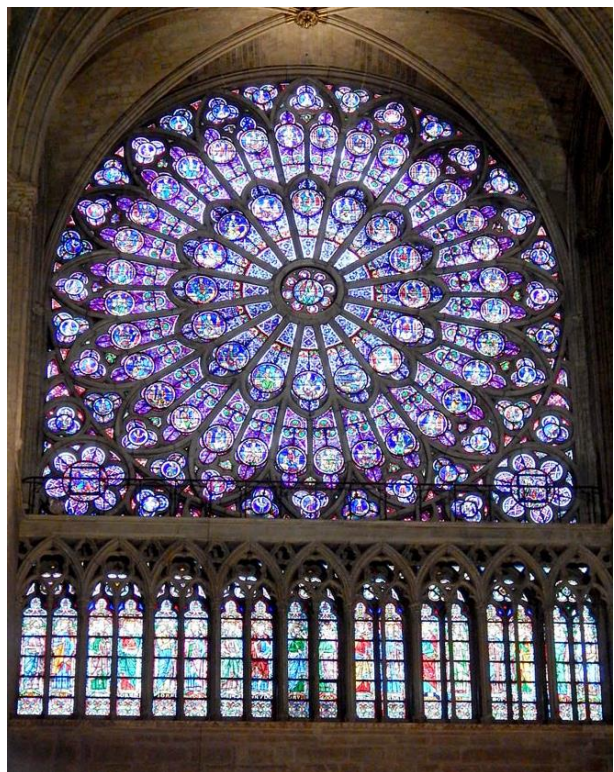


Figura 28 - Rosácea da Catedral de Notre-Dame, 1345, Paris, França

O Centro Pompidou, em Paris, França, de Renzo Piano e Richard Rogers, destaca-se pela abordagem radical à arquitetura. Expondo a sua estrutura de suporte e os sistemas mecânicos em cores vibrantes, como vermelho, azul e amarelo. O centro cria uma imagem estimulante e dinâmica. Estas cores transmitem-nos a sensação de audácia e inovação, o que está diretamente ligada com a função de centro cultural e artístico.



Figura 29 - Detalhe fachada Centro Pompidou, Renzo Piano e Richard Rogers, 1977, Beaubourg, Paris, França



Figura 30 - Fachada Centro Pompidou, Renzo Piano e Richard Rogers, 1977, Beaubourg, Paris, França

Estes exemplos ilustram como a utilização consciente da cor, ou a sua ausência, podem influenciar de forma substancial a experiência emocional e sensorial, transmitindo aquilo que efetivamente pretendemos até ao utilizador ou visitante.

2.3.4. Textura

"A arquitetura é a arte de desenhar sonhos, de criar formas e texturas que estimulam a imaginação e a emoção."

Oscar Niemeyer

A textura exerce um papel preponderante na arquitetura, e desempenha uma função primordial na elaboração de uma experiência sensorial multifacetada e enriquecedora. A textura revela-se polivalente, tomando um papel crítico na concretização de projetos com qualidade.

Inicialmente, a textura promove o aumento visual nos espaços, pois dá-lhes dinamismo estético. Através da seleção criteriosa de matérias como pedra, madeira e betão com relevo, conseguimos agregar uma dimensão de profundidade e complexidade ao espaço. Para além do impacto visual, ela exerce influencia na experiência tátil dos utilizadores, superfícies que variam entre ásperas, suaves e rugosas conferem distintas sensações táteis, as quais incidem sobre a interação e o conforto do Homem.

Por exemplo, preferimos muito mais pisar em relva do que pisar em betão, pois a relva é mais macia, mais fresca e visualmente mais agradável, oferece uma experiência tátil e estética superior ao betão. Além disso, o contacto com relva pode proporcionar a sensação de relaxamento, tranquilidade e conexão com a natureza. Em contrapartida, o betão é mais duro, mais quente e visualmente menos atraente, fatores que desencorajam a preferência por essa superfície.

A seleção cuidada das texturas assume relevância na medida em que possibilita a contextualização do edifício com a sua envolvente, adotar materiais que estabelecem um diálogo harmonioso com a paisagem local ou que fazem menção à história do local, é viabilizada a sensação de congruência e integração. Além disso, a textura pode ser manipulada com a finalidade de alterar a perceção de escala e proporção do espaço, superfícies texturadas tem a capacidade de criar ilusões visuais, de ampliação ou redução das dimensões dos espaços. Assim sendo, a seleção de texturas apropriadas a cada situação, dá-nos a possibilidade de expressarmos a identidade ou estilo que pretendemos para aquele

espaço ou objeto arquitetônico, materiais e texturas específicas atuam como veículos de transmissão de sensações associadas ao modernismo, ao rustico, ao requinte ou à simplicidade, tudo depende do conceito que adotamos.

O Museu Solomon R. Guggenheim (Figura 31 e Figura 32), de Frank Lloyd Wright, é um marco incontornável na paisagem urbana de Nova York, Estados Unidos da América. A singularidade da rampa em espiral, que percorre todo o edifício, é uma das características mais marcantes deste museu. Embora a fachada do edifício possa parecer relativamente “lisa” à primeira vista, o jogo de luzes e sombras ao longo das curvas suaves da estrutura confere uma dinâmica de texturas que cativa os visitantes do espaço. Esta abordagem estética não só cria uma sensação de fluidez e movimento, mas também estimula o nível emocional, pois a cada passo dado mais e mais sensações se despertam, não só pelas obras de arte expostas, mas também pelo espaço que as alberga.



Figura 31 - Museu Solomon R. Guggenheim, Frank Lloyd Wright, 1937, Nova Iorque, Estados Unidos da América

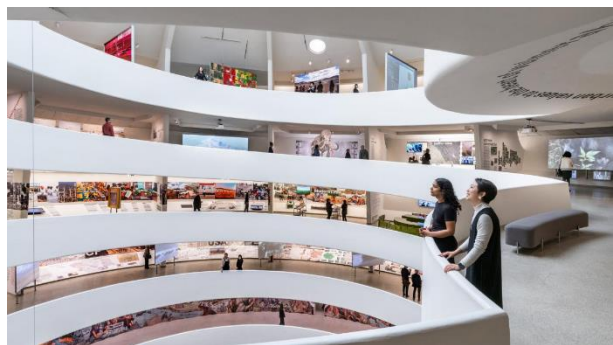


Figura 32 - Interior do Museu Solomon R. Guggenheim, Frank Lloyd Wright, 1937, Nova Iorque, Estados Unidos da América

2.3.5 Materialidade

A arquitetura tem vindo a sofrer um processo contínuo de reinvenção, não só devido ao aparecimento de novas técnicas e tendências, mas também graças a uma compreensão mais profunda da psicologia humana. Recentemente, o campo da neuro-arquitetura tem vindo a destacar-se ao estudar como os ambientes construídos influenciam o cérebro humano, afetando assim comportamentos e bem-estar.

Esta interdisciplinaridade sugere que o design de interiores, com ênfase na materialidade e no design de interiores, com ênfase na materialidade e no design de superfícies, pode desempenhar um papel crucial na modulação das respostas neurais e comportamentais dos indivíduos.

A neuro-arquitetura representa a confluência da neurociência, ciência que estuda o sistema nervoso, especialmente o cérebro, com a arquitetura, a arte e a técnica de projetar e edificar ambientes habitados por seres humanos. Este conceito, embora tenha vindo a ganhar popularidade nas primeiras décadas do século XXI, baseia-se em pesquisas anteriores que investigam como diferentes ambientes podem evocar emoções específicas ou influenciar a saúde mental. John P. Eberhard, formado pelo MIT e fundador da Academy of Neuroscience for Architecture (ANFA). Na sua obra “Brain Landscape: The Coexistence of Neuroscience and Architecture” (2008), Eberhard, fala-nos de como a compreensão das funções cerebrais pode enriquecer a conceção arquitetónica. Da mesma forma o neurocientista Fred Gage, junto com outros especialistas, sublinhou a necessidade de compreender as respostas neurológicas aos ambientes construídos, reforçando a conexão entre neurociência e arquitetura.

O ser humano é inerentemente sensível aos estímulos ambientais, como texturas, cores, luminosidade, odores, sons e outros elementos que compõem as superfícies. Estes elementos podem desencadear respostas emocionais, cognitivas e fisiológicas. Sarah Robinson, arquiteta e autora de “Mind in Architecture: Neuroscience, Embodiment, and the Future of Design” (2015), defende que a arquitetura deve ser concebida de forma a responder e respeitar a nossa natureza neurobiológica, dando ênfase à conexão entre os espaços que habitamos e a nossa experiência sensorial e emocional. Neste contexto, a interseção entre materiais, design de superfícies e neuro-arquitetura serve de ferramenta para entender como as escolhas para determinado objeto influencia a nossa componente neurológica e o comportamento humano, dessa forma, podemos criar ambientes que promovam bem-estar,

saúde e produtividade. A crescente abordagem multidisciplinar com a neurociência reflete o interesse em compreender mais profundamente como os ambientes construídos influenciam modelos projetuais para criar espaços mais saudáveis, eficientes e inspiradores.

O cérebro humano, como produto de uma evolução, adaptou-se ao longo dos milénios para responder de forma otimizada aos estímulos ambientais, por exemplo, espaços abertos e bem iluminados podem provocar sentimentos de liberdade e segurança, enquanto espaços confinados e mal iluminados tendem a provocar desconforto e ansiedade. Allan de Botton, filósofo e autor de “The Architecture of Happiness” (2006), afirma como a arquitetura e o design de interiores têm o poder de influenciar o nosso humor e bem-estar, sugerindo que o design de interiores tem o poder de influenciar o nosso humor e bem-estar, sugerido que o espaço físico em que vivemos desempenha um papel fundamental na nossa experiência emocional e psicológica.

Assim, a materialidade é um aspeto fundamental no estudo da neuro-arquitetura, pois tem a capacidade de aprimorar ou diminuir a experiência humana num espaço. Os materiais possuem qualidades táteis, térmicas, acústicas e visuais que tem o poder de nos fazer ter diferentes respostas emocionais.

Juhani Pallasmaa, no seu livro “The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses” (1996), diz-nos que a arquitetura é uma arte multissensorial, na qual a materialidade desempenha um papel crucial na experiência humana. A escolha de materiais não influencia apenas a estética, mas também impacta o comportamento. A utilização de materiais naturais, é normalmente associado a benefícios para a saúde, enquanto a utilização de materiais sintéticos pode ser interpretada de uma forma menos positiva.

Assim sendo, a escolha cuidadosa dos materiais a aplicar desempenha um papel crucial na conexão emocional com o ambiente construído. A adoção de princípios da arquitetura emocional pode conduzir à criação de ambientes mais favoráveis ao bem-estar do Homem, estimulando todos os nossos sentidos para criar experiências mais ricas e imersivas. A colaboração entre a neurociência, psicologia e arquitetura oferece uma oportunidade de reavaliar e enriquecer a forma como projetamos ambientes para o benefício da saúde e para a satisfação das pessoas.

A casa Milà (La Pedrera), em Barcelona, Espanha de Antoni Gaudí. Construída entre 1906 e 1912, destaca-se não só por ser visualmente um ícone das ruas de Barcelona pela sua estética apurada, mas também pela forma como Gaudí manipulou os materiais para nos proporcionar uma experiência única e inesquecível.

Explorou as propriedades do betão, dando-lhe formas orgânicas e curvilíneas que desafiam o convencional, a textura áspera e irregular do betão é harmonizada com as formas suaves e arredondadas do edifício, e dá-nos a sensação de dinamismo e fluidez.

Aquilo que sentimos quando nos encontramos perante o edifício é fascínio.



Figura 33 - Fachada da La Pedrera, Antoni Gaudí, 1912, Barcelona, Espanha

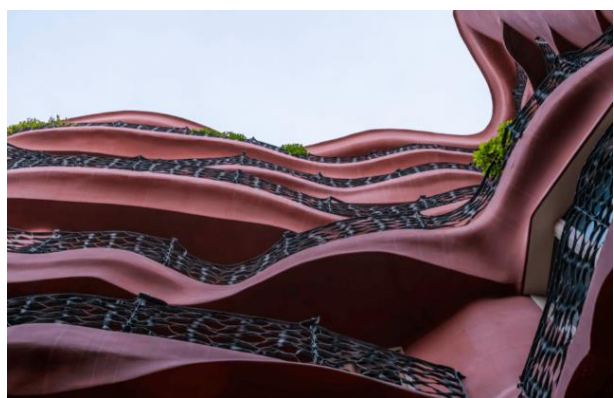


Figura 34 - Fachada (pátio interno) da La Pedrera, Antoni Gaudí, 1912, Barcelona, Espanha

Capítulo III

O Espaço do Género

3.1. Género e Arquitetura

Nos dias de hoje, a relação entre género e arquitetura tem vindo a tornar-se um assunto crescente, revelando-se cada vez mais crucial para a compreensão das implicações sociais, culturais e políticas da prática arquitetónica. Tradicionalmente, a arquitetura esteve associado predominantemente ao masculino: contudo, nas últimas décadas, questões de género tem sido abordada com maior intensidade, abrangendo novas identidades que surgiram no século XXI, como pessoas não-binárias, género-fluido, queer, agénero, bigénero, entre outras.

A interseção entre género e arquitetura é uma questão multifacetada, que exige uma abordagem holística e crítica, abordagem essa que inclui desde a desconstrução das práticas arquitetónicas tradicionais, muitas vezes marcadas por uma visão androcentrista, até a inclusão de perspetivas mais diversas e abrangentes na conceção arquitetónica contemporânea. A desconstrução mencionada implica uma reavaliação dos pressupostos subjacentes às normas de projeto, que historicamente refletiram e reforçaram uma visão de um mundo predominantemente masculino.

Uma das preocupações centrais da arquitetura contemporânea é a criação de espaços que sejam realmente inclusivos e sensíveis às necessidades de todos os géneros. Este objetivo envolve considerações detalhadas sobre segurança, acessibilidade, privacidade e funcionalidade dos espaços, garantindo que todos os indivíduos, independentemente da sua identidade de género, possam usufruir dos ambientes construídos de forma igualitária. Tais considerações exigem uma análise minuciosa dos padrões de projeto e construção, assim como uma reflexão crítica sobre como estes padrões podem ser transformados para promover igualdade.

Estudos sugerem que a arquitetura possui o potencial tanto de perpetuar quanto de desafiar normas de género estabelecidas. Por outras palavras, a forma como os espaços urbanos são desenhados e como edifícios são organizados pode refletir e reforçar suposições de género que influenciam a mobilidade, a utilização dos espaços e a interação social. Para além disso, a pesquisa demonstra que uma representação justa de mulheres e pessoas de outro género na prática arquitetónica é benéfica não só em termos de igualdade, mas também

em termos de inovação e inclusão das soluções propostas. A diversidade de perspectivas tende a resultar em abordagens mais criativas e inclusivas na resolução de problemas arquitetônicos. A forma como os espaços projetados e construídos podem afetar profundamente a percepção e a experiência de diferentes grupos de pessoas, influenciando as oportunidades, qualidade de vida e interações sociais.

No entanto, é válido questionar até que ponto devemos acomodar todas as novas identidades de gênero na arquitetura, a adaptação contínua dos espaços arquitetônicos para atender a um número crescente de identidades pode resultar em complexidades práticas e custos elevados. Além disso, existe a preocupação de que a “hiper-focalização” em atender a cada identidade de gênero emergente, como um bombeiro de serviço que corre para todo o fogo, possa desviar recursos e atenções de outras questões igualmente importantes, como acessibilidade universal, sustentabilidade e funcionalidade básica dos espaços. É crucial considerar o equilíbrio entre a inclusão das diversas identidades de gênero e outras prioridades práticas e econômicas que também são fundamentais para a funcionalidade dos espaços arquitetônicos.

Portanto, embora seja essencial que a arquitetura evolua para ser mais inclusiva e respeitosa das diversas identidades de gênero, também é necessário equilibrar essas considerações com outras prioridades práticas e econômicas. A transformação da arquitetura através da lente da diversidade de gênero deve ser realizada de forma pragmática, enquanto procuramos um meio-termo que promova a inclusão sem comprometer a funcionalidade e a viabilidade dos espaços arquitetônicos. A arquitetura deve, assim, evoluir de forma que reconheça a diversidade de gênero, mas sem perder de vista a necessidade de criar espaços que sejam, acima de tudo, funcionais, acessíveis e sustentáveis. A promoção de uma arquitetura inclusiva deve ser um processo equilibrado, onde a inovação e a sensibilidade às questões de gênero caminhem lado a lado com viabilidade e funcionalidade dos projetos.

3.1.1. O corpo na arquitetura, numa perspectiva de gênero

A relação entre corpo e arquitetura, especialmente sob uma perspectiva de gênero, constitui um campo de estudo multifacetado que investiga como os espaços são projetados e experienciados de forma diferente por homens e mulheres. Historicamente, a arquitetura tem sido uma profissão predominantemente masculina, o que inevitavelmente influenciou a concepção e a construção dos espaços, muitas vezes sem considerar as necessidades

específicas das mulheres, refletindo uma visão androcêntrica da sociedade. Os espaços domésticos, por exemplo, frequentemente refletem e reforçam as normas de gênero vigentes. Tradicionalmente, a casa era vista como o domínio da mulher, influenciando diretamente o desenho das cozinhas, lavandarias e áreas destinadas ao cuidado infantil.

Nas últimas décadas, o movimento feminista tem questionado e desafiado essas configurações espaciais, promovendo a criação de ambientes mais igualitários que atendem às necessidades de todos os habitantes, independentemente do seu gênero. Analogamente, os espaços públicos, como parques, ruas e edifícios públicos, também refletem diferenças de gênero. A segurança, por exemplo, é uma preocupação crucial para as mulheres, influenciando assim o desenho da iluminação pública, a visibilidade e o acesso a transportes seguros. As mulheres experienciam estes espaços de forma diferente, sentindo-se mais vulneráveis a assédios e agressões, o que demonstra a necessidade de um planejamento urbano mais consciente.

A arquitetura inclusiva e o desenho universal são abordagens contemporâneas que visam criar espaços acessíveis e funcionais para todas as pessoas, independentemente de gênero, idade ou capacidade física. Essas abordagens englobam a consideração de diversas necessidades, tais como a implementação de instalações sanitárias neutras em termos de gênero, rampas, elevadores e outras estruturas que atendam tanto às necessidades da mulher como do homem, incluindo aqueles com deficiências. Além disso, a segurança é um fator primordial, o que implica na necessidade de uma iluminação adequada, visibilidade clara e áreas de fuga seguras.

A representação das mulheres na profissão de arquitetura também possui um impacto significativo na forma como os espaços são concebidos. Arquitetas podem trazer diferentes perspectivas e prioridades ao desenho, considerando experiências e necessidades que podem ser negligenciadas por uma visão predominantemente masculina. Este influxo de novas perspectivas pode enriquecer o campo da arquitetura, promovendo uma abordagem mais inclusiva e igualitária no desenho do espaço. Zaha Hadid, uma das arquitetas mais influentes do século XXI, que trouxe uma perspectiva inovadora ao desenho arquitetônico, desafiando nos seus projetos as normas convencionais, fazendo uso das formas fluidas e espaços que questionam e expandem os limites tradicionais da arquitetura. Outro exemplo é Jane Jacobs, ativista e escritora que alterou a forma como pensamos sobre cidades e planejamento urbano. O seu trabalho enfatizou a importância de escala humana e da criação de espaços urbanos

que promova a interação social e a segurança, aspetos fundamentais que beneficiam tanto os homens como as mulheres. Entender a relação entre corpo e arquitetura numa perspetiva de género envolve reconhecer como as diferenças de género influenciam a experiência dos espaços e a necessidade de projetar ambientes que sejam inclusivos e seguros para todos. Isso requer uma abordagem crítica e consciente do desenho arquitetónico, que tenha em consideração as diversas necessidades e experiências de todas as pessoas, promovendo assim uma arquitetura verdadeiramente baseada na igualdade e na inclusão.

A evolução da filosofia ocidental, fundamentada nas doutrinas de Platão e Aristóteles, ocorreu dentro de uma estrutura dual, na qual as mulheres eram associadas à fragilidade e irracionalidade, sendo vistas como o “outro” numa cultura que enaltecia a mente e a racionalidade como normas masculinas. A professora de filosofia Maria Luísa Ferreira argumenta que o uso do termo “homem” para nos referirmos ao ser humano não é acidental, mas reflete um modelo dominante no qual o homem é criador e para quem tudo é feito. Sob o ponto de vista de Luce Irigaray, a sexualidade feminina sempre foi interpretada sob os parâmetros masculinos.

Por isso, a questão não é a simples diferença sexual, mas a indiferença sexual, uma vez que a mulher foi concebida em relação ao homem, que é tido como o representante da espécie. Esta abordagem refletiu-se também na arquitetura, uma disciplina como temos visto até então extremamente sensível a tendências sociais. Catherine Ingraham, arquiteta norte-americana, observa que mesmo em projetos “puramente técnicos e geométricos”, o género masculino era visto como a única opção viável num contexto aparentemente neutro, porém a diferença era vista como uma ameaça à teoria e prática arquitetónica.

Vitrúvio, que inicialmente estabeleceu uma relação consciente entre o corpo humano e a arquitetura, representava o corpo humano como neutro, mas na realidade era a representação da figura masculina. A representação do corpo masculino como modelo universal influenciou não só as proporções utilizadas nas ordens arquitetónicas, mas também a visão de sociedade como descrita por Vitrúvio, baseada na perspectiva do *pater familias*.

Durante a Idade Média, o Tratado Vitruviano permaneceu em manuscritos, porém no Renascimento, foi reapropriado pelos teóricos humanistas, tornando o corpo masculino mais realista e menos idealizado, mesmo assim, a exclusão da mulher na arquitetura foi além da mera relação entre corpo e arquitetura.

Alberti, um dos teóricos mais influentes do período, introduziu nos seus textos a divisão da arquitetura entre “alinhamentos”, derivados da mente, e “matéria”, derivada da natureza. Este sistema, baseado no domínio da razão sobre atributos femininos da natureza, sustentando-se na Revolução Científica do século XVI e pela visão mecanicista do universo. A arquitetura seguiu a tradição vitruviana “imunológica”, onde evitava qualquer contaminação que pudesse surgir da descoberta da diferença, especialmente da diferença sexual. Apenas na primeira onda de manifestações feministas, no século XIX, que tinha como premissa a igualdade de direitos entre homens e mulheres, é que a masculinidade na arquitetura e a masculinidade na prática da arquitetura foram desafiadas. Mesmo assim e apesar das conquistas desse movimento, como o acesso das mulheres à educação e a sua participação ativa, a arquitetura moderna continuou a florescer sem ter em consideração qualquer influência do género oposto.

O movimento moderno, emergiu entre as duas grandes guerras mundiais, representou o ápice da expressão racional masculina na arquitetura. Apoiou-se nos textos e princípios desenvolvidos durante o Renascimento, que se baseavam no logocentrismo. Assim como Alberti e Vitruvius, Le Corbusier, uma das figuras centrais do Movimento Moderno, via a arquitetura como um meio pelo qual o homem poderia controlar a instabilidade natural, tradicionalmente associada ao feminino. Voltou assim ao princípio vitruviano, no que dizia respeito às proporções, criou o “modulor”, um sistema de desenho universal baseado na proporção corporal masculina. Só na segunda onda de manifestações feministas, quando o termo “sexo” passou a ser visto como um sistema social, onde historicamente as mulheres eram excluídas é que houve uma reorientação da perspectiva.

Essa mudança deu-se devido ao crescimento dos estudos sobre a mente no final do século XIX, que fomentaram a ideia de corpo vivido. A passagem do corpo físico para o corpo vivido permitiu a conceção do indivíduo como um ser diferente, capaz de superar a visão sobrecarregada de estereótipos do corpo promovido pela máquina moderna.

Nos anos 70, a história da arquitetura começou a ser analisada e reinterpretada a partir de uma perspectiva feminina, questionando o falocentrismo embutido na sua conceção e aplicação. A inclusão das mulheres na história foi essencial para entender a questão de género nos vários níveis da arquitetura. Devido a uma colaboração interdisciplinar que envolveu a antropologia, sociologia e filosofia, a relação histórica entre corpo e arquitetura

sofreu uma revisão, desafiando as ideias de Alberti de que “o homem é a medida de todas as coisas”.

O conceito de gênero, como um tema de análise, traz à superfície a opressão feminina e permite reescrever a história e expor as desigualdades estruturadas do poder. O espaço, considerado um reflexo privilegiado das relações de poder, tornou-se um foco significativo para estudos feministas em áreas como sociologia, arquitetura e geografia. Como produto cultura, o espaço não é uma entidade inerte ou apenas geométrica; é uma peça vital no nosso cotidiano que influencia as nossas relações socioculturais. Assim, o espaço não é apenas um registo de uma prática existente; ele também é um agente que gera práticas sociais específicas e atua como agente de mudança.

A geógrafa britânica Linda McDowell refere-se à dinâmica entre espaço e poder, indicando que “os espaços surgem das relações de poder; as relações de poder estabelecem normas; e as normas definem limites, tanto sociais como espaciais, determinando a quem pertence um lugar e quem permanece excluído.” Acredita-se que a antropologia foi uma das primeiras disciplinas a identificar a ligação entre gênero e espaço, defendendo que esta relação é definida por relações de poder. Desde os anos 30, filósofos e teóricos culturais estudaram intensamente a relação entre espaço e poder e o seu impacto na configuração do quotidiano.

Por sua vez, as teorias marxistas desempenharam um papel importante neste contexto, examinando edifícios como produtos dos processos capitalistas e reflexos dos valores políticos, sociais e culturais das classes dominantes e elites. Lefebvre propôs que o espaço deve adquirir significado com base na sua relação com o corpo humano, que é o elemento que o consegue perceber e viver. Ele sublinha também que a produção social do espaço pode ser feita em três processos interativos: a Prática Espacial (espaço material ou funcional); as Representações do Espaço (espaço como linguagem codificada); e o Espaço de Representação (a experiência do espaço). Também argumentou que as representações das relações de produção podem ser carregadas de símbolos sexuais, tornando evidente uma divisão clara entre relações públicas e visíveis e relações encobertas, clandestinas e reprimidas, muitas vezes ligadas a questões de prazer e as suas consequências.

Esta compreensão do espaço como uma forma de representação abriu as portas para a exploração da sexualidade nas políticas do espaço, destacando que o espaço não é apenas

uma ferramenta para mapear relações sociais, mas também um componente crucial para a construção da identidade de género, indicando simbolicamente as áreas reservadas para diferentes membros da sociedade. Aqueles que detém o poder de determinar a forma como a sociedade é organizada, em sociedades patriarcais, são geralmente homens, especialmente brancos ocidentais, que predominam. Como resultado, o espaço social, físico e metafísico são produto da consciência masculina, codificando e perpetuando a dominação do homem. Uma das principais abordagens feministas concentrou-se na ideia de esferas separadas, que nos mostram que essa separação reforça a construção cultural das identidades de género e perpetua a desigualdade.

No século XXI, surgiram novas identidades de género que desafiam as conceções tradicionais binárias, Identidades como não-binário, genderqueer, agénero, bigénero, género fluido, entre outras, trouxeram à tona a complexidade e diversidade a experiência humana no que diz respeito a algo que achávamos ter tão enraizado dentro de nós. Estas novas identidades não se encaixam nas categorias tradicionais de masculino e feminino, reconhecendo que o género é um espectro amplo e fluido.

A inclusão destas novas identidades teve um impacto significativo na arquitetura e no desenho dos espaços. Tornou-se crucial projetar ambientes que fossem acolhedores e inclusivos para todas as pessoas, independentemente da sua identidade de género. Isso inclui considerarmos instalações sanitárias neutras, espaços seguros e inclusivos nas escolas e locais de trabalho, e a adaptação de práticas arquitetónicas para atender às necessidades de uma população diversificada.

As escolas, que antigamente eram separadas por géneros, passaram a ser mistas, refletindo uma sociedade mais inclusiva e igualitárias. A mudança para escolas mistas não só promoveu a igualdade de género como também desafiou as normas tradicionais e estimulou uma maior aceitação e compreensão da diversidade, auxiliando direta ou indiretamente no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e compreensiva. Porém nos dias de hoje, em que já existem escolas mistas, em que praticamente todas podem andar livremente por qualquer lado, pelo menos em Portugal, o que podemos alterar nas premissas arquitetónicas de forma a acomodar todas estas novas identidades?

A inclusão das novas identidades de género na discussão sobre espaço e arquitetura sublinha a necessidade de um pensamento crítico e sensível que vá mais além das normativas

tradicionais. As exigências por espaços mais inclusivos e representativos de diversas identidades impulsionam a transformação não só física dos ambientes arquitetônicos, mas também das relações sociais e culturais que eles englobam. Ao reconhecermos e valorizarmos a diversidade de experiências e identidades, estamos a avançar em direção a uma sociedade mais inclusiva e justa, onde o espaço é um reflexo da pluralidade humana e um agente ativo de mudança social. Neste contexto a arquitetura contemporânea enfrenta o desafio de adaptar-se às necessidades de uma sociedade em constante mutação em termos de identidade de gênero.

Uma das formas pelas quais a arquitetura está a responder a estes desafios é através do desenho de espaços mais flexíveis e adaptáveis. Isso significa criar ambientes que possam ser facilmente modificados para atender às necessidades específicas de diferentes grupos de pessoas incluindo aqueles que não se identificam estritamente como masculinos ou femininos. Por exemplo, instalações sanitárias e balneários que podem ser utilizados por qualquer pessoa, independentemente da sua identidade de gênero, estão a ser cada vez mais adotadas em espaços públicos.

Além disso, a representatividade no processo de conceção é fundamental para garantir que as diversas perspetivas e experiências de gênero sejam tidas em consideração. Isso significa envolver profissionais e comunidades de diferentes identidades de gênero, desde as fases iniciais do projeto, para garantir que as suas necessidades e preocupações sejam adequadamente abordadas.

Outro aspeto importante é a educação e sensibilização dos profissionais de arquitetura sobre questões de gênero. Isso inclui fornecer bases de como é projetar espaços inclusivos e igualitários com o objetivo de promover o respeito e a compreensão da diversidade de identidades de gênero.

Assim sendo, devemos estar atentos não só à funcionalidade e estética dos espaços, mas também à sua capacidade de acolher e respeitar a diversidade humana.

3.2. Gênero na Vivência do Espaço

3.2.1. O Espaço Privado

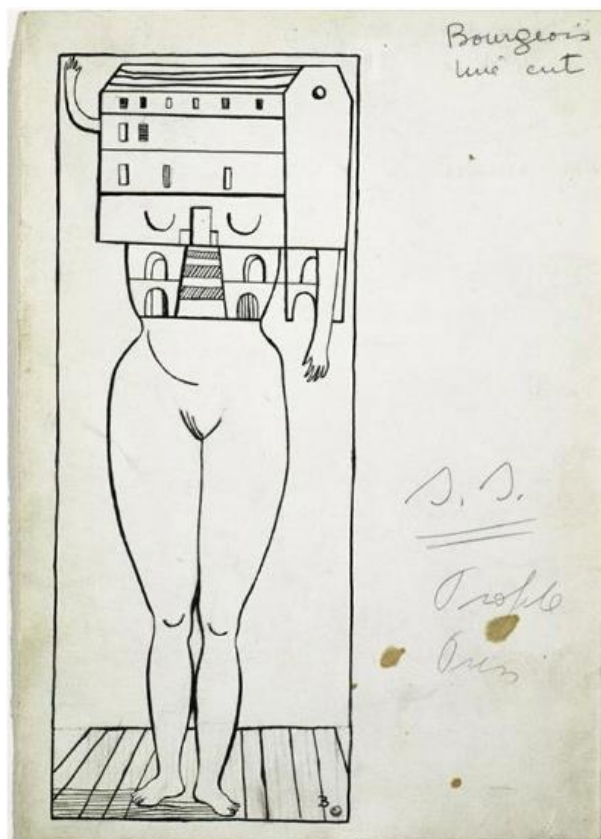


Figura 35 - Femme - Maison, Louise Bourgeois

As definições de “casa” ao longo da história da arquitetura tem variado consideravelmente, adquirindo diferentes interpretações que vão além do sentido material.

Desde o abrigo primitivo até ao símbolo do útero, a ideia de uma natureza feminina sempre esteve presente. A construção do significado de mulher e homem historicamente teve origem da observação das características biológicas de cada um. Ao homem, por supostamente possuir habilidades mentais e físicas necessárias, tinha a tarefa de organizar e controlar a natureza e os seus instintos. A mulher, por ser associada a características mais próximas da instabilidade natural, deveria de ser controlada pelo homem, sendo confinada ao ambiente onde o poder masculino é exercido com maior eficácia: a casa. A mulher, vista como um ser instável e descontrolado, fazia da casa um mecanismo para domesticar a sua natureza, considerada delicada e mentalmente frágil. O casamento era, assim, uma forma de “domesticar o animal”, manifestando-se fisicamente na casa onde os princípios patriarcais eram aplicados.

O espaço destinado a cada membro da família era definido pelo sistema de relações conjugais. A ocupação do “espaço errado” poderia afetar as identidades de gênero, tornando o corpo de quem o ocupava mais feminino. A mulher em áreas externas confirmava a sua instabilidade mental, enquanto o homem, segundo Xenofonte, se confinado em casa, tornava-se efeminizado e mentalmente enfraquecido. Desta forma, a mulher não podia aproximar-se de características masculinas. Apenas o homem corria o risco de ser contaminado pela instabilidade feminina, motivando o sentimento de “dominar para não ser dominado”.

Estas ideias foram amplamente exploradas por teóricos do renascimento, como Alberti no seu tratado “On the Art of Building in Ten Books”. Alberti reforçava a posição de cada sexo no espaço doméstico, discutindo o projeto da casa sob princípios de autoridade patriarcal e vigilância. O homem controlava a casa, determinando os seus limites e relações, enquanto a mulher vivia dentro dela, seguindo as ordens estabelecidas. Alberti também se preocupava com a higiene, temas que seriam mais tarde explorados pelo Movimento Moderno.

Com o aparecimento da burguesia no século XVIII, esses princípios de separação foram reforçados. O abandono da economia de subsistência levou à especialização dos espaços de trabalho e habitação, evidenciando mais a separação entre espaços públicos, associados ao homem, e privados, associados à mulher e à vida familiar. A mulher foi forçada a ocupar o lugar dentro de uma esfera menos produtiva, enquanto o homem assumia os negócios, a principal fonte de rendimento da família. A separação dos sexos tornou-se mais acentuada com a divisão do trabalho, criando esferas distintas: a produtiva (masculina) e a reprodutiva (feminina). A casa associou-se a valores ideológicos, morais e sociais que perpetuavam uma cultura doméstica e tradicional.

Georges Teyssot sugere que a casa idealizada e construída no século XIX faz parte de um “novo simbolismo de segurança”. A ideia de um espaço doméstico aberto e fluido foi substituído por um ambiente fechado e compartimentado, refletindo uma vida familiar centrada na intimidade. Dentro destes espaços, o corpo feminino dominava, mas no sentido de uma mãe cuja existência era focada nos outros. Surge assim o conceito de “conforto”, associado inicialmente ao homem, mas rapidamente apropriado pela mulher, que tornou o ambiente doméstico mais confortável, afirmando-se em áreas que eram anteriormente masculinas.

No final do século XIX, as mulheres burguesas assumiram o papel de donas de casa, transformando o ideal feminino de conforto numa procura de soluções para facilitar as lides domésticas. A imagem da “Nova Mulher” surgiu assim, nos Estados Unidos, refletindo novas oportunidades de emprego, educação e participação na vida pública, enquanto tratava das tarefas domésticas, agora facilitadas por instrumentos inspirados pelo Taylorismo.

O Movimento Moderno, orientado pelos valores racionais associados à masculinidade e pelo lema “a forma segue a função”, transformou a arquitetura doméstica. Estudos de movimentos realizados por Gilberths, Neufert e Le Corbusier resultaram em modelos arquitetónicos que procuravam atender não só às exigências racionais, mas também às novas noções de higiene e privacidade, com uma organização espacial funcional. Le Corbusier, na sua edição de “Espirit Nouveau” de 1921, lançou o conceito de “máquina de habitar”, onde a casa se tornaria uma máquina que incluía o corpo humano como uma das suas peças. Entre a mecanização dos serviços e a nova organização funcional dos espaços, a cozinha tornou-se o centro das tarefas domésticas.

Em 1869, Beecher questionou se o modelo de cozinha existente deveria de ser alterado para atender às necessidades domésticas. A Frankfurt Kitchen, projetada por Margarete Schütte-Lihotzky em 1926, exemplificou essa mudança concebendo um espaço compacto e funcional que simplificava os movimentos e estruturalmente transformava o ato de preparar as refeições.



Figura 36 - Fotografia de uma Frankfurt Kitchen, Reinhard Wegmann

A Frankfurt Kitchen tinha duas portas, que faziam a ligação da cozinha com o hall e a sala de jantar, o que permitia a interação da mulher com a restante casa. Apesar do seu sucesso inicial, críticas começaram a surgir apontando o isolamento promovido pela cozinha

desenvolvida para uma única pessoa. Este modelo gerou um debate sobre a necessidade de colaboração entre o arquiteto e a dona de casa. O espaço da cozinha evoluiu mais uma vez, com a criação da Unité d' Habitation de Marseille de Le Corbusier, que defendia que a dona de casa não deveria estar isolada das visitas enquanto cozinhava, surgindo assim o conceito de *open space*.

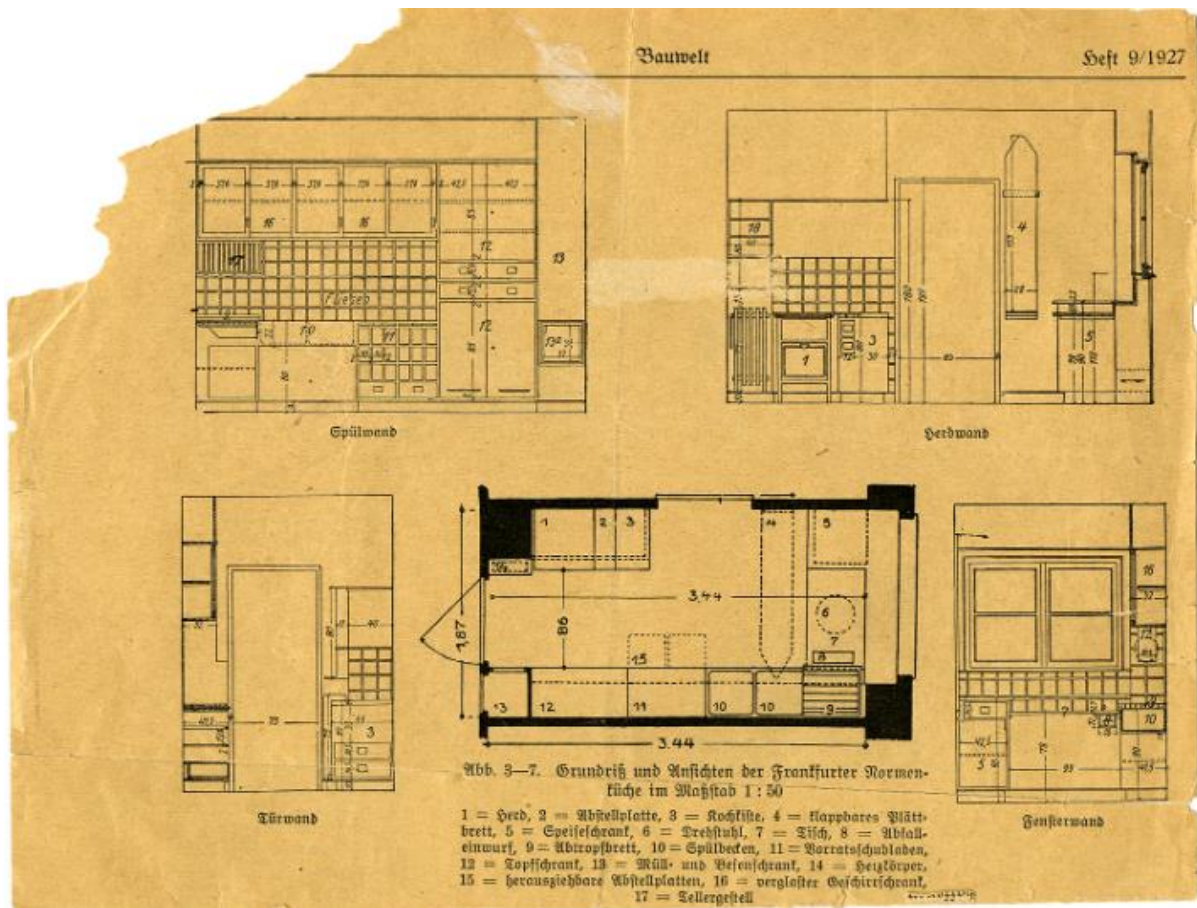


Figura 37 - Projeto da Frankfurt Kitchen, Universidade de Artes Aplicadas de Vienna

Siegfried Giedion argumenta que não se pode falar sobre a evolução da cozinha sem mencionar a evolução do papel social da mulher e o progresso tecnológico, onde a dona de casa teve um papel significativo.

Atualmente, a questão da segregação da mulher à habitação foi de certa forma resolvida, porém existe agora a questão das necessidades habitacionais de identidades de género que foram surgindo ao longo dos anos, que até então tem sido pouco discutida o que origina a que seja mal compreendida. A conceção errónea de que seriam necessárias

alterações substanciais no desenho das habitações para acomodar essas pessoas é infundada. Na verdade, pessoas com identidades de género distintas não necessitam de adaptações físicas específicas, porém é necessária a criação de um ambiente seguro, inclusivo e respeitoso, onde todos possam se sentir acolhidos e valorizados. Estes indivíduos requerem espaços que garantem privacidade, segurança e conforto, assim como qualquer outra pessoa. Por exemplo, uma pessoa transgénero ou não-binária necessita de um quarto privado e de uma instalação sanitária, exatamente como qualquer outra pessoa. Portanto, as necessidades específicas em termos de layout ou desenho da casa não apresentam variações significativas.

Assim sendo, as necessidades habitacionais das pessoas com diferentes identidades de género são essencialmente congruentes com as necessidades habitacionais da população em geral: segurança, privacidade e respeito. Não sendo necessário alterar a estrutura ou o desenho das habitações para acomodar essas necessidades. O foco deve ser a criação de um ambiente inclusivo e respeitoso, onde todos se sintam seguros e bem-vindos. O compromisso com a igualdade e a inclusão pode ser alcançado através da consciencialização, da educação e da aplicação de políticas de não discriminação, sem a necessidade de mudanças físicas no âmbito da habitação.

3.2.2. O Espaço Público

A premissa central que fundamenta esta dissertação é que homens, mulheres e as demais identidades de género não partilham as mesmas experiências na cidade e no espaço urbano. Vários fatores diferenciadores podem ser identificados, com a imposição dos papéis de género resultado de uma sociedade patriarcal.

A vivência da cidade e a sua configuração refletem cosmovisões, a cidade que projetamos e habitamos é um reflexo das estruturas de poder e desigualdades presentes na sociedade. Assim, as vivências são moldadas por uma multiplicidade de hierarquias de privilégios e opressões.

A teoria da intersecção emerge como uma ferramenta essencial para compreender a diversidade das experiências femininas. Reconhecendo as diferentes opressões que se intersectam, percebemos que as experiências das mulheres são plurais, influenciadas por etnia, idade, entre outros fatores.

Dona Haraway introduz o conceito de “conhecimento situado”, onde destaca a importância da posição e subjetividade daqueles que emitem conhecimento. Isso permite

entender as experiências singulares das mulheres na cidade a partir das suas próprias perspectivas. A mobilidade feminina é distinta da masculina, com as mulheres a utilizar cada vez mais o transporte público em múltiplos percursos, enquanto o homem tem tendência a utilizar o transporte privado nos trajetos trabalho-casa. Isso como é lógico reflete diferenças na vivências pela cidade.

O medo, uma percepção subjetiva, é influenciado por experiências pessoais e códigos sociais. Para as mulheres, o medo muitas vezes está relacionado ao “stranger danger”, apesar de o perigo real ocorrer com mais frequência em ambientes domésticos. A arquitetura da cidade pode contribuir para o medo e a insegurança, com elementos como edifícios degradados, ruas mal iluminadas e anúncios sexistas, que reforçam as percepções de perigo.

A discussão sobre identidades de género e espaço público é crucial para entender as dinâmicas sociais e contemporâneas. Pessoas com identidades de género diversas enfrentam desafios específicos, desde discriminação até exclusão de espaços públicos e serviços essenciais.

A análise comparativa entre a condição das mulheres antes do século XX e a situação das pessoas com outras identidades de género na atualidade revela complexidades e desafios na interseção entre género e ambiente construído. A luta por reconhecimento e inclusão no espaço público continua para garantir igualdade e segurança para todas as identidades de género. Os desafios que pessoas com identidades de género distintas enfrentam, refletem e ampliam as lutas históricas das mulheres por igualdade e reconhecimento no espaço público. Essas lutas moldam a compreensão da interseção entre género e arquitetura, destacando a necessidade de espaços inclusivos e representativos.

Antes do século XX, as estruturas arquitetónicas refletiam e reforçavam normas de género patriarcais, limitando o acesso e a participação das mulheres nos espaços públicos. Hoje, pessoas com identidades de género diversas enfrentam barreiras semelhantes, com a falta de infraestrutura inclusiva e o reforço de estereótipos de géneros que marginalizam as comunidades. Movimentos de direitos trans e não-binários estão a liderar uma luta por mudanças na conceção e uso de espaços arquitetónicos para garantir a acessibilidade, segurança e representação para todas as identidades de género.

Um dos princípios fundamentais da inclusão é o respeito mútuo, sendo que o mesmo deve existir em ambas as direções, ou seja, cisgéneros respeitarem as demais identidades de género e vice-versa. No entanto, com a aprovação da lei parlamentar sobre a “autodeterminação de género”, a população portuguesa expôs algumas das suas preocupações, “Agora terei que partilhar uma casa de banho com alguém de outro sexo, só porque se identifica com o sexo oposto?”; “Terei que permitir que a minha filha adolescente partilhe um balneário com outro adolescente do sexo oposto?”, tais questões são pertinentes e, tendo em consideração a importância de salvuardarmos, protegermos e assegurarmos a segurança de todos, o ponto de vista arquitetónico, é imperativo considerar as preocupações, mas com o intuito de as resolver.

Assim sendo, no que concerne às instalações sanitárias, uma das questões mais debatidas até então, existe uma necessidade premente de soluções que conciliam inclusividade e privacidade. A arquitetura tem um papel crucial na criação de espaços que promovam a inclusão sem comprometer o conforto e a segurança de ninguém.

Uma abordagem viável seria a implementação de instalações sanitárias unissexo individuais, que garantam privacidade e segurança para todos os utilizadores. Estas cabines independentes podem ser projetadas de forma ampla e acessível, assegurando que todas as necessidades sejam colmatadas sem criar desconforto para nenhum grupo específico. Além disso, os balneários e vestiários podem ser reconfigurados para incluir áreas privadas para trocas de roupas, com divisórias completas e trincos, de forma que qualquer pessoa possa se sentir segura. Em vez de áreas abertas, criar cubículos individuais, oferecendo assim uma solução prática, este tipo de desenho e divisão dos espaços permite que as pessoas tenham a privacidade necessárias, eliminando a exposição involuntária e, assim mitigando as preocupações de segurança e desconforto.

A sinalização e o desenho intuitivo são essenciais para assegurar que todos saibam utilizar estes espaços da forma para o qual foram projetados. Sinalética clara e inclusiva, com a utilização de ícones e linguagem compreensível para todos, independente das duas identidades de género.

Outro ponto a ser considerado é a participação ativa das comunidades na conceção desses espaços. O envolvimento de grupos de diferentes identidades de género nas fases de planeamento e conceção pode fornecer *insights* valiosos, assegurando que as soluções

propostas vão de encontro às necessidades de todos os utilizadores. Realizar consultas públicas, workshops e discussões abertas pode facilitar a compreensão das preocupações e desejos de diversos grupos, permitindo que os arquitetos criem espaços mais inclusivos e funcionais.

A construção de espaços públicos verdadeiramente inclusivos depende do compromisso coletivo em respeitar e valorizar todas as identidades de género. Políticas públicas, programas educativos e infraestrutura inclusiva são elementos essenciais para garantir que todos possam viver e se expressar livremente, sem medo de discriminação ou violência.

3.3. “O” Cidade – ponderação sobre o género da cidade

A análise crítica das narrativas históricas sobre género e a sua interseção com conceções binárias de natureza e civilização instiga uma reflexão aprofundada sobre a complexidade das identidades de género e a sua relação com o espaço urbano. Investigações académicas têm vindo a mostrar que a influencia significativa dessas narrativas na configuração não só do ambiente físico das cidades, mas também das dinâmicas sociais, políticas e económicas que se desenvolvem nelas.

É imprescindível compreender que as conceções tradicionais de género, que tendem a associar as mulheres à natureza e os homens à civilização, são construções sociais enraizadas nos sistemas de valores patriarcais historicamente estabelecidos. Esta dicotomia de género tem sido reiterada ao longo do tempo, moldando não só as perceções de identidades de género, mas também regulando quem tem acesso aos recursos e poder nas sociedades urbanas.

Contudo, à medida que os estudos de género avançam, emerge uma compreensão mais sofisticada e inclusiva das identidades de género, que desafia as categorizações binárias convencionais. É cada vez mais evidentes que as identidades de género são multifacetadas e fluidas, transcendendo as estruturas normativas de masculinidade e feminilidade. Portanto, é crucial reconhecer e valorizar essa diversidade de experiências de género ao conceber e planear as cidades do futuro.

No contexto urbano, a interseção entre identidades de gênero e espaço físico manifesta-se através das normas de gênero que influenciam a concepção, uso e acesso aos espaços públicos. A segregação de gênero, seja através de barreiras físicas ou sociais, restringe a liberdade de movimento e expressão para aqueles que não se enquadram nos “parâmetros” tradicionais de gênero. Isso resulta em espaços urbanos que não são verdadeiramente para todos, ou acolhedores.

Além disso, a associação entre características consideradas femininas e a natureza, e aquelas consideradas masculinas e a civilização, não só perpetuam estereótipos prejudiciais, mas também marginaliza e torna invisíveis outras identidades de gênero. Essa associação implica numa hierarquia de valor que coloca em desvantagem aqueles que não se conformam às expectativas de gênero dominantes, como argumentado por Virgínia Ferreira (1999), as disparidades de gênero na arquitetura refletem e perpetuam as desigualdades sociais existentes.

Para superar essas barreiras, é fundamental “re-imaginar” e redesenhar os espaços urbanos de forma a promover a inclusão. Isso requer não só políticas urbanas que levam em consideração as diversas necessidades, mas também uma transformação cultural e social que celebre a diversidade e respeite a autodeterminação de gênero de cada indivíduo.

3.4. Gênero na concepção arquitetônica

3.4.1. A contribuição

Ao longo dos séculos XVIII até ao século XX, a sociedade ocidental foi palco de metamorfoses profundas que alteraram de forma marcante as convenções sociais e culturais, especialmente no que tange à noção de privacidade, conforto e higiene no âmbito doméstico. Estas mutações não só incitaram uma reconfiguração da estrutura familiar, mas também exerceram influência sobre a arquitetura residencial e os padrões de interação social.

Durante um extenso período, o paradigma da família nuclear, assentava na premissa da reprodução heterossexual e era caracterizada por papéis de gênero rigidamente delineados, predominou como modelo social preponderante. Indivíduos que não se ajustavam a esse padrão, como solteiros, frequentemente era estigmatizado e marginalizado, sendo alvo de suposições infundadas acerca da sua sexualidade e estabilidade emocional.

Porém personalidades como Aline Barnsdall, Truus Shroder e Dra. Edith Farnsworth desafiaram tais normativas ao entrarem em colaborações com arquitetos de renome para conceberem residências que refletissem as suas próprias concepções e prioridades de vida.

Estas mulheres, ao darem prioridade às suas paixões e causas em detrimento de se conformarem às expectativas sociais vigentes, desempenharam um papel seminal na promoção das novas perspectivas sobre a habitação e estilo de vida. As residências projetadas para estas figuras não tão convencionais, não só romperam com os moldes arquitetónicos tradicionais, mas também problematizaram as fronteiras entre espaços de trabalho e de habitação. Ao abdicarem da segregação habitual entre áreas destinadas a adultos e crianças, estas habitações promoveram uma maior permeabilidade e flexibilidade nos domínios domésticos, representando, assim, uma rutura com os paradigmas ideológicos estabelecidos.

Para além disso, o surgir da revista *Playboy*, idealizada por Hugh Hefner em 1953, introduziu um novo conceito de “solteirão”, associado à sofisticação e independência. As habitações voltadas para este público destacavam-se pela fluidez de espaços e pela ausência de divisões rígidas, desafiando mais uma vez as convenções sociais da época e celebrando a liberdade e o prazer individual.

Na atualidade, no contexto da arquitetura contemporânea, as novas concepções de identidade de género continuam a moldar a forma como concebemos e habitamos o espaço. A imperiosidade de uma abordagem inclusiva e sensível às diversas identidades de género é mais latente do que nunca.

Desta forma, a arquitetura contemporânea está a se desafiada a adotar uma postura ainda mais inclusiva e culturalmente informada, e cabe aos arquitetos, agentes de mudança a conseguirem soluções para estas problemáticas e a transmitirem inclusão, respeito, etc através de elementos construídos.

3.5. Conclusões

A relação entre género e arquitetura tornou-se um tema central no campo da arquitetura contemporânea, refletindo a crescente necessidade de práticas arquitetónicas inclusivas e sensíveis à diversidade. Historicamente marcada por uma visão androcetrada, a arquitetura atual enfrenta o desafio de desconstruir normas tradicionais e integrar perspectivas diversas para criar espaços que atendam às necessidades de todos os indivíduos. Este

movimento não só promove igualdade, mas também fomenta a inovação e a criatividade, o que resultou em soluções arquitetônicas mais inclusivas e enriquecedoras.

Contudo a adaptação contínua da arquitetura para acomodar um número crescente de identidades de gênero apresenta complexidades práticas e custos que devem ser equilibrados com outras prioridades essenciais, como acessibilidade universal, sustentabilidade e funcionalidade dos espaços. A “hiper-focalização” em tentar acomodar todas as identidades que emergem pode desviar recursos e atenções de questões tão ou mais importantes. Portanto, a transformação da arquitetura deve ser pragmática, procurando um equilíbrio que promova a inclusão sem comprometer a funcionalidade e a viabilidade dos espaços arquitetônicos.

A relação entre corpo e arquitetura, especialmente sob a perspectiva de gênero, é crucial para entender como os espaços são projetados e vivenciados de formas distintas por homens e mulheres. A arquitetura, tradicionalmente dominada por homens, muitas vezes desconsiderou as necessidades específicas das mulheres. Movimentos feministas, vieram e ajudaram a alterar toda a dinâmica da sociedade, tanto dentro como fora da arquitetura.

Surgem assim, novas identidades de gênero, que trouxeram à tona a complexidade e diversidade da experiência humana, reforçando ainda mais a ideia de que é importante desenvolvermos objetos, espaços e lugares inclusivos para todos.

A análise crítica das narrativas históricas sobre gênero e suas interações com concepções binárias de natureza e civilização revela a complexidade das identidades e a sua relação com o espaço urbano. As concepções tradicionais de gênero, refletem construções sociais, porém com os avanços dos estudos nesta área, cresce a compreensão de que as identidades de gênero são multifacetadas e fluidas, desafiando categorizações binárias. Reconhecermos esta diversidade é crucial para planejar a cidade “do amanhã”.

Em suma, a arquitetura deve continuar a evoluir para refletir a diversidade e complexidade da experiência humana. A criação de espaços que promovam a igualdade, segurança e respeito para todas as identidades de gênero não requer mudanças estruturais significativas, mas sim uma mudança de mentalidade e políticas que promovam a inclusão e a não discriminação. Ao reconhecermos e valorizarmos a pluralidade das experiências de gênero, a arquitetura pode contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva, onde o

espaço doméstico e urbano é um reflexo da igualdade e do respeito mútuo. Este compromisso com a inclusão e a igualdade não só melhora a qualidade de vida de todos os indivíduos, mas também enriquece a prática arquitetônica com novas perspectivas e soluções inovadoras.

Capítulo IV

4.1. Casos de Estudo

Ao longo da história, a arquitetura foi tradicionalmente concebida e desenvolvida a partir de perspectivas masculinas, refletindo nela o panorama cultural onde as vozes femininas eram silenciadas ou ignoradas. Este desequilíbrio de gênero manifesta-se de várias formas, desde a falta de reconhecimento de arquitetas pioneiras até à predominância de homens em cargos de liderança em escritórios. A consequência desse cenário é um ambiente em que os espaços públicos e privados são projetados sem considerar adequadamente as necessidades, experiências e desejos das mulheres. Esta dinâmica tem impacto direto na forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos com os ambientes que nos rodeiam. Espaços urbanos, edifícios residenciais, escritórios e estruturas públicas foram historicamente desenhados para atender às expectativas e preferência do homem, ignorando aspetos cruciais do bem-estar e segurança das mulheres. Este desequilíbrio perpetua também a cultura na qual as mulheres são marginalizadas ou vistas como uma minoria num setor dominado por homens.

Porém, na última década, ocorreu uma mudança significativa neste cenário. Um número crescente de projetos arquitetónicos está a colocar as mulheres no centro do processo de conceção arquitetónica, destacando as suas perspectivas e reconhecendo o seu papel, como fundamental na criação de ambientes mais inclusivos e sensíveis às questões de gênero, esta mudança não é apenas uma questão de justiça e igualdade, mas também uma forma de idealizar espaços mais funcionais, acolhedores e adaptáveis para todos os utilizadores.

Os novos projetos arquitetónicos focados nas mulheres adotam uma abordagem que vai além do simples reconhecimento de uma presença feminina, procuram entender profundamente as experiências únicas das mulheres, tendo em consideração as suas necessidades no que diz respeito a segurança, conforto, acessibilidade e bem-estar. O resultado são projetos que não só satisfazem essas necessidades, mas também proporcionam ambientes que beneficiam toda a comunidade, gerando espaços harmoniosos e equilibrados.

Nos pontos seguintes, iremos apresentar e analisar casos de estudo que ilustram como a arquitetura pode ser concebida tendo as mulheres como elemento na equação. Serão exploradas obras em que as mulheres desempenharam papéis-chave no processo de concepção, bem como espaços que foram única e exclusivamente desenhados para mulheres. A partir destas análises pretendemos entender como estas abordagens podem influenciar positivamente a forma como os espaços são utilizados e como estas práticas podem servir de modelo para futuros projetos.

Ao longo da análise, procuramos identificar características e práticas que os tornam importantes, abordando como a inclusão da mulher no processo de concepção pode contribuir para uma maior diversidade na arquitetura, proporcionando ambientes mais recetivos.

No final, espera-se que tenhamos uma compreensão mais clara de como a arquitetura centrada nas mulheres ou arquitetura que inclui a mulher pode ser uma força transformadora, redefinindo a forma como concebemos e utilizamos os espaços. Com esta visão em mente, seguimos para a análise dos casos de estudo, onde procuramos exemplos concretos de arquitetura voltada para a mulher.

4.1.1. Vanna Venturi House, Robert Venturi

A Vanna Venturi House, concebida por Robert Venturi para a sua mãe, ocupa um espaço significativo no contexto da arquitetura pós-moderna, marca uma clara rutura com as convenções do modernismo.

Esta residência desafiou os preceitos da concepção funcionalista, reintroduzindo elementos ornamentais, complexidade e ambiguidade. Não foi única e exclusivamente projetada para promover o bem-estar das mulheres, porém é um exemplo de excelência da atenção que pode ser dada, às necessidades do lar, da família e da vida doméstica, componente que tradicionalmente foram associados à esfera do feminino.

Na fachada é notável o jogo que Venturi fez com as expectativas tradicionais, pois apresenta-nos um frontão grandioso com proporções clássicas, mas com detalhes que sugerem desconstrução e dualidade. O posicionamento assimétrico da entrada principal e a disposição irregular dos vãos quebram com a rigidez formal e dão complexidade visual, que se destaca quando comparada com a estética minimalista do modernismo. Este desenho convida a uma interpretação mais rica, tornando toda a fachada numa experiência visual que requer envolvimento e reflexão do observador.



Figura 38 - Fachada da Casa Vanna Venturi, Smallbones, 2011

No interior da casa, a abordagem fluida do planeamento dos espaços internos é evidente, a ampla sala de estar, com uma lareira imponente como elemento central, oferece uma sensação de acolhimento e calor. A lareira, como parte intrínseca da tradição arquitetónica residencial, simboliza a ideia de lar e de centralidade familiar, este elemento espacial é especialmente relevante para as mulheres, que historicamente tem desempenhado papéis essenciais na criação de ambientes confortáveis para a família.



Figura 39 - Interior da Casa Vanna Venturi, Robert Venturi

A organização interna da casa privilegia a conexão entre espaços públicos e privados. A sala de estar e a cozinha, por exemplo, são estrategicamente colocadas para facilitar a interação e comunicação entre os membros da família. A disposição da cozinha, próxima à sala de estar, reflete uma abordagem prática que facilita as atividades domésticas e promove

a convivência. Esta configuração sugere uma compreensão das necessidades diárias da família.

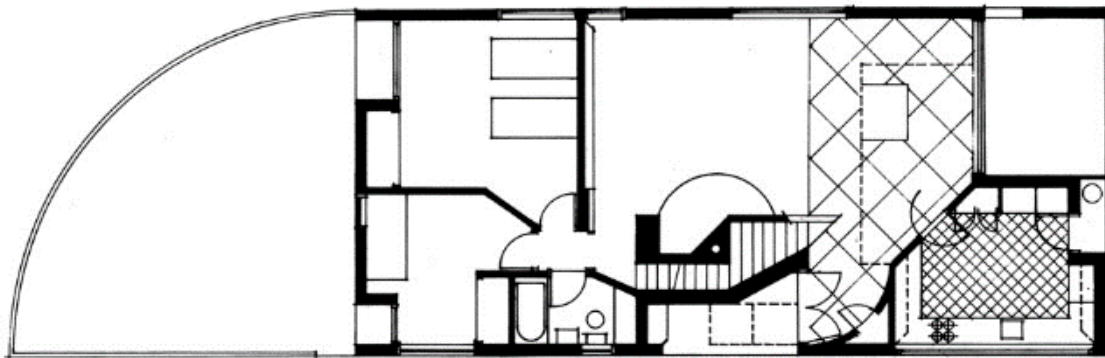


Figura 40 - Planta do piso terreo da Casa Vanna Venturi, Robert Venturi

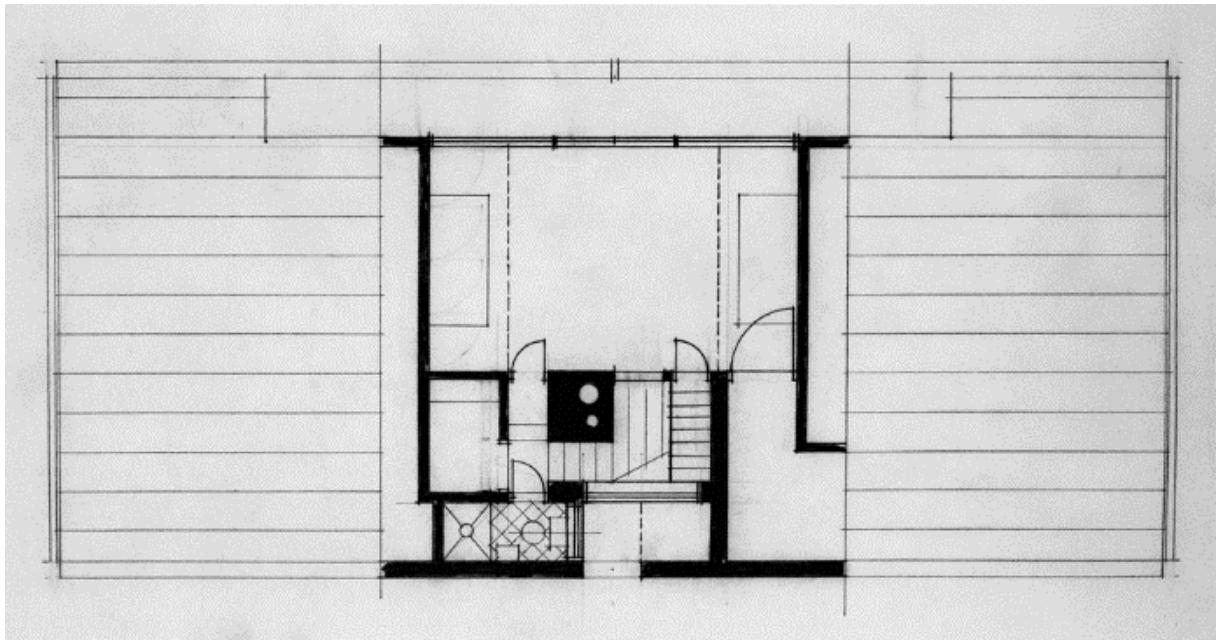


Figura 41 - Planta primeiro piso da Casa Vanna Venturi, Robert Venturi

Associada à lareira temos também uma escadaria que faz a ligação ao piso superior da habitação, que de certa forma representa a transição e progresso, tanto físico quanto metafórico. Este elemento pode ser visto como uma metáfora para a evolução contínua da vida doméstica, destacando como uma casa pode acomodar as mudanças na estrutura familiar ao longo dos anos. A escada é um símbolo de mobilidade, essencial para compreender a flexibilidade do ambiente doméstico.

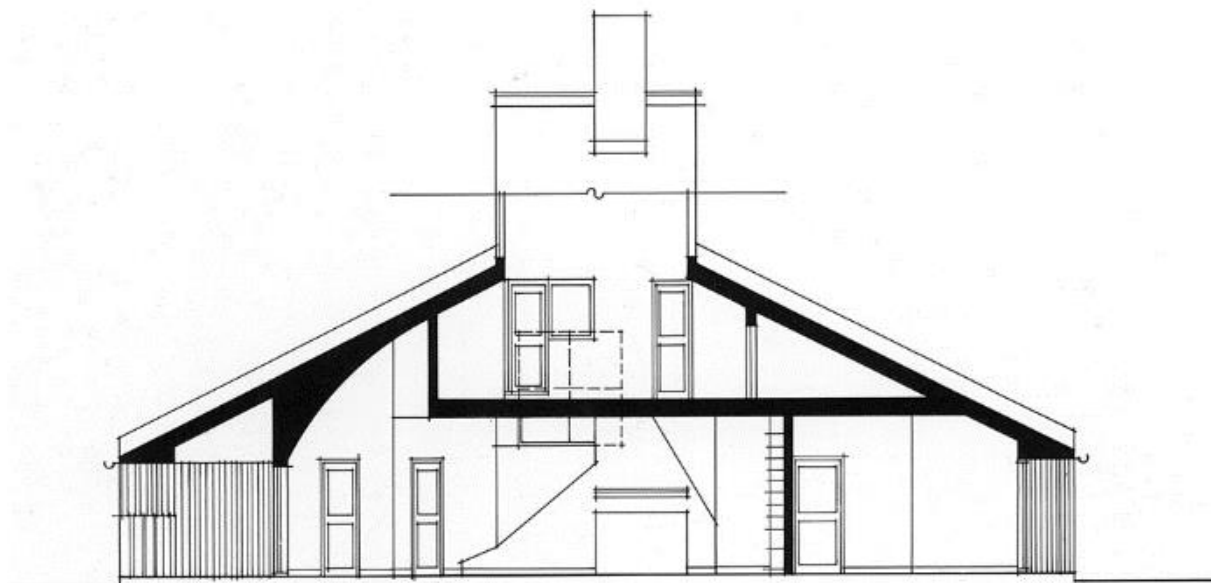


Figura 42 - Corte da Casa Vanna Venturi, Robert Venturi

A combinação de elementos tradicionais e inovações pós-modernas nesta obra criam um ambiente único que desafia e homenageia, transmitindo-nos uma compreensão profunda das necessidades emocionais e práticas do lar, destacando o compromisso de Venturi em criar um espaço que valoriza o conforto, a funcionalidade e a família.

Apesar de não ser explicitamente voltada para o bem-estar das mulheres, incorpora valores tradicionalmente ligados à esfera feminina. O uso da arquitetura pós-moderna na criação de um espaço que faz a ponte entre tradição e inovação reflete uma narrativa rica de simbolismos e detalhes que promovem a ligação mais profunda com o ideal de lar. Assim, esta habitação torna-se um exemplo de como a arquitetura pode, intencionalmente ou não, apoiar o bem-estar das mulheres e contribuir para espaços inclusivos e acolhedores.

4.1.2. Eames House, Charles e Ray Eames

Também conhecida por *Case Study House No. 8*, é um dos projetos mais significativos do modernismo na arquitetura do século XX. Projetada em 1949 por Charles e Ray Eames, localizada em Pacific Palisades, Califórnia.

A colaboração entre Charles e Ray é central para compreender a importância desta casa. Ray, uma designer amplamente respeitada, desempenhou um papel fundamental no processo de concepção, tendo participado ativamente na concepção e execução do projeto. Esta parceria era uma novidade numa época em que a participação feminina na arquitetura era

limitada, devido às barreiras sociais e culturais, porém a sua presença nesta colaboração, com a sua abordagem criativa, provou que a colaboração de géneros na arquitetura pode ser uma mais-valia.

A utilização inovadora de elementos pré-fabricados e modulares é uma das características que diferenciou este projeto dos demais na época. A casa é composta por uma estrutura de aço, vidro e painéis de madeira, materiais que começaram a tornar-se populares no pós-guerra devido à sua acessibilidade e eficiência. A modularidade permitiu uma construção rápida e económica, enquanto a escolha dos materiais conferiu-lhe uma estética contemporânea e funcional. Esta abordagem inovadora à construção não só permitiu a rapidez, mas também permitia ajustes durante a execução caso fosse necessário.



Figura 43 - Fachada da Casa Eames, Fundação Eames



Figura 44 - Fachada da Casa Eames, Fundação Eames

Foi projetada para se envolver com o ambiente natural que a rodeava, situada numa encosta com vista para o oceano, e a sua morfologia tira partido dessa envolvente. Grandes panos de vidro e vão amplos permitem a entrada abundante de luz natural, criando também

uma conexão visual com a paisagem. Este princípio de integração com a natureza é um tema recorrente no modernismo e foi muito utilizado por arquitetos como Frank Lloyd Wright e Richard Neutra.



Figura 45 - Vista interior da Casa Eames, Fundação Eames

Apercebemo-nos também de uma relação entre a função e a estética, segundo a filosofia dos Eames de unir beleza e utilidade.

O legado cultural da habitação é amplo e profundo, tornando-se um marco da arquitetura moderna, além disto Charles e Ray Eames são conhecidos pelas suas contribuições em diversas áreas, design de móveis, fotografia e cinema. Simboliza uma época de inovação e criatividade no campo da arquitetura, tornando-se influencia para tendências futuras.

4.1.3. Casa Stahl, Pierre Koenig

Localizada nas colinas de Hollywood, a casa tornou-se um ícone tanto no campo da arquitetura, tanto pelo simbolismo que carrega, especialmente no que diz respeito às mudanças nos papéis de gênero e à crescente emancipação da mulher no período pós-guerra.

É uma expressão eloquente dos princípios modernistas, a estrutura em si é composta predominantemente por aço e vidro, o que lhe confere uma estética leve e arejada, além de permitir um diálogo fluido entre os ambientes interno e externo.

A localização estratégica, no alto de uma colina íngreme, oferece vistas panorâmicas de Los Angeles, dando ao espaço uma sensação de amplitude e continuidade entre o construído e o natural.



Figura 46 - Casa Stahl, Pierre Koenig



Figura 47 - Implantação da Casa Stahl, Pierre Koenig

A casa Stahl transcendeu para além da sua função como experiência arquitetónica, tornando-a um símbolo cultural mais amplo. As imagens capturadas por Julius Shulman, reconhecido fotógrafo de arquitetura, desempenharam um papel fundamental nessa transformação. Os registos fotográficos, especialmente os que retratam duas mulheres num momento descontraído e de cariz social, com a cidade iluminada ao fundo, tornaram-se representações icónicas do estilo de vida moderno e da emancipação feminina. Estas

sugerem uma narrativa em que as mulheres assumem papéis mais autônomos e independentes, utilizando a casa como um espaço de interação social e lazer, colocando de parte as normas tradicionais conhecidas até à época e as quais já abordamos.

Esta nova representação da mulher moderna, livre e independente, espelhou-se nas mudanças sociais que ocorreram no século XX, especialmente no pós- Segunda Guerra Mundial. À medida que as mulheres começaram a entrar no mercado de trabalho e a assumir papéis mais ativos na sociedade, a casa e as fotografias serviram de arte visual que encapsulou essa transição.

A casa influenciou também a cultura pop e a percepção geral do que seria o estilo de vida moderno. Além de inspirar outros arquitetos a explorarem novas formas de construção e concepção residencial, ajudou a moldar a imaginação coletiva sobre o que seria o “moderno”.



Figura 48 - Famosa fotografia de Julius Shulman, 1960

4.1.4. Women’s Memorial and Education Center

O centro, localizado em Arlington, Virginia, é um exemplo que conjuga estética, funcionalidade e simbolismo da forma mais profunda possível. Este centro homenageia as mulheres que serviram nas forças armadas dos Estados Unidos da América, criando assim

um espaço dedicado ao conhecimento e à celebração das suas contribuições ao longo da história do país.

O facto de o edifício estar implantado numa zona próxima ao Cemitério Nacional de Arlington, acrescenta uma dimensão significativa à sua conceção e ao seu propósito. Este contexto reforça a ligação entre o passado e o presente, o que nos dá um local para a reflexão sobre o papel das mulheres no serviço militar e onde é destacada a importância das suas histórias, que vem a ser marginalizadas na narrativa tradicional.



Figura 49 - Vista do cemitério para a cobertura do centro, Arlington, Estados Unidos da América

No edifício podemos encontrar uma fusão entre elementos clássicos e contemporâneos. A entrada é marcada por um arco em granito, uma referência direta ao estilo clássico que sugere solidez e permanência. Entretanto, a presença de estruturas aço com vidro, dá-nos a sensação de sensibilidade e traz consigo o contemporâneo. Esta combinação de materiais tradicionais e modernos reflete uma continuidade histórica e que nos deixa também com o sentimento de evolução da mulher, não só nas forças armadas, mas na sua vida e na sociedade.



Figura 50 - Vista para o Centro, Arlington, Estados Unidos da América

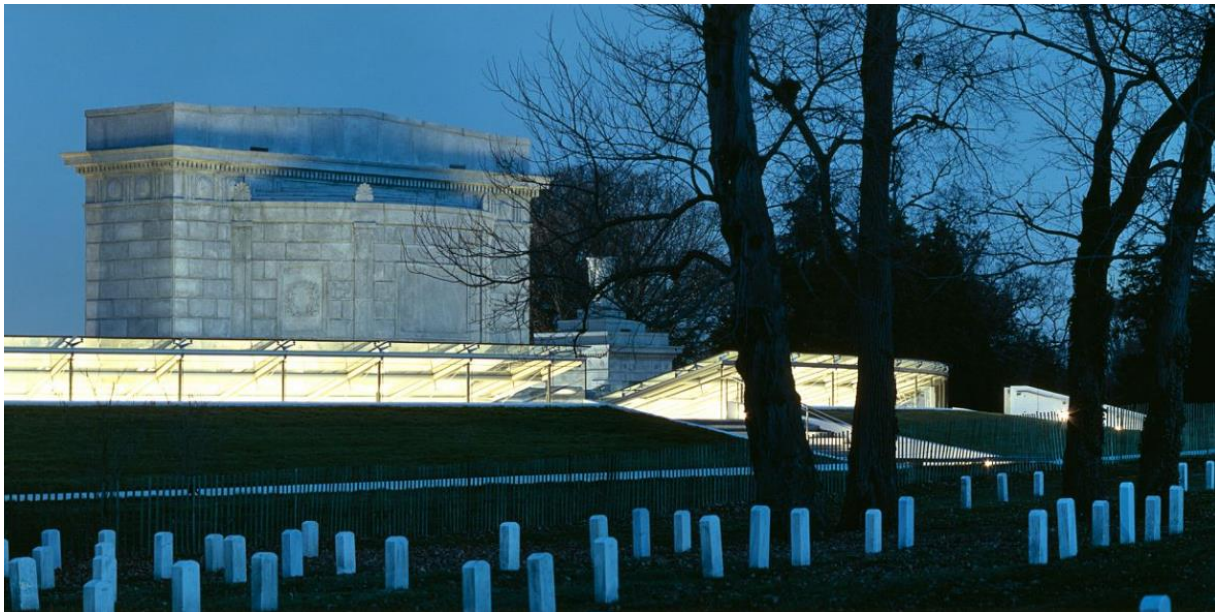


Figura 51 - Fusão de elementos contemporâneos e clássicos presentes no centro, Arlington, Estados Unidos da América

O interior é estrategicamente pensado para gerar uma atmosfera de inclusão e introspeção. A divisão dos espaços, inclui zonas de exposição permanentes e temporárias, um auditório, biblioteca e um arquivo destinado a pesquisa. Estes elementos sublinham a função do centro, como um local de memória, mas também como um centro de aprendizagem, onde o público vive o presente sem nunca se esquecer do passado.

Incorpora formas suaves, o que gera um contraste com a arquitetura tradicionalmente mais ortogonal e rígida associada ao serviço militar. Esta escolha pela utilização das formas

orgânicas sugere uma abordagem mais inclusiva e acolhedora. Outro aspecto importante é a integração de elementos naturais, os jardins e áreas verdes que cercam o edifício proporcionam um espaço de tranquilidade e contemplação, estabelecendo uma ligação entre o construído e o natural. Esta conexão com a natureza, contribui para criar uma sensação de serenidade, tornando a experiência o mais humana possível.



Figura 52 - Interior do centro, Arlington, Estados Unidos da América

Do ponto de vista sociocultural, o centro desempenha um papel fundamental na promoção da consciência e do reconhecimento do papel das mulheres nas forças armadas. Reescreve de uma forma a narrativa histórica, incluindo as vozes e experiências femininas, que foram muitas vezes negligenciadas. O centro serve, portanto, como espaço de validação e empoderamento, tanto para as mulheres que serviram como para aquelas que o decidem fazer.

4.1.5. Conclusões da análise

A inserção da mulher na arquitetura tem vindo a desempenhar cada vez mais um papel crucial na evolução da conceção arquitetónica e na transformação da forma como os espaços são desenhados, experienciados e compreendidos. Apesar da arquitetura ser uma

disciplina historicamente dominada pelo sexo masculino, a crescente presença das mulheres no campo tem vindo a introduzir perspetivas inovadoras, desafiando normas tradicionais e promovendo uma abordagem mais inclusiva e centrada no utilizador, mais concretamente o foco na experiência humana e nas necessidades emocionais e práticas das pessoas, tem gerado projetos que cada vez mais privilegiam a empatia e a funcionalidade.

Como analisado anteriormente, a Vanna Venturi House, projetada pelo arquiteto para a sua mãe, faz uma representação clara da rutura com o modernismo, pois reintroduz elementos ornamentais, a utilização de elementos tradicionais combinado com inovações pós-modernas, sugerem a fusão entre a tradição e o moderno, reforçando a ideia de que a arquitetura pode tanto servir a função como o simbolismo.

Já na Eames House, a colaboração entre géneros é um ponto crucial para o desenvolvimento de soluções arquitetónicas únicas e inovadoras. A participação ativa de Ray nesta parceria simboliza uma mudança significativa no reconhecimento das mulheres na arquitetura.

A casa Stahl, por sua vez, simboliza a emancipação feminina e a mudança de papéis de género.

Por fim, o Women's Memorial, já homenageia e reconhece o papel das mulheres num cargo que seria mais voltado para o homem

Assim sendo, a participação feminina na arquitetura tem sido essencial para promover uma abordagem mais inclusiva, as obras analisadas demonstram como a presença feminina, desafia convenções, estimula a colaboração e reflete em mudanças sociais mais amplas. A arquitetura que incorpora a experiência e a sensibilidade feminina tende a ser mais empática, gerando espaços que atendem às necessidades funcionais e emocionais dos utilizadores. Como resultado, o papel das mulheres é vital para construirmos uma sociedade mais igualitária e inclusiva, onde a arquitetura serve de espelho para as transformações sociais e é agente de mudança.

“O maior obstáculo para uma mulher na arquitetura hoje é o desenvolvimento psicológico necessário para libertar o seu potencial criativo. Para possuir suas próprias ideias sem culpa, desculpa, ou modéstia envolve a compreensão do processo criativo e o chamado “masculino” e “feminino”. Como eles funcionam em criatividade e nas relações homem-mulher”

Anne Tyng

Conclusão

A compreensão da relação entre emoções, identidades de género e arquitetura exige uma análise mais profunda das complexidades envolvidas e dos desafios enfrentados na procura por espaços que sejam genuinamente inclusivos e sensíveis para todos. Esta análise mais aprofundada visa explorar não apenas os elementos tangíveis da arquitetura, mas também nuances das experiências humanas que moldam e são moldadas pelos espaços que habitamos.

Em primeiro lugar, é crucial reconhecermos que a arquitetura vai além da mera construção física; é uma forma de expressão que pode influenciar profundamente as emoções, comportamentos e identidades das pessoas. O espaço arquitetónico tem o poder de invocar sentimentos de propriedade, conforto, segurança ou alienação, dependendo de como são concebidos e experimentados. Portanto, arquitetos devem ser sensíveis não só à funcionalidade estrutural, mas também à narrativa emocional que os seus projetos transmitem.

Ao considerarmos a influencia das emoções na experiência arquitetónica, torna-se evidente que os espaços físicos são permeados por uma complexa teia de interações emocionais. Desde a forma como a luz natural ilumina um ambiente até à escolha dos materiais e texturas que o compõem, cada elemento arquitetónico pode invocar uma resposta emocional única dos utilizadores. Portanto, os arquitetos devem ser conscientes da linguagem sensorial que utilizam nos seus projetos, procurando assim criar espaços que estimulem e enriqueçam as experiências emocionais daqueles que os habitam.

No entanto, essa procura por uma arquitetura emocionalmente ressonante não pode ser dissociada das questões de género e identidade. Historicamente, a arquitetura tem sido concebida a partir de uma perspetiva androcentrica, negligenciando as necessidades e experiências específicas das mulheres, das pessoas LGBTQ+ e de outras identidades de género marginalizadas. Isso resultou em espaços que refletem e reforçam as normas de género dominantes, muitas vezes excluindo ou marginalizando aqueles que não se enquadram nesses padrões predefinidos.

O aparecimento de novas identidades de género desafia ainda mais as conceções binárias de espaço e género, exigindo uma reavaliação profunda de como projetamos e habitamos os nossos ambientes construídos. As pessoas não se encaixam mais em categorias

rígidas de masculino e feminino, e a arquitetura deve refletir essa diversidade e fluidez de identidades. Isso requer uma abordagem mais flexível e inclusiva na concepção de espaços que possam acomodar as diversas formas de expressão de gênero, sem impor limitações ou restrições às identidades das pessoas.

A criação de espaços inclusivos e sensíveis, requer não só uma mudança de mentalidade, mas também uma mudança nas práticas arquitetônicas e nas políticas urbanas, é um desafio multifacetado e em constante evolução.

Portanto, concluímos que a arquitetura do futuro deve ser guiada por uma visão que promova a igualdade, segurança e respeito para todas as identidades de gênero, capacitando assim os espaços construídos a serem verdadeiramente reflexos da diversidade e respeito mútuo na sociedade. Esta jornada pela inclusão arquitetônica não é apenas um imperativo ético, mas também uma oportunidade para aprimorar a prática arquitetônica, enriquecendo-a com novas perspectivas, soluções inovadoras e espaços que celebrem a complexidade e diversidade da experiência humana.

Para compreender a complexidade e a profundidade da arquitetura que incorpora elementos emocionais, é necessário considerar uma ampla gama de aspectos que vão desde a relação entre a forma e a função, até ao impacto da arquitetura na psique humana.

A arquitetura, como expressão artística e funcional, tem o potencial de afetar profundamente a forma como os indivíduos percebem e interagem com o espaço que os envolve. Para que essa interação seja significativa, os arquitetos devem adotar uma abordagem que de prioridade não só à eficiência estrutural, mas também a ressonância emocional e cultural.

Uma das premissas centrais desta abordagem é o reconhecimento de que a arquitetura é uma linguagem visual e sensorial, capaz de contar histórias e provocar emoções. A arquitetura que integra elementos emocionais procura criar uma narrativa através do desenho, utilizando elementos como proporções, luz, sombra e textura para transmitir um senso de lugar e significado. Isso permite que os arquitetos concebam ambientes que reflitam uma compreensão mais profunda do contexto em que estão inseridos, tanto em termos históricos quanto culturais.

A relação entre a arquitetura e as emoções também envolve uma compreensão das respostas humanas aos estímulos sensoriais. Estudos tem revelado que elementos como iluminação, cor e textura tem efeitos fisiológicos e psicológico que podem impactar o bem-estar dos utilizadores. Por exemplo, a iluminação natural é conhecida pelo efeito positivo no humor e na produtividade, enquanto a iluminação artificial inadequada pode causar desconforto e fadiga. Da mesma forma, a cor pode ser utilizada para criar um ambiente relaxante ou estimulante, dependendo das intenções do projeto.

A utilização da textura e da materialidade na arquitetura é outro aspeto importantíssimo para a criação de ambientes emocionalmente ressonantes. A escolha dos materiais, como madeira, betão, vidro ou ferro, pode influenciar a perceção do espaço e a sua atmosfera. Texturas mais suaves e quentes, como a madeira e tecidos, tendem a criar uma sensação de conforto e aconchego, enquanto texturas mais frias e duras, como o betão e o ferro, podem transmitir uma sensação de modernidade e austeridade. A combinação de diferentes texturas e materiais permite aos arquitetos “brincar” com contrastes e criar uma paleta sensorial rica, que enriquece a experiência que temos naquele determinado espaço.

A morfologia dos edifícios e a sua organização espacial são também tópicos que devem ser tidos em consideração na conceção de uma arquitetura voltada para as emoções. Espaços abertos e fluidos tendem a transmitir uma sensação de liberdade e amplitude, ao passo que espaços mais fechados e compartimentados transmitem a sensação de privacidade e introspeção. O desenho de espaços de transição, como corredores e passagens, é igualmente importante, pois conduzem o utilizador podendo proporcionar-lhe narrativas espaciais diferentes de acordo com as nossas intenções.

O conceito de Genius Loci é, sem sombra de dúvida, uma ferramenta que permite aos arquitetos a criação de espaços emocionalmente sensíveis. Referindo-se ao “espírito do lugar”, envolve o reconhecimento de que cada localidade possui características únicas que as distinguem entre si, criando assim a identidade daquele lugar específico. Ao ser considerado, conseguimos projetar com sensibilidade ao contexto histórico e cultural, criando espaços que dialoguem com o ambiente envolvente e que promovam uma conexão emocional mais profunda com o indivíduo. Schulz (1980) enfatiza que o respeito pelo

“Genius Loci” é essencial na criação de espaços que ressoem emocionalmente com os seus utilizadores.

Ter como princípio fundamental da conceção arquitetónica a empatia e o ser humano fazem com que os arquitetos compreendam as necessidades e experiências dos indivíduos para quem estão a criar. Para isto ser possível, é importante realizar pesquisas aprofundadas sobre a comunidade ou grupo-alvo, incluindo as suas preferências, tradições e comportamentos.

A capacidade de algo ser flexível e adaptável permite que os espaços evoluam com as necessidades dos seus utilizadores. Isso pode ser alcançado através de soluções como móveis modulares, divisórias móveis ou espaços polivalentes, conferindo mais versatilidade ao ambiente construído. A criatividade e o uso do espaço tornam-se fundamentais para promover uma interação rica e diversificada, permitindo aos utilizadores explorar e adaptar os seus espaços de acordo com as suas necessidades, desenvolvendo assim a sensação de pertencimento e propriedade tão intrínseca ao ser humano.

Assim sendo, a arquitetura que incorpora elementos emocionais é uma temática complexa que exige uma abordagem holística e sensível ao contexto. Ao considerarmos fatores como iluminação, cor, textura, forma e organização espacial, assim como a demonstração de empatia pelo utilizador final, podemos criar espaços que promovam bem-estar físico e emocional. A flexibilidade, adaptabilidade e criatividade são essenciais para responder às necessidades em constante mutação, nunca nos esquecendo de ter em conta a identidade de cada lugar para onde projetamos.

Desta forma, a arquitetura torna-se uma arte que reflete e influencia a cultura, a história e a sociedade, proporcionando experiências com significado.

Bibliografia

BACHELARD, Gaston – A Poética do Espaço. São Paulo : Martins Fontes, 1993.

DAMÁSIO, António – Ao Encontro de Espinosa: As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir. Temas e Debates : Círculo de Leitores, 2012.

DAMÁSIO, António – O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cerebro Humano. 12ª ed. Lisboa : Europa – América, 1995.

ESTEVES, Ana Margarida et al. – “Eileen Gray: os elementos naturais e a estética da máquina”. Joelho 01: Mulheres na arquitectura. Revista de cultura arquitectónica. Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Coimbra: Coimbra Editora, 2010.

FERREIRA, J. M. Simões – História da Teoria da Arquitectura no Ocidente. Lisboa: Nova Vega e Autor, 2010.

FERREIRA, Virgínia – “O Feminismo da Pós-Modernidade”. In Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 24: Pós-Modernismo e Teoria Crítica. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 1988.

FERREIRA, Virgínia – “Os paradoxos da situação das mulheres em Portugal”. In Revista Crítica de Ciências Sociais, nº52/53: Vinte anos de teoria social. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 1999.

FIGUEIRA, Jorge – “Olhar para as Estrelas: notas sobre o feminino / masculino na arquitectura”. Joelho 01: Mulheres na arquitectura. Revista de cultura arquitectónica. Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Coimbra: Coimbra Editora, 2010b.

FONTES, Ana et al. – “Lina Bo Bardi: Uma arquitectura de expressão social”. Joelho 01: Mulheres na arquitectura. Revista de cultura arquitectónica. Departamento de arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra: Coimbra Editora, 2010.

GÁLVEZ, Alejandro Hernández – “Reiventing the Interior”. In El diseño de Clara Porset. México: Turner e Franz Mayer Museum, 2006.

- GIDDENS, Anthony – Sociologia. 2.º ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- KAHN, Louis I. – Conversations with Students. 2nd ed. Houston: Architecture at Rice Publications, cop. 1998.
- MONTANER, Josep Maria – Sistemas arquitectónicos contemporáneos. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2008.
- MUGA, Henrique – Psicologia da Arquitetura. Vila Nova de Gaia: Gailivro, 2005.
- OLIVEIRA, Melissa e PINHEIRO, Vitória – Cardenos ProArq. 37 v.2
- PALLASMAA, Juhani – Essências. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.
- PALLASMAA, Juhani – Olhos da Pele. Bookman, 2011.
- PALLASMAA, Juhani – Questions of Perception – Phenomenology of Architecture. 2nd ed. William K. Stout Pub, 2007.
- RODRIGUES, Sérgio Fazenda – A Casa dos Sentidos. Lisboa: Cooperativa para a Inserção Profissional em Arquitetura, 2009.
- SCHULZ, Norberg – Existencia, Espacio y Arquitectura. Blume, 1980.
- SCHULZ, Norberg – Genius Loci: Toward a Phenomenology of Architecture. New York: Rizzoli, 1984.
- SCHULZ, Norberg – Intentions in Architecture. 10th ed. Cambridge: Mit, 1997.
- SCHULZ, Norberg – Presence, Language, Place. Milano: Skira, cop. 2000.
- ZUMTHOR, Peter – Atmosferas. Gustavo Gili, 2006.
- ZUMTHOR, Peter – Pensar a Arquitetura. Gustavo Gili, 2009.

Lista de Figuras

Figura 1 - <https://smarthistory.org/gaudi-sagrada-familia/>

Figura 2 - <https://www.archdaily.com.br/br/01-53156/classicos-da-arquitetura-casa-da-cascata-frank-lloyd-wright>

Figura 3 - <https://www.culturagenial.com/renascimento/>

Figura 4 - <https://www.stevenholl.com/project/mit-simmons-hall/>

Figura 5 - <https://www.stevenholl.com/project/mit-simmons-hall/>

Figura 6 - <https://elephant.art/klaus-rinke-boden-wand-ecke-raum-1970/>

Figura 7 - <https://www.barcelonina.com/en/blog/the-origins-of-sagrada-familia/>

Figura 8 - <https://www.casabatllo.es/en/antoni-gaudi/sagrada-familia/>

Figura 9 - <https://911memorial.org/learn>

Figura 10 - <https://simplesmenteberlim.com/judisches-museum-berlin-museu-judaico-de-berlim/>

Figura 11 - <https://arquitecturaviva.com/works/biblioteca-alexandrina-5>

Figura 12 - <https://engenharia360.com/bola-gigante-na-torre-taipei-101-em-taiwan/>

Figura 13 - <https://mmebarquitetos.com/arqface-post/sydney-opera-house>

Figura 14 - <https://www.guggenheim-bilbao.eus/en/the-building#gallery-5>

Figura 15 - <https://www.archdaily.com.br/br/873845/classicos-da-arquitetura-templo-de-lotus-fariborz-sahba>

Figura 16 - <https://www.archdaily.com.br/br/873845/classicos-da-arquitetura-templo-de-lotus-fariborz-sahba>

Figura 17 - https://www.archdaily.com.br/br/928231/selo-mnma-studio?ad_medium=office_landing&ad_name=article

Figura 18 - <https://www.architonic.com/es/project/miguel-angel-aragones-rombo-iv/20037752>

Figura 19 - <https://www.archdaily.com.br/br/879331/arquivo-historico-de-oaxaca-mendaro-arquitectos>

Figura 20 - <https://www.archdaily.com.br/br/997103/caminho-do-sol-rajab-to-shawwal-1444-civil-architecture>

Figura 21 - <https://www.archdaily.com.br/br/997103/caminho-do-sol-rajab-to-shawwal-1444-civil-architecture>

Figura 22 - <https://www.archdaily.com.br/br/01-16931/classicos-da-arquitetura-capela-de-ronchamp-le-corbusier/08-rory-hyde>

Figura 23 - <https://beatrizzepon.46graus.com/portfolio/idreja-da-luz-tadao-ando-2017/>

Figura 24 - <https://invictadeazulebranco.pt/casa-da-musica/>

Figura 25 - <https://www.linkedin.com/pulse/espectro-vis%C3%ADvel-ricardo-aiello/>

Figura 26 -
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bf/Casa_Batllo_Overview_Barcelona_Spain_cut.jpg

Figura 27 - https://www.archdaily.com/915732/notre-dame-and-the-questions-it-raises-about-sacred-space?ad_source=search&ad_medium=projects_tab&ad_source=search&ad_medium=search_result_all

Figura 28 - <https://www.cidadeecultura.com/catedral-notre-dame-de-paris-franca-rosacea-vista-interior-web/>

Figura 29 - https://www.archdaily.com.br/br/01-41987/classicos-da-arquitetura-centro-georges-pompidou-renzo-piano-richard-rogers/41987_42040?next_project=no

Figura 30 - https://www.archdaily.com.br/br/01-41987/classicos-da-arquitetura-centro-georges-pompidou-renzo-piano-richard-rogers/41987_42045?next_project=no

Figura 31 - <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/museu-guggenheim-nova-york/>

Figura 32 - <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/museu-guggenheim-nova-york/>

Figura 33 - <https://www.lapedrera.com/en>

Figura 34 - <https://www.lapedrera.com/en>

Figura 35 - <https://theartmarket.es/mujeres-arte-lo-privado-lo-publico-louise-borgeois/>

Figura 36 - <https://www.architectural-review.com/essays/revisit/revisit-frankfurt-kitchen>

Figura 37 - <https://www.architectural-review.com/essays/revisit/revisit-frankfurt-kitchen>

Figura 38 - <https://www.dezeen.com/2015/08/12/postmodernism-architecture-vanna-venturi-house-philadelphia-robert-venturi-denise-scott-brown/>

Figura 39 - <https://www.dezeen.com/2015/08/12/postmodernism-architecture-vanna-venturi-house-philadelphia-robert-venturi-denise-scott-brown/>

Figura 40 - <https://www.dezeen.com/2015/08/12/postmodernism-architecture-vanna-venturi-house-philadelphia-robert-venturi-denise-scott-brown/>

Figura 41 - <https://www.dezeen.com/2015/08/12/postmodernism-architecture-vanna-venturi-house-philadelphia-robert-venturi-denise-scott-brown/>

Figura 42 - <https://www.dezeen.com/2015/08/12/postmodernism-architecture-vanna-venturi-house-philadelphia-robert-venturi-denise-scott-brown/>

Figura 43 - <https://eamesfoundation.org/galleries/exterior-tours/>

Figura 44 - <https://eamesfoundation.org/galleries/exterior-tours/>

Figura 45 - <https://eamesfoundation.org/galleries/interior-tours/>

Figura 46 - <https://malomil.blogspot.com/2013/05/stahl-house.html>

Figura 47 - <https://malomil.blogspot.com/2013/05/stahl-house.html>

Figura 48 - <https://malomil.blogspot.com/2013/05/stahl-house.html>

Figura 49 - <https://www.weissmanfredi.com/projects/512-women-s-memorial-and-education-center>

Figura 50 - <https://www.weissmanfredi.com/projects/512-women-s-memorial-and-education-center>

Figura 51 - <https://www.weissmanfredi.com/projects/512-women-s-memorial-and-education-center>

Figura 52 - <https://www.weissmanfredi.com/projects/512-women-s-memorial-and-education-center>

